



SITUAÇÃO VULNERÁVEL

Casos de violência contra idosos crescem 29% no estado em 2024

De 1º de janeiro a 2 de junho deste ano, 1.110 pessoas acima de 60 anos foram vítimas de agressão. **Página 7**

Foto: Leonardo Ariel



Canções vencedoras do Festival de Música serão conhecidas hoje

Decisão acontece a partir das 19h, no Teatro de Arena do Espaço Cultural, em João Pessoa, com apresentações dos 14 finalistas. A entrada é franca. **Página 9**



Mês de junho é dedicado à celebração de santos

Santo Antônio, São João, São Pedro e São Paulo são lembrados em momentos importantes na história do cristianismo. Devotos aproveitam o período para reforçar pedidos e agradecer graças alcançadas.

Página 5



Língua Portuguesa como meio de afirmação cultural

Adotado em mais de 10 países, o idioma possui diversidade linguística inevitável, gerando variações que fazem parte do dia a dia de mais de 260 milhões de pessoas.

Página 25

■ “Foi a partir dessa estação feliz que passei a me apropriar da cidade e de mim mesmo. Se não sou lá essas coisas, tornei-me dono da minha liberdade”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “A informação leva-nos à clareza e a um melhor discernimento sobre o mundo; leva-nos à luz, é fato. Mas o excesso de luz cega”.

Angélica Lúcio

Página 26



Foto: Arquivo pessoal

Viajar só exige ousadia e roteiro bem planejado

Quem escolhe pegar a estrada sem companhia leva consigo o desejo de autoconhecimento e independência. Mas a jornada emancipadora também possui desafios que requerem cuidado e determinação.

Página 6

Editorial

Ato de amor

O número de doações múltiplas de órgãos na Paraíba aumentou 100%, na comparação entre o período de janeiro a abril deste ano e o mesmo intervalo de tempo de 2023. Foram 26 procedimentos, o dobro do registrado no ano passado. Da dor da perda de um ente querido, sobreveio o conforto de sabê-lo condutor da única esperança de vida ou da oportunidade de um recomeço para dezenas de pessoas na fila de espera.

O aumento das doações de múltiplos órgãos — aquela em que um só doador pode beneficiar pelo menos 10 pessoas — é comemorado primeiro por não acontecer com tanta frequência, segundo por favorecer muitos indivíduos ao mesmo tempo. Além desse aumento, dados consolidados da Central Estadual de Transplantes, unidade da Secretaria de Estado de Saúde (SES), também mostram que, neste ano, a Paraíba já realizou o transplante de cinco corações, 20 fígados, 11 rins e 106 córneas, além de ter disponibilizado 35 órgãos para outros estados.

Os números apresentados são a consequência de uma soma de fatores. Desde 2019, o Governo da Paraíba tem investido na aquisição de equipamentos modernos — como uma aeronave, para o transporte de órgãos — e na qualificação constante de profissionais. Com isso, deixou de ter o pior desempenho nacional e passou a figurar entre os estados que mais se desenvolveram na doação e no transplante de órgãos, nivelando-se aos índices do Sistema Nacional de Transplantes — que garante, ao Brasil, o maior programa público de transplante de órgãos, tecidos e células do mundo.

Nesses quase cinco anos, o estado foi premiado pelo Ministério da Saúde, como Destaque na Promoção da Doação de Órgãos e Tecidos no Brasil; o Hospital Metropolitano recebeu a habilitação nacional para realizar transplantes cardíacos adultos e pediátricos; e a Central Estadual de Transplantes promoveu a interiorização do trabalho nos hospitais doadores, entre outras ações. Tudo isso amplia o nível de conscientização e de confiança das pessoas, o que se traduz na trajetória crescente nos números de captação e transplantes no estado.

A rede pública de saúde fornece, aos pacientes, assistência integral e gratuita, incluindo exames preparatórios, cirurgia, acompanhamento e medicamentos pós-transplante. Ainda assim, a quantidade de pessoas em lista de espera para receber um órgão continua grande, em todo o país — e por isso o empenho da Paraíba deve ser festejado, copiado e continuamente aprimorado.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A perseguição aos sindicalistas bancários

Em 31 de março de 1964, estoura o golpe que instalou no Brasil uma ditadura militar, afetando fortemente o movimento sindical. As entidades que representavam os trabalhadores brasileiros foram um dos principais alvos da perseguição do novo regime. Centenas delas sofreram intervenção governamental. Com a instalação da presidência golpista, entregue ao General Castelo Branco, se iniciou uma série de perseguições contra os trabalhadores e movimentos sociais de esquerda. Estabelecia-se um estado autoritário.

João Fragoso, então secretário do Sindicato dos Bancários da Paraíba, conta que: “na noite do golpe, a gente estava reunido no sindicato, comandado por Luis Hugo, discutindo um problema que tinha havido com um delegado sindical de Alagoa Grande. Então chegou um irmão de Osmar de Aquino, e deu a notícia que o Exército tinha interrompido um comício em Cruz das Armas, quando foi encaminhado ao Dops, um bancário do Banco Industrial da Paraíba, Boanerges Temóteo, permanecendo preso lá por uma semana. O delegado Silvio Neves o torturou tanto que ficou inutilizado, quebrou um braço e de lá saiu para um manicômio e rompeu os pontos de uma cirurgia de amígdalas que havia feito. Um dos companheiros da prisão, Guilherme Rabay conseguiu me enviar uma mensagem e fui visitá-lo alguns dias depois”.

Ao tomarem conhecimento do golpe, Fragoso, Aragão e Fernando Melo decidiram ficar de plantão na sede do Sindicato, que funcionava na Rua Eliseu César. Ao contrário do que declarou a polícia, justificando a intervenção, a diretoria não abandonou o sindicato, pois de lá foram expulsos. Luiz Hugo estava foragido. Passou os primeiros dias escondido na casa de um amigo. Foi incluído na primeira lista de cassação de direitos políticos por 10 anos, na edição do Ato Institucional número 1. Em abril de 1964, foi transferido, com mais quatro companheiros para a Ilha de Fernando de Noronha, ficando lá até o mês de junho, onde dividiu espaço com Miguel Arraes, governador cassado de Pernambuco. Mas foi novamente preso em 25 de julho, em virtude da reabertura do Inquérito de Subversão pelo Major Cordeiro do 15º RI. Em setembro foi demitido do emprego de professor da UFPB.

Porém, antes desse episódio do fechamento do sindicato, Fragoso relata: “fui procurado por minha irmã, Maria Madalena Fragoso, assistente social, casada com um sargento do Exército, que me mostrou uma carta assinada por 20 sargentos dispostos a resistir, contanto que Luis Hugo fosse o co-

mandante, o líder. Procurei fazer contato com sua esposa, Laís Peixoto, e foi marcado um encontro na esquina da Rua Gama e Melo com a Avenida Almirante Barroso. Todos esperançosos de que desse certo. Ele leu a carta e disse: não tem mais jeito. Jango já saiu do Brasil. Ele leu e rasgou. Jogou os pedacinhos para o vento levar. Luis Hugo nunca falou sobre isso para preservar os resistentes”.

Outro bancário a ser preso foi Derly Pereira, funcionário do Banco do Nordeste do Brasil, que viria a ser presidente do Sindicato dos Bancários da Paraíba anos depois. Quando ocorreu o golpe, trabalhava em Fortaleza, mas dois meses depois foi transferido para o 15º RI na capital paraibana e depois levado para Recife, em Pernambuco, onde ficou por dois meses no CPOR, em Casa Forte. Foi demitido do banco. Ao ser solto, passou a dar apoio a organizações que aderiram à luta armada, sendo preso em São Paulo e trazido de volta para Fortaleza.

Assim registrou Luiz Hugo Guimarães os acontecimentos que envolveram os sindicalistas na Paraíba: “O Golpe de 1964, para todos nós atingidos, continuou por longos 21 anos, com toda sorte de discriminação, marginalização, perseguição. Foram anos difíceis, em que muitos se tresmalharam nos caminhos, foram presos, massacrados, desajustaram-se, entraram na clandestinidade permanente, amargaram o exílio, tiveram os lares destruídos, morreram. Não é fácil contar isso tudo sem ódio e sem rancor. Esquecer, ninguém esquece”.

“

As entidades que representavam os trabalhadores brasileiros foram um dos principais alvos da perseguição do novo regime

Rui Leitão

Foto Legenda

Julio Cezar Peres



Arte e tradição

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Uma rua de sonhos

O xerém que nos foi servido em crônica de alguns dias pelo joffiliano Thomas Bruno, ele ressaboreando um café ainda sob o quente aroma de sua infância, deu água na boca de um outro menino remoto, aborrecido do internato no Pio XI, que se agregou à casa de um tio, em Campina Grande, isto há pouco menos de 80 anos. A casa ficava no Alto do Seixo ou dos Seixos que, com o tempo, deve ter perdido esse nome.

O velho Viana era primo distante de meu pai, ambos de origem caririzeira, acolhendome em sua casa mais pela boa vontade ou por mercê do espírito do que propriamente pelos recursos. A casa era mantida por um dos filhos, João Viana, que se conservou solteiro, enquanto pôde, ao lado dos pais e de quatro irmãs também solteiras, duas das quais solidárias com ele, pois qualidades e encantos casamenteiros não lhes faltavam.

“Como já falei, a mesa que cabe sete cabe oito” – reafirmou com franqueza esse tio-de-bondade já deixando cair os braços aconchegantes em meus ombros, chamando-me a si na hora em que meu pai se despedia.

A sala, que não era grande, parece que já me esperava. Com os três quartos ocupados, não foi problema armar aí a minha rede num ângulo que não constrangia a circulação normal. A um canto, aproveitando a claridade de uma das duas janelas fronteiras, disponibilizava-se aberta a máquina de costura, a costureira ao lado, rosto e olhar a irradiarem sua clara e serena simpatia à novidade de minha chegada; na entrada para o corredor, em trajes de cozinha, as três outras irmãs, uma delas se desculpando por estar de saída para o expediente da escola onde ensinava.

Até chegar ali, largado o regime do internato, eu me sentia coisa nenhuma dentro de uma cidade autônoma de poder, força e orgulho, mais perto que me certificasse dentro dela, sentindo o rumor barulhento e pesado de sua artéria principal a fechar ângulo com o tinido ensurdecido da rua Índios Cariris, para onde os carros do mundo inteiro vinham ser desamassados. Nessa rua, a oficina

“

Tornei-me a partir daí dono das minhas pernas e da minha liberdade

Gonzaga Rodrigues

de Luiz de Tem-tem, filho mais velho de Tio Viana, trocava as juntas de tampão dos caminhões, ainda que recém-chegados de fábrica.

E que tudo isso tem a ver com o xerém servido pela crônica de infância do meu bom confrade?

Ora, xerém de leite de manhã, no jantar, com sobremesa da aposta ou torcida das companheiras diárias de pilão no futuro alegro do cantor de banheiro (Bonequita linda!), agregado que se tornara primo querido.

Foi a partir dessa estação feliz que passei a me apropriar da cidade e de mim mesmo. Se não sou lá essas coisas, se continuo a ter medo do mundo, tornei-me a partir daí dono das minhas pernas e da minha liberdade. Sou o que sempre quis. Com 90 anos, mais de 70 sem voltar a essa rua saudosa, ainda faço fé na loteria. Continuo nessa trilha de barro batido, mais estrada do que rua, donde se avistava a casa com história de Severino Procópio, seguida do hospital do pai de Babá, meu herói do vôlei, irmão do futuro prefeito Evaldo Cruz; ainda vejo o cinema São José, a Rua Lino Gomes com Mazureik Morais atravessado na janela de casa, amigo da vida toda, pelo Açude Novo, subindo a 13 de Maio e coroando a viagem que prometia ser longa, ajudada pelos projetores do Capitólio, uma casa de sonhos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

PB conta com 157 Escolas Cidadãs Integrais Técnicas

Novo modelo de escolas do estado integra o Sistema Nacional de Educação

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

Implantado na Paraíba em 2016, o Programa de Escola Cidadã Integral é um novo modelo de escola, que integra o Sistema Nacional de Educação, e que tem o objetivo de funcionar em um horário único (integral), com um desenho curricular diferenciado. Dentro dessa proposta, as Escolas Cidadãs Integrais Técnicas (ECIT's), que funcionam no mesmo modelo, possuem o diferencial de oferecer também cursos técnicos, visando a formação profissional dos estudantes. Hoje o estado conta com 157 ECIT's, que oferecem 56 cursos diferentes, e a previsão para 2024

é de que 8.926 estudantes sejam formados através desse modelo educacional.

As ECIT's contam com as disciplinas obrigatórias que integram a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, como Língua Portuguesa, História, Geografia, Sociologia, Física, Química, Biologia, Matemática, e outras. Além disso, as escolas oferecem também componentes integradores, estudos orientados e disciplinas eletivas que são escolhidas pelos estudantes, de acordo com seus interesses e aptidões, e ainda as opções de cursos técnicos.

Ao todo, através da rede de ECIT's espalhadas por todo o estado, são ofereci-

dos 56 cursos, a exemplo de: Administração, Agroecologia, Apicultura, Confeitaria, Contabilidade, Artes Visuais, Design Gráfico, Design de Moda, Eletrônica, Segurança do Trabalho, Gastronomia, Informática, Guia de Turismo, Marketing, Publicidade, Mineração, Panificação, Programação de Jogos Digitais e outros. Assim, paralelo a conclusão do Ensino Médio, os estudantes também têm a possibilidade de fazer uma formação para atuar no mercado de trabalho.

Em sua estrutura física, essas instituições são organizadas com salas temáticas, laboratórios de informática e de ciências, refeitórios e outros espaços para ati-

vidades e vivências, onde também é possível estimular a convivência e integração entre os estudantes do Ensino Médio. Segundo informações da Secretaria de Educação da Paraíba, as ECIT's trazem benefícios à formação dos jovens, promovendo um desenvolvimento pessoal e social mais amplo, além de proporcionar que, ao concluir o Ensino Médio, o estudante também já possa ter uma formação profissional. Nesse modelo educacional, os estudantes também passam mais tempo no ambiente escolar, o que facilita o aproveitamento e apreensão dos conteúdos, além de poderem integrar projetos e outras atividades extracurriculares.

Incentivo ao desenvolvimento de projetos

Com o objetivo de incentivar iniciativas voltadas ao desenvolvimento sustentável, o Programa Celso Furtado de Inovação Educacional e Desenvolvimento surgiu em 2020, como explica o secretário da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (SECTIES -PB), Cláudio Furtado. "O programa tem a missão de consolidar a atualidade do pensamento de Celso Furtado em consonância com a Agenda 2030 e os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS's), da Organização das Nações Unidas (ONU), com o intuito de incentivar a comunidade educacional à criação de projetos capazes de dialogar com os elementos históricos e econômicos que perpassam a realidade brasileira", afirmou. Através de edital de seleção público, é possível submeter projetos, e os alunos envolvidos recebem bolsa de incentivo para o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), além de toda orientação e apoio pedagógico. Os professores mentores, também envolvidos nas propostas selecionadas, recebem igualmente uma bolsa de incentivo, com duração de um ano.

Os projetos que recebem incentivo do programa tratam de demandas reais de comunidades de todo o estado, como explica Cláudio Furtado. "Os alunos que estão inseridos em uma determinada região, em determinado contexto, eles conjuntamente com professores e com as universidades, eles podem propor projetos que buscam resolver problemas reais que afligem ali a sua comunidade, e propor produtos que venham melhorar, ou mesmo solucionar aquele problema", afirmou.

O secretário também explica que, além da participação de professores e alunos, tanto de escolas públicas como de universidades de todo o Estado, uma equipe da SECTIES-PB também monitora e acompanha o andamento dos projetos. Al-

gumas das iniciativas que receberam apoio do Programa foram premiadas em eventos estaduais e nacionais, a exemplo do projeto "Os ODS gamificados", que desenvolve jogos com base nos objetivos de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030, e foi nomeado pela comissão nacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), no Bra-

sil, para concorrer ao Prêmio Rei Hamad Bin Isa Al-Khalifa, que valoriza o uso das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC's) na educação.

Para concorrer neste concurso era preciso atender diversos critérios de seleção, como relevância da proposta, inovação, acessibilidade e inclusão, além de evidenciar o impacto do projeto e seu potencial de replicabi-

lidade, entre outros aspectos. Em 2023, o projeto "Os ODS Gamificados" também venceu o Prêmio Diplomacia Verde da União Europeia, e a Game Start, startup responsável pelo desenvolvimento do projeto, recebeu convite para participar de um painel sobre Inclusão e Diversidade na Gamescom, maior evento de games do mundo, que terá sua primeira edição na América Latina.



Secretário Cláudio Furtado (de óculos) e estudantes que participam do Programa Celso Furtado

Os projetos que recebem incentivo do programa tratam de demandas reais de comunidades de todo o estado



Alunos envolvidos no programa recebem bolsa de incentivo

UN Informe

DA REDAÇÃO

PRÊMIO ARTESANATO VIVO PREVÊ INVESTIMENTO DE R\$ 600 MIL

O Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB), lançou na sexta-feira (7) o Prêmio Artesanato Vivo. Anunciado pelo governador João Azevêdo na abertura do 38º Salão de Artesanato Paraibano em Campina Grande, o edital prevê a distribuição de R\$ 600 mil para 120 artesãos, cada um recebendo R\$ 5 mil. A iniciativa integra a Política Nacional Aldir Blanc (Pnab) de Fomento à Cultura. Destinado a artesãos e mestres do artesanato que promovem a cultura paraibana, o prêmio aceita inscrições até 5 de julho na plataforma Prosas. Podem participar pessoas físicas e microempreendedores individuais maiores de 18 anos residentes na Paraíba, que atuem com diversas técnicas e materiais artesanais. "A Pnab é crucial para dignificar trabalhadores da cultura, permitindo que vivam de suas artes," afirmou Pedro Santos, secretário de Estado da Cultura. O processo de seleção inclui habilitação e análise de objeto, com previsão de conclusão em setembro e pagamentos realizados no mesmo mês.



Foto: Secom-PB

MUDANÇA NA FOLHA DA ALPB

Termina, na próxima sexta-feira, o prazo para os servidores da Assembleia Legislativa da Paraíba abrirem conta na Caixa Econômica Federal, instituição financeira que vai gerir as contas onde são depositados os salários dos funcionários da Casa. Os servidores da ALPB estão sendo direcionados para a agência Trincheiras, que está funcionando em horário estendido, atendendo as aberturas das contas a partir das 9h.

UEPB REALIZA ELEIÇÃO

A UEPB decide na próxima quinta-feira quem será a nova reitora ou o novo reitor da instituição. A consulta a comunidade acadêmica será realizada on-line, por meio do sistema Helios Voting. Estudantes, professores e servidores técnico-administrativos podem participar da votação. As chapas concorrentes apresentaram suas propostas em um debate promovido pela comissão eleitoral na última sexta-feira.

CONSELHÃO DA UFPB

Na próxima quarta-feira ocorre a reunião dos Conselhos Superiores da Universidade Federal da Paraíba para a formação da lista tríplice que será encaminhada ao Ministério da Educação para nomeação do cargo de reitor e vice-reitor. Na consulta acadêmica a chapa vencedora foi encabeçada pelas professoras Terezinha Domíciano e Mônica Nóbrega.

SÃO JOÃO NA CAPITAL (1)

O Festival de Quadrilhas Juninas de João Pessoa começa amanhã. Neste ano, o evento acontece na Praia do Cabo Branco. A etapa municipal termina na próxima sexta-feira (14), e, no sábado, começa a etapa estadual, que segue até o dia 19. Esta é a terceira vez que o Festival de Quadrilhas Juninas acontece em João Pessoa.

SÃO JOÃO NA CAPITAL (2)

Já está aberta a inscrição para o cadastro de comerciantes interessados em trabalhar no São João Multicultural de João Pessoa que acontece de 20 a 24 deste mês no Parque Solon de Lucena. São ofertadas 200 vagas, divididas entre tendas, estruturas móveis de alimentos, bebidas e food trucks. As inscrições podem ser realizadas virtualmente, pelo site da prefeitura.

SEMINÁRIO EM CAMPINA ABORDA AGROECOSSISTEMAS RESILIENTES

Pesquisadores do Insa aprovaram proposta para realizar o "Seminário sobre Produção Animal no Semiárido: Agroecossistemas Resilientes" em Campina Grande, nos dias 16 e 17 de outubro. A iniciativa, contemplada em chamada pública da Fapesq, visa discutir técnicas sustentáveis para aumentar a resiliência dos sistemas produtivos. O evento busca promover a troca de conhecimentos sobre manejo eficiente de recursos e seleção de animais.

Foto: Ortilo Antônio



Arthur Napoleão Teixeira Filho

juiz da 13ª Vara Federal

“O Juizado Especial tem menos rigor formal, é mais rápido e mais barato”

Magistrado federal conta que os processos nos juizados são até 10 vezes mais céleres que em varas comuns

João Pedro Ramalho
joaoprimalhom@gmail.com

Os Juizados Especiais Federais (JEFs) são um braço do Poder Judiciário, criados pela Lei nº 10.259, de 2001, com o objetivo de facilitar o acesso da população à Justiça. Na semana passada, a Justiça Federal da Paraíba (JFPB) promoveu a edição local da Semana Nacional dos Juizados Especiais, evento que busca trazer maior atenção ao trabalho desses órgãos e aprimorar suas práticas. Entre as ações realizadas, esteve o encontro do Fórum Interinstitucional Previdenciário (Frip), cujo presidente é o juiz federal da 13ª Vara, Arthur Napoleão Teixeira Filho, também coordenador seccional dos JEFs. Arthur Napoleão atuou como advogado, procurador e juiz de direito até que, em 2003, ingressou na magistratura federal. Desde então, viu os juizados evoluírem ao longo do tempo. Em entrevista ao *Jornal A União*, ele explica o funcionamento e a importância do órgão e conta como foi a programação especial da última semana.

A entrevista

■ O que é o Juizado Especial?

O Juizado Especial foi idealizado como uma forma menos burocrática de atender ao anseio da população por justiça. O processo no Brasil é muito cheio de rigor, formalismo. O Juizado Especial tem menos rigor formal, é mais rápido e mais barato. Quando a pessoa vai ingressar com uma ação, ela tem que pagar custas, que é um valor para o Poder Judiciário. Só que, no Juizado, pelo menos para ingressar com a ação, não paga. Isso já amplia muito. Então, como o procedimento tem menos rigor, ele anda muito mais rápido. E a ideia é esta: dar uma solução em um tempo razoável para os interessados. Por exemplo, aqui nesta vara em que eu sou titular, a média entre o tempo em que a pessoa deu entrada com a ação e aquele em que o processo é julgado é de seis meses. Antigamente, uma ação dessas durava entre três e cinco anos.

■ Desde quando os JEFs chegaram à Paraíba?

O JEF foi instituído por uma lei de 2001 e os juizados foram implantados no Tribunal Regional Federal da 5ª Região, que é o nosso tribunal, em 2003. Na capital, nós temos dois juizados que funcionam só como JEFs, a 7ª e a 13ª varas, e temos agregados a outras varas um juizado adjunto. Lá, também tramitam ações de menor complexidade, que é para podermos dar vazão. Se ficasse tudo só conosco aqui, ficaria muito pesado, e a Vara iria ter mais de 40 mil processos. Hoje, nós temos 13 mil.

■ Essa média de três a cinco anos para as ações serem resolvidas era de antes de 2003?

Sim, demorava muito. Uma tristeza que eu tinha é que, antigamente, você pegava o processo e a pessoa que ganhou estava morta quando a gente ia pagar. Só quem recebia eram os herdeiros. Hoje em dia, é muito mais rápido, muito mesmo. Não tem nem comparação.

■ O senhor mencionou que, inicialmente, não é necessário pagar. Existe a possibilidade de ter custos com o processo?

Na primeira instância, você propõe a ação, ela vai tramitar e vai haver uma decisão. Se o juiz decidir e você não estiver satisfeito, pode recorrer. Aí, se você não tiver dito que não tinha dinheiro ou pedido a jus-

ta gratuita, vai ter que recolher as custas para recorrer. Mas, para entrar, não há necessidade.

■ Quais ações podem ser ajuizadas no Juizado Especial?

No JEF, tramitam as ações em que a pessoa faz uma reclamação contra um ente federal, como a União, o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), a Caixa Econômica Federal e os Correios. E qual é o processo que o Juizado pega? Ações contra esses entes federais e cujo valor é abaixo de 60 salários mínimos. Frisamos que não é necessário advogado, a pessoa pode chegar e propor ela mesma a reclamação, que será recebida. Mas, aconselha-se que tenha um profissional advogado, para que ele dê as orientações técnicas ao interessado.

■ É possível também entrar com uma ação criminal nos JEFs?

O JEF é cível e criminal, mas varia de acordo com o estado. Na 5ª região toda, que abrange Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, os juizados são só cíveis. Isso acontece porque depende muito da organização judiciária e da demanda. Por exemplo, essa vara aqui só pega ação do INSS. Nós recebemos uma média de 1.187 processos novos todo mês. É muita coisa.

■ São quantas pessoas para dar conta dessa quantidade de processos?

Nós temos aqui 20 servidores e dois juizes. Mas nós contamos com uma vantagem, que é a tecnologia. O processo hoje é eletrônico, que é mais rápido, porque é tudo pela internet. Não tem aquele negócio de papel. Antes, quando o advogado ia dar entrada a um processo novo, ele tinha que vir aqui ao fórum com a petição, protocolar e esperar distribuir para ver para qual juiz iria. Então, no outro dia, ele tinha que levar o processo para a secretaria, para, um dia depois, o servidor da vara ver o que era. Hoje em dia, é automático, não há necessidade de a pessoa vir aqui para acompanhar o andamento. Ela tem o amplo acesso da casa dela pelo processo eletrônico.

■ O senhor pode explicar um pouco mais como a tecnologia tem ajudado a dar celeridade aos processos?

O nosso processo já é eletrôni-

co. E nós temos utilizado robôs para que ele ande mais rápido, para que nós possamos racionalizar o serviço e dar mais rapidez. Por exemplo, as audiências são gravadas, não tem papel. Antigamente, as perguntas dos advogados eram feitas para o juiz, para que o juiz perguntasse para a pessoa e aí, quando ela respondesse, o juiz falasse a resposta para o escrivão. Hoje, tudo é gravado, então você otimiza muito. As comunicações são eletrônicas. Aqui, na 5ª Região, nós adotamos o processo eletrônico em 2005, e estamos utilizando desde então.

■ Como uma pessoa faz para entrar com uma ação no juizado?

Aqui, nós recebemos ações de indenização. Por exemplo, se o carro da pessoa foi abalroado pelo carro da Polícia Federal ou da Polícia Rodoviária. Também vêm para cá as ações previdenciárias, se a pessoa quer se aposentar ou receber um benefício por incapacidade. E como ela pode fazer? Ela pode procurar um advogado ou a Defensoria Pública, que receberão a causa, vão estudar, preparar o embrião do processo e dar entrada. Ou então ela pode comparecer aqui, à sede da JFPB. Nós temos um núcleo de Práticas Jurídicas, onde ela pode dar entrada e seguir normalmente o processo. Procura-se facilitar ao máximo que as pessoas ingressem com as ações. Mas, também tem uma via bem interessante, que é a nossa central de conciliação, o Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania (Cejus). Se a pessoa tem uma questão com a Caixa Econômica, não está reconhecendo um débito na fatura do cartão de crédito, ou pediu um benefício ao INSS, e o INSS não deu, ela pode, antes de entrar com a ação, ir a esse centro. Ela faz uma reclamação, o órgão é chamado e tenta resolver ali. Se não deu, aí sim, tenta a via judicial.

■ Qualquer pessoa pode entrar com uma ação?

Aqui no juizado, pode qualquer pessoa física, microempresas e empresas de pequeno porte.

■ Como eu faço para encontrar o Juizado mais próximo?

Maiores informações podem ser obtidas no site da Justiça Federal, que é www.jfjb.jus.br. Lá, tem todas as informações sobre o horário de funcionamento, como pode propor ação, o que deve fazer.

■ Quais são as vantagens do JEF?

É mais rápido, mais barato e mais efetivo, porque a gente vê um resultado. Duas semanas atrás, eu estava fazendo uma audiência de instrução e julgando causas em que a pessoa tinha pedido benefício ao INSS em janeiro deste ano. O INSS negou, ele entrou com um processo e, em quatro meses, eu já estava julgando o processo.

■ Eu percebi que o senhor tem boa memória. Pode contar algum caso que lhe tenha mostrado a importância do Juizado Especial?

Tem muitos. Nós, do Juizado Especial, lidamos com a parte da po-

pulação mais carente. Para você ter uma ideia: eu peço comida aqui na Justiça e, um dia, não pude comer. Aí, o pessoal já estava aí, porque veio para a audiência da tarde, e eu pedi para dar a comida a alguém. A pessoa que recebeu chegou aqui 1h30 da manhã, mas não tinha comido nada. Ele almoçou e ainda chegou para brincar comigo: “ô, doutor, agora me arranje a janta!” [Risos.] Já um dos processos que mais me sensibilizou no Juizado foi o de uma senhora, em Pernambuco. Ela recebeu uma casa do programa Minha Casa, Minha Vida, e, desde o início, pedia para que fosse um apartamento térreo. Porque ela tinha quatro filhos e um deles tinha paralisia cerebral. O menino era grande e ela bem pequenininha, bem magrinha. Ela chegou lá na Caixa e disse que não tinha como carregar o menino para cima, mas deram o terceiro ou o segundo andar. Ela tentou resolver numa boa, não conseguiu e entrou com uma ação. Eu confesso que fiquei compadecido da situação dela e julguei que ela tinha direito. E ela era tão honesta que ainda disse assim: “eu não quero nem dano moral, não quero nada, eu quero é meu apartamento para poder ficar com meus filhos”. Ela vivia de Bolsa Família, com quatro filhos, o marido foi embora e a Caixa não queria resolver um negócio desse? Mas, graças a Deus, foi resolvido. Se fosse em uma vara comum, não ia ser assim nunca, porque não ia ter esse contato dessa audiência, de ouvir a pessoa. Como aqui é menos burocrático, tem a possibilidade desse contato maior.

■ E de que forma o contato com as pessoas contribui para o seu próprio trabalho?

É meio estranho, mas, às vezes, as pessoas propõem a ação sem saber o que querem, na verdade. E, às vezes, elas querem ser ouvidas. Nós temos uma audiência de instrução em que vamos ouvir a pessoa. Ela tem a oportunidade de dizer o problema e, por meio da fala, a gente identifica que aquilo que está sendo pedido no processo não tem a ver com o que ela quer. Então, você chega à audiência, a pessoa faz aquela descarga e, às vezes, ela diz: “doutor, aqui foi a primeira vez que alguém me escutou”. Então, nós procuramos exercer a empatia e tratar bem as pessoas.

■ Na última semana, tivemos a Semana Nacional dos Juizados Especiais. Como foi a programação aqui na Paraíba?

Essa semana foi instituída pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) pretendendo dar maior visibilidade e procurando esclarecer a população sobre o que faz o juizado. Além disso, também pretendemos fazer o fortalecimento interinstitucional do JEF com outros órgãos. Em vista disso, na terça-feira (4), nós tivemos uma reunião do Fórum Interinstitucional Previdenciário (Frip). Eu, como coordenador dos juizados, sou o responsável, e o fórum foi criado com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), INSS e Procuradoria Federal para tratar dessas ques-

tões previdenciárias. Por exemplo, como a gente pode fazer o processo andar mais rápido? Já na quarta-feira (5), nós tivemos, pelo canal do YouTube da Justiça Federal da Paraíba, uma *live*, da qual participaram o juiz federal, Gilvanklim Marques de Lima, o presidente da OAB-PB, Harisson Targino, e o procurador-geral Federal aqui na Paraíba, Lucas Ramalho. Nela, tratamos de como o juizado era antes, como está e como nós o vislumbramos no futuro. Na quinta-feira (6), tivemos uma reunião com alguns órgãos, como a Advocacia-Geral da União e a Procuradoria Federal, para tratar das questões que não são previdenciárias e ver como a gente pode melhorá-las. E, durante toda a semana, também realizamos mutirão de conciliações, na parte previdenciária. Foram 90 processos, para os quais tentamos uma solução consensual.

■ Gostaria que o senhor explicasse melhor sobre o Frip, que o senhor preside.

Esse fórum foi criado para que houvesse uma maior interlocução entre aqueles que atuam na parte previdenciária. O órgão mais demandado no Brasil chama-se INSS, então, por óbvio, a gente tem que dar uma atenção maior a essas causas. Fora isso, são causas de vida ou morte. A pessoa está doente e precisando de um benefício, mas como ela está sobrevivendo? Então, esse fórum serve para que haja um maior entrelaçamento entre os órgãos, para que a máquina atue da melhor forma possível, evitando obstáculos. Algo que, infelizmente acontece é que já há entendimentos, inclusive, obrigatórios do Supremo Tribunal Federal (STF), sobre uma determinada matéria, mas o INSS não obedece.

■ O CNJ traz algumas recomendações para essa semana. Uma delas trata da cooperação entre os diferentes setores e instâncias da justiça. O que vocês têm observado de bom em outros juizados que podem trazer para cá?

Isso aí é uma constante, você contar com os colegas, procurando obter alguma boa prática. E um momento como esse é importante, porque nós conversamos e recebemos sugestões. Às vezes, você não tem a ideia do que um órgão possa trazer, então tem que estar com a mente aberta às sugestões e às críticas. Por exemplo, estamos usando um robô que facilita na hora de fazer com que as pessoas recebam dinheiro. Esse robô foi desenvolvido em Alagoas e, depois, foi estendido para todos os estados que compõem a 5ª Região. Para você ter uma ideia, eu expedia a Requisição de Pequeno Valor (RPV), que é a ordem que a gente dá ao banco para pagar a pessoa que solicitou. Antes, eram expedidas 70 RPVs por semana. Hoje, são 100 por dia, com a ajuda desse robô.

■ E como o senhor vê o futuro dos JEFs?

Eu vejo o juizado com mais auxílio da tecnologia, porque, cada vez mais, o número de ações aumenta, mas o número de servidores é sempre o mesmo. Então, eu vejo com mais tecnologia e com a busca de uma Justiça mais eficiente.

JUNHO

Mês de celebração a quatro santos

Período é de devoção a importantes ícones da Igreja Católica e coincide com a colheita do milho na Paraíba

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Santo Antônio, São João, São Pedro e São Paulo. Haja santo para um mês marcado por festas e tradições. Em junho, a Paraíba se transforma em um grande arraial, com comemorações que combinam quadrilha, fogueira, forró, comidas típicas e devoção a esses ícones religiosos. Cada santo tem o seu dia e suas particularidades. Enquanto Santo Antônio é conhecido como o casamenteiro; São João é celebrado com festa. Depois vêm São Pedro, o guardião das portas do Céu, e São Paulo para completar o ciclo de festividades. Porém, embora essas sejam as lembranças mais comuns ligadas a eles, há muitas histórias por trás desses santos juninos que muita gente desconhece. A combinação de festas torna o período

do muito alegre, principalmente no Nordeste. Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), historiador, teólogo e diácono da Arquidiocese da Paraíba, lembra que essas celebrações coincidem com um momento muito importante e simbólico para a população, que é a colheita dos frutos. “Um momento em que a própria natureza se encarrega de germinar e florescer. No Sertão e no Brejo paraibanos, colhemos o milho verde, que é ingrediente das comidas típicas. Tudo tem a ver com essa experiência da colheita”, resume o historiador.

Santo casamenteiro

O calendário junino começa com Santo Antônio, no dia 13 de junho, celebrado após o Dia dos Namorados. Mas essa sinergia de datas não é mera coincidência, já que o santo – popularmente conhecido como casamenteiro – é famoso por suas intervenções em causas amorosas. A tradição envolve simpatias e orações pedindo sua bênção para unir casais e resolver conflitos. Inclusive, tem gente que se aventura a passar por uma fenda estreita de uma pedra, a famosa Pedra de Santo Antônio, no município de Fagundes, no Agreste paraibano, para garantir o casório – basta ter fé no santo casamenteiro para que o pedido seja atendido.

Mas qual é a origem de toda essa tradição e por que o Dia dos Namorados é realmente celebrado na véspera? Vanderlan explica. “Santo Antônio, quando era padre, se preocupava com os casamentos que iriam acontecer. Ele fazia doações e campanhas para conseguir recursos para os dotes. Sem ele, não se fazia casamento”. Sua dedicação ao matrimônio e sua postura altruísta, sobretudo em relação aos mais pobres, fizeram dele esse símbolo da compaixão e caridade. Ao lado de São João, Santo Antônio é bastante popular na Paraíba, e isso tem muito a ver com a presença dos franciscanos em João Pessoa, por conta da evangelização. “A devoção se expande naturalmente por aqui, tanto que o Centro Cultural São Francisco era, em sua origem, o Convento de Santo Antônio”, complementa o diácono.

Embora Santo Antônio falasse de amor e da importância do casamento em suas pregações, uma história em particular é frequentemente associada à sua fama de casamenteiro. Em Nápolis, uma jovem, cuja família não possuía recursos para o dote, teria buscado auxílio aos pés da imagem do santo para assegurar seu casamento. E, em resposta às

suas preces, ele apareceu milagrosamente e entregou-lhe um bilhete indicando um comerciante, que lhe daria uma quantia em moedas equivalente ao peso daquele papel. A jovem, então, recebeu o dinheiro, uma oferta que o homem havia prometido a Santo Antônio, garantindo assim seu dote.

Nascido em Lisboa em 1195, Santo Antônio, também conhecido como Fernando Antônio de Bulhões, ingressou no Mosteiro de São Vicente aos 19 anos, apesar da oposição de seu pai. Sua dedicação aos estudos o levou a Coimbra, onde virou sacerdote. Conta-se que, após uma viagem frustrada a Marrocos, seu barco fez uma parada na Sicília, Itália, durante o retorno a Portugal, e nesse momento ele conheceu a Ordem Franciscana. Antônio pregou em Portugal, na França e na Itália, e faleceu com apenas 36 anos em Pádua, o que o levou a ser chamado de Santo Antônio de Pádua.

São João

Seguindo o calendário junino, a próxima data marcante é o dia 24 de junho, quando se celebra o nascimento de São João, um dos santos mais emblemáticos e festeiros desta época do ano. “Nós, nordestinos, escolhemos bem essa tradição, de um João Batista menino que se alegra. Por isso que temos tanta música e festa, como expressão dessa felicidade”, explica Vanderlan Paulo. As festividades que animam a Paraíba são tradições espelhadas na importância desse personagem bíblico, já que São João Batista é considerado “o último dos profetas” e o precursor de Jesus Cristo.

Nas escrituras, ele é creditado por anunciar a vinda de Jesus e por batizá-lo no Rio Jordão. Segundo Vanderlan, as festividades ligadas a ele são relacionadas ao tempo de preparação para a chegada do Messias. Não

à toa, o nascimento do santo também é motivo de festa. “João nasce em 24 de junho e juntamente com Jesus e Maria são os três únicos santos na vida da Igreja que celebram o nascimento”, observa o diácono Vanderlan. Até a tradicional fogueira que ilumina os festejos juninos tem uma simbologia importante relacionada a São João: ela representa a luz da vida e o homem que pregará a luz para a humanidade. Os relatos bíblicos dizem que Santa Isabel teria acendido a fogueira no alto de uma montanha para avisar a Maria, mãe de Jesus e sua prima, sobre o nascimento de seu filho.

Pregador itinerante, João Batista se tornou um líder religioso famoso na Galileia, durante o reinado de Herodes; defendia valores como retidão e virtude, sendo conhecido por batizar judeus e pagãos (recém-convertidos) nas águas do Rio Jordão.



Santo Antônio ajudava a concretizar os matrimônios



São João anunciou a vinda de Jesus e o batizou no Rio Jordão

Fotos: Evandro Pereira

São Pedro e São Paulo são lembrados pela Igreja na mesma data

Diferentemente de Santo Antônio e São João, que possuem dias específicos, São Pedro e São Paulo são celebrados juntos no dia 29 de junho, marcando o fim dos festejos juninos. Mas o que existe por trás dessa coincidência pouca gente sabe. Suas histórias se confundem com a fundação da Igreja Católica, onde ambos são vistos como pilares da fé cristã. São Pedro é considerado o primeiro papa, enquanto São Paulo é reverenciado como um dos principais evangelizadores. Juntos, eles representam a fundação e expansão do cristianismo, sendo inseparáveis na tradição católica. Segundo as escrituras,

São Pedro – originalmente chamado Simão – era pescador na Galileia. Após ser chamado por Cristo, recebeu o título de Kephias, que significa pedra em aramaico (traduzido para “Pedro” em grego). Ele foi o primeiro apóstolo a quem Cristo apareceu após a ressurreição, conhecido como “pescador de homens”, símbolo da sua missão na Igreja. O historiador, professor e teólogo paraibano, Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira, ressalta a importância de Pedro para a tradição católica. “Do bispo de hoje até Pedro, há uma linearidade. O papa atual é o bispo de Roma, assim como Pedro foi. A Igreja Católica preserva essa tradi-

ção”, explica. Ele acrescenta que celebrar a festa de Pedro é também reconhecer que o Papa continua sendo o sucessor de Pedro.

Já Paulo pode ser considerado o santo menos popular do quarteto junino. “E também o mais injustiçado, já que, do ponto de vista histórico, ele tem uma importância gigantesca. Os grandes momentos da história do cristianismo passam por alguma interpretação paulina”, aponta Vanderlan. Também conhecido como Saulo, Paulo era um judeu convicto que perseguia cristãos com veemência. No entanto, sua vida mudou radicalmente após uma experiência transformadora durante

sua viagem de Jerusalém a Damasco. No caminho, ele foi cegado por uma luz brilhante e ouviu uma voz divina que perguntou: “Saulo, por que me persegues?”. Após esse evento, ele se converteu ao cristianismo e passou a ser conhecido como Paulo, dedicando sua vida a pregar a fé que antes perseguia. “Foi uma experiência que o fez mudar tudo em sua vida”.

Além de encerrar os festejos juninos, Paulo traz uma mensagem valiosa sobre a alegria. “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram”. Isso significa que devemos compartilhar a felicidade do próximo, tornando-a nossa também.



Santo é conhecido como “pescador de homens”, simbolizando sua missão na Igreja

JORNADA EMANCIPADORA

Liberdade acompanha quem viaja só

Sentimentos de autoconhecimento e independência andam juntos daqueles que pegam a estrada desacompanhados

João Pedro Ramalho
joaopramalho@gmail.com

Viajar sozinho pode ser um hábito libertador. Na Música Popular Brasileira, várias obras abordam essa experiência, como o clássico tropicalista “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso. A canção nasceu como uma crítica à Ditadura Militar, mas, também pode ser interpretada à luz de um eu lírico que faz uma ode à liberdade de quem caminha contra o vento e desbrava o mundo. Em determinado momento, ele questiona: “Por entre fotos e nomes, os olhos cheios de cores, o peito cheio de amores vão, eu vou... Por que não?” E, afinal, por que não ir?

Assim como o protagonista da obra de Caetano, muitas pessoas da vida real encaram a estrada como o palco de uma jornada emancipadora. Então, com o desejo de sentirem-se livres, elas vão.

É o caso de Alessandra Nogueira, formada em Administração e natural de Campina Grande. Hoje, ela não tem mais um endereço fixo e caminha pelo mundo sempre com um visto de turista.

Em seu perfil no Instagram, dedicado a registrar suas viagens, a campinense define a si mesma com a palavra em sânscrito *antevasin*, que significa “pessoa que vive entre dois mundos”. Ela descreve suas experiências como uma busca constante por liberdade. “Eu não viajo para conhecer lugares, eu viajo para

“

Não se deve deixar para fazer tudo de última hora. Tenho de fazer uma breve pesquisa daquele destino que eu vou e conhecer o mínimo do local

Romilson Feitosa

me sentir livre. E cada lugar que conheço é um bônus”, afirma. Até agora, Alessandra visitou 36 países, tendo começado com um “mochilão” por Argentina, Chile e Uruguai, em 2011.

Primeira vez

Já a primeira viagem desacompanhada feita pela



Alessandra Nogueira visitou 36 países; na foto, um registro na Torre de Hércules, Espanha

jornalista Sandra Vieira, de João Pessoa, deu-se enquanto visitava amigos na cidade espanhola de Salamanca, em 1999.

Durante a estada, ela decidiu ir a Portugal, mas os anfitriões não puderam compartilhar o trajeto. Dois anos atrás, uma nova oportunidade surgiu: um inter-

câmbio de quatro meses em Dublin, na Irlanda, onde a jornalista emendou com passeios por Paris e Londres.

Crescimento

“Tive muito medo, mas enfrentei e foi a melhor experiência que tive até hoje. E viajar sozinha tem seu char-

me, é libertador, te força a conhecer pessoas, te faz crescer, conhecer a si mesma e entender que você pode muito mais do que pensa”, relata Sandra, que também conheceu Pirenópolis, em Goiás, no ano passado.

Motivos práticos

Há, ainda, quem recor-

ra a motivos práticos para justificar o hábito de desbravar, sozinho, outros lugares.

O agente de viagens Romilson Feitosa, por exemplo, costuma prospectar destinos turísticos para ofertar em sua agência. Um desses locais é Ushuaia, no extremo Sul da Argentina.

“Hoje, eu vendo Ushuaia aqui na minha agência como uma experiência pessoal, particular minha. Eu sei indicar para eles [os clientes] restaurantes, o tempo necessário para se passar lá, qual é a melhor época do ano, se neva, se faz sol, quanto é que custam os passeios. Tudo porque eu estive lá”, explica.

O costume de viajar só, contudo, não extingue a possibilidade de compartilhar novas experiências com outras pessoas. Embora descarte sentir a sensação de solidão durante os passeios a sós, Sandra Vieira gosta de dividir outras jornadas com amigos e familiares.

Autonomia

Para Alessandra Nogueira, que considera sua mãe a melhor companheira de viagem, o maior desafio é conciliar as disponibilidades de todos, algo que não acontece quando ela está sozinha.

“Se quero tomar um vinho de manhã, comer pipoca com leite condensado na hora do almoço ou simplesmente passar o dia inteiro vendo séries, em vez de estar tirando foto de ponto turístico, eu faço”, esclarece.

Desafios e situações inusitadas surgem ao longo do caminho



Sandra já viajou sozinha para cidades como Londres e Paris; ela detesta roteiros corridos

Além da sensação de liberdade, a experiência de quem viaja sozinho traz desafios. Para Sandra Vieira, o principal deles é superar o medo. “Estar em um país com culturas diferentes, língua diferente, é muito desafiador. Ter que tomar decisões rápidas e assertivas, quando surge qualquer problema, requer muita calma, equilíbrio e tranquilidade, pois você não vai contar com apoio de ninguém. Outra questão é a segurança. Sempre busco ser muito cuidadosa, evito sair à noite e ficar em locais com muito movimento, mesmo de dia”, declara a jornalista.

Já Alessandra Nogueira preocupa-se com o machismo nos lugares que visita. Ela relata que, por ser mulher e estar sozinha, já sofreu assédio em alguns países. Um deles foi Honduras. “Eu sofri uma tentativa de estupro quando estava na praia, onde um rapaz me atirou na areia e começou a tirar meu biquíni. Eu comecei a gritar e ele foi embora. Mas, quando eu fui à polícia registrar o fato, os policiais me perguntaram por que eu estava de biquíni na praia”, conta a campinense. Hoje, ela evita estar desacompanhada em países que não possuem leis que protegem as mulheres.

As vivências negativas de Alessandra, porém, são minoria em meio ao seu arsenal de histórias. Um caso inusitado

surgiu após uma situação inconveniente, quando ela perdeu seu celular em Zipolite, no México. Quem a socorreu, emprestando o telefone, foi seu colega de quarto em um hostel. Meses depois, ao visitar a Cidade do México, Alessandra encontrou-se com o rapaz e resolveu acompanhá-lo em seu trabalho. Para sua surpresa, ele atuava como *stripper*. A campinense viu-se, então, imersa na noite da capital, indo a um bar para o público *gay*, um bar de *striptease* e uma casa de *swing*. Ela confessa ter aprendido uma lição com seu novo amigo. “Eu pude ver com meus próprios olhos que todo trabalho é digno quando é executado com competência, não importa a função nem o lugar. O que dignifica é a satisfação do que [a pessoa] faz”, defende.

Como se programar

Quem pretende conhecer um novo lugar precisa se programar minimamente. Essa é a principal dica de Romilson Teixeira, que lista os cuidados necessários, independentemente de o turista estar sozinho ou não. “Não [se deve] deixar para fazer tudo de última hora. Eu tenho que ter a cautela de fazer uma breve pesquisa daquele destino aonde vou e conhecer o mínimo do local. Principalmente em questão de clima, locomoção e acessibilidade a que eu estou interessado em vi-

vienciar”, aconselha.

Em suas incursões pela Europa e pelo Brasil, Sandra Vieira seguiu essa recomendação. “Para viajar sozinha e sem agência, pois detesto roteiros corridos, eu fiz um planejamento grande. Vi todas as possibilidades, elaborei roteiro de cada lugar que eu queria conhecer, desde a chegada, transporte para deslocamento, restaurantes, o que vestir. Tive muito cuidado em saber se a cidade era segura, quais os perigos locais. Em Paris, por exemplo, eu já sabia todos os golpes que estrangeiros podem cair. Por isso, fiquei mais tranquila”.

Uma precaução que também pode ser tomada é a contratação de um seguro viagem. Opcional dentro do território nacional, ele torna-se obrigatório quando o destino é o exterior. Para Romilson, o ideal é contratar sempre, já que os pacotes preveem não apenas a cobertura a atendimentos hospitalares, mas outros serviços, como a assistência em casos de extravio de bagagem. Outra alternativa, específica às necessidades de saúde, pode ser acionada por brasileiros que viajam para Portugal, Cabo Verde ou Itália. É o Certificado de Direito à Assistência Médica (CDAM), que é gratuito e permite ao brasileiro usufruir do sistema público de saúde nos países de destino. A solicitação pode ser feita pelo sistema gov.br.

TRAUMAS NA MELHOR IDADE

Violência contra idosos cresce 29%

Mais de mil pessoas acima de 60 anos foram agredidas na PB em 2024; dramas começam com abandono e negligência

Lilian Viana
 lilian.vianacananea@gmail.com

Um dia, eles nos pegam no colo e nos ajudam a construir nossas maiores memórias. Em outro, somos nós que precisamos cuidar deles, retribuindo tudo o que nos deram ao longo de décadas – sejam como avós, pais, mães ou tios. Seria, teoricamente, o ciclo natural da vida, mas, aqui na Paraíba, muitos idosos vivenciam o contrário de todo o sossego que deveriam ter. Justo em seu momento mais vulnerável, em que o corpo e a mente, muitas vezes, sequer respondem como antes, eles têm recebido, em vez de gratidão e paciência, agressões.

De 1º de janeiro a 2 de junho deste ano, 1.110 pessoas acima de 60 anos foram agredidas no estado, segundo o Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. O número é 29% maior que o registrado no primeiro semestre de 2023.

Por dia, mais de sete idosos sofrem violência; em um mês, são, em média, 222 casos. Se considerarmos que junho apenas começou, essa taxa tende a ser mais preocupante. Seguindo a tendência, haverá mais de 1.300 ocorrências até o fim do mês, quase 55% mais casos que no semestre inicial do ano passado.

O aumento de agressões a idosos tem acompanhado o crescimento do percentual da população composta por pessoas com 60 anos ou mais. Na década de 1990, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse grupo representava 7,31% dos brasileiros. No último Censo, de 2022, a porcentagem subiu para 15,82%, uma alta de 8,5 pontos percentuais. “Aumentou a quantidade de idosos? Sim! Mas esse crescimento absurdo de casos só mostra que não estão dispostos a retribuir tudo o que recebemos dos idosos, quando eles eram ativos”, avalia a defensora pública Risalba Cavalcanti, coordenadora do Núcleo Especial de Defesa e Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência e Idosas (Neped).

Segundo ela, os tipos de violência variam muito, mas todos os casos começam com o abandono e a negligência. Pior: em grande parte, a agressão é praticada por filhos, netos e sobrinhos. “No momento em que deveriam descansar e ser acolhidos para aproveitar o descanso merecido em vida, eles são tratados com agressividade pelas pessoas mais próximas que, simplesmente, consideram o idoso um entulho ou uma mina de ouro, quando possui patrimônio”, lamenta Risalba.

Foto: Leonardo Ariel



Por dia, mais de sete idosos sofrem violência no estado; caso siga tendência, semestre deve superar marca de 1.300 ocorrências

“

No momento em que deveriam descansar e ser acolhidos, são tratados como entulho ou mina de ouro, quando possuem patrimônio

Risalba Cavalcanti

Medo de denunciar agrava subnotificação de casos

Desde 2006, o dia 15 de junho passou a ser uma data voltada à sensibilização da população para o combate à violência contra a pessoa idosa. Definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Rede Internacional de Prevenção à Violência à Pessoa Idosa, o Dia Mundial de Conscientização da Violência Contra a Pessoa Idosa deveria ser um momento de maior reflexão para garantir a segurança das pessoas com mais de 60 anos.

Entretanto, segundo o defensor público Lanco Cordeiro, que atua no Neped, o que se percebe é um aumento expressivo no número de casos de agressão desde a pandemia, agravado por uma subnotificação dessas ocorrências. “A maioria dos casos de violência contra a pessoa idosa é silenciosa e ocorre no ambiente familiar. Dificilmente,

a vítima busca ajuda, porque sente vergonha de ter sido violentada de alguma forma, e também para não perder o vínculo com o familiar. Mas é importante dizer que, ao denunciar, o idoso receberá todo o apoio para sair da situação”, alerta lanco.

A técnica de enfermagem Euzari Sancho, de 66 anos, foi uma dessas vítimas; ela sentiu medo de denunciar seus próprios irmãos por violências psicológica e patrimonial. Euzari cuidou da mãe durante 16 anos, sem qualquer apoio dos irmãos e, juntas, construíram uma casa conjugada. Nesse endereço, compartilhavam o quintal, a rotina e muito amor. “Minha mãe era tudo na minha vida. Eu a levava ao trabalho, quando não tinha com quem deixar, levava para passear. Eu vivia para fazê-la feliz – e ela era”, relata.

Mas, após a morte da genitora, há cerca de três anos, a rotina feliz de Euzari foi transformada por violência psicológica e uma tentativa de violência patrimonial, quando seus irmãos passaram a pressioná-la a sair do terreno

que ela ajudou a comprar e se apossaram do aluguel de dois imóveis de sua mãe. Mesmo em processo de luto, ela arranjou coragem para denunciar a situação. “Eles nunca quiseram ajudar a cuidar da minha mãe, com a conversa de que só

eu saberia cuidar dela. Mas, quando ela partiu, correram para conseguir a herança. Se não fosse a defensoria pública para me defender, eu não sei como conseguiria lidar com a situação”, complementa, sem conter as lágrimas.



Euzari Sancho, de 66 anos, denunciou os irmãos por violências psicológica e patrimonial

Foto: Lilian Viana

João Pessoa lidera número de processos no MPPB

Casos como o de Euzari chegam, diariamente, à Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos do Idoso do Ministério Público da Paraíba (MPPB), que age tanto nas demandas individuais como na esfera coletiva – por exemplo, ocorrências envolvendo instituições de longa permanência de idosos.

Só neste ano, o órgão atua em 119 processos relativos a crimes previstos no Estatuto do Idoso. João Pessoa é a cidade onde há mais casos de violência sendo investigados, somando 42,6% do total, se-

guida por Campina Grande (19,1%), Bayeux (11,8%) e Cabedelo (8,9%). Os municípios de Bananeiras, Serra Branca e Mamanguape têm, juntos, 17,6% desses registros.

Além de negligência, abandono e agressões (verbal e física), os casos mais corriqueiros têm sido de violências financeira e patrimonial, conforme a promotora de Justiça do MPPB, Fabiana Lobo, que acrescenta: “É uma denúncia recorrente, infelizmente. Mas o Ministério Público tem garantido a proteção do idoso, com uma atuação em rede

com diversos órgãos, como o Conselho Municipal de Idosos, os Cras [Centros de Referência de Assistência Social], os Creas [Centros de Referência Especializados de Assistência Social], a Delegacia de Proteção ao Idoso e os órgãos de saúde”.

Penas previstas

Quem pratica crimes contra pessoas acima de 60 anos está sujeito às penas previstas no Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003). Em vigor há 17 anos, a legislação assegura direitos fundamentais a

saúde, dignidade, respeito, alimentação, liberdade e outras áreas da vida dessa parcela da população. As penas incluem pagamento de multas, prestação de serviços comunitários e até prisões, que variam de dois meses até 12 anos – sendo que o responsável pode ter a sentença agravada se for familiar da vítima.

Onde denunciar

Denúncias de violações contra idosos podem ser feitas, pela vítima ou por testemunhas, por meio do Disque 100, da Secretaria de Direitos

Humanos da Presidência da República. A população de João Pessoa também pode ligar para o Disque 156, da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, ou para o Conselho Municipal dos Direitos do Idoso (83 3218-9816), que funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. Já a Delegacia Especializada no Atendimento ao Idoso fica na Av. Francisca Moura, 36, no Centro, com o telefone 83 3218-6762. Pode-se denunciar, ainda, a Polícia Militar (190), Polícia Civil (197), e em outras delegacias ou Creas.

■ Em grande parte dos casos, a agressão é praticada por familiares, como filhos, netos ou sobrinhos

Saiba Mais

■ Conheça os diferentes tipos de violência contra idosos:

- **Violência física:** uso da força física;
- **Violência psicológica:** agressões verbais ou gestuais;
- **Violência sexual:** relacionada à prática de ato ou jogo sexual, utilizando pessoa idosa;
- **Violência financeira ou econômica:** exploração imprópria ou ilegal dos idosos ou o uso não consentido de seus recursos financeiros ou patrimoniais;
- **Abandono:** ausência ou deserção dos responsáveis (governamentais, institucionais ou familiares) de prestar socorro a uma pessoa que necessite de proteção;
- **Negligência:** relacionada à recusa ou à omissão de cuidados devidos e necessários aos idosos, por parte dos responsáveis familiares ou institucionais.

ALTO SERTÃO

Pacato, próspero, agradável e Bonito

A 450 km da capital, Bonito de Santa Fé ostenta festas típicas, edificações antigas e manancial importante

Anderson Lima
Especial para A União

Inicialmente habitada por indígenas Ariús, da tribo Cariris, a região que hoje conhecemos por Bonito de Santa Fé foi, posteriormente, ocupada por invasores europeus e brasileiros vindos do Ceará, Pernambuco e outras áreas da Paraíba. De fato, muitas famílias de diversas sub-regiões do Nordeste foram atraídas pela terra, considerada pacata, próspera e de clima agradável. O município, localizado a 450,5 km de João Pessoa, soma 10.252 habitantes, de acordo com o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Turismo e eventos

Um dos destaques turísticos de Bonito de Santa Fé é a Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua, edificação com 103 anos de história, que passa atualmente por uma reforma. Outro local bastante conhecido é o açude Bartolomeu, manancial estadual que abastece a cidade e recebe muitos visitantes, principalmente em épocas de sangria. Os atrativos da zona rural do município incluem a Casa de Pedra da família Faustino e a Casa Grande do Sítio Campo Alegre, além da cachoeira do Sítio Buraco.

Entre os principais eventos da cidade, está a tradicional Festa do Padroeiro Santo Antônio. Realizado há mais de 30 anos, do dia 1º a 13 de junho, o evento se caracteriza pelas celebrações religiosas e social, com shows de bandas de forró, quadrilhas juninas e cavalgadas – estimulando o fluxo de pessoas, a cultura e a religiosidade no Alto Sertão do estado. A propósito, por meio da publicação da Lei Ordinária nº 13.063, de janeiro deste ano, a festa entrou no Calendário Turístico e Cultural da Paraíba, fato que deve representar ganhos econômicos ainda maiores à cidade, devido ao grande número de turistas que prestigiam o evento, além da geração de empregos diretos e indiretos durante o período.

Outro destaque do calendário local é a festa de emancipação política de Bonito de Santa Fé, em 15 de novembro, quando são realizadas diversas ações em benefício da população, como campanhas assistenciais e atividades culturais e esportivas, incluindo o Dia da Saúde; Pedala Bonito; feira cultural literária; corrida e caminhada na região; torneios de vôlei e xadrez; e um encontro de motos e carros antigos.

Economia

Bonito de Santa Fé tem sua economia pautada na agricultura, na pecuária e em pequenas indústrias, além de um comércio em ascensão, suficiente para suprir as necessidades locais, tanto na cidade-sede como no Distrito de Viana. A produção agrária é distribuída entre pequenas e médias propriedades. Não se registra mais a existência de latifúndios na região, mas há atividades exercidas por arrendatários, meeiros e vaqueiros.

As rendas provenientes de produtos agrícolas, porém, são sazonais e dependem, principalmente, da incidência de chuvas durante as épocas de safra, já que a agricultura irrigada ainda é incomum na cidade.

Outras duas fontes básicas de recursos predominam no município: o Poder Público e os rendimentos de aposentadorias de agricultores e ex-servidores municipais, estaduais e federais – estes contribuem para que haja uma maior movimentação no comércio local durante os primeiros dias úteis do mês.



Fotos: Divulgação/Prefeitura Municipal de Bonito de Santa Fé

Somando cerca de 10 mil habitantes, cidade foi originalmente povoada por indígenas Ariús, da tribo dos Cariris, antes da invasão europeia

Passado político tem conflito entre famílias

De acordo com o historiador Harthur Pereira Paulino, os primeiros habitantes da região que corresponde a Bonito de Santa Fé, na margem do Rio Piranhas, foram os Ariús, da tribo indígena dos Cariris. Vieram, então, colonizadores europeus e, mais tarde, brasileiros oriundos de outras áreas do estado, além do Ceará e de Pernambuco, constituindo a miscigenação como base da população da cidade. Mas a história política de Bonito de Santa Fé começa, mesmo, com a decadência da Vila de Santa Fé – hoje distrito do município de Monte Horebe –, causada pelos conflitos entre as famílias Barbosa e Viriato.

Segundo Harthur, o padre José Tomaz de Albuquerque, da freguesia de Cajazeiras, ainda tentou promover a pacificação no local, mas não obteve êxito. A consequente destruição da vila chegou a ser considerada um castigo lançado pelo padre Ibiapina, influente missionário que teria afirmado que, naquelas proximidades, nasceria a “terra da promessa”.

Bonito de Santa Fé nasceu, então, a poucas léguas das ruínas da vila, em uma propriedade da família Arruda Câmara, vendida a Martin Afonso Diniz, Manoel José de Sousa e Francisco Timóteo de Sousa. Com o



Com 103 anos, a Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua passa, atualmente, por uma reforma

passar do tempo, Bonito – como se chamava, inicialmente, o distrito vinculado a São José de Piranhas (na época, denominada Jatobá) – despertou para sua independência política. O coronel Antônio Martins de Moraes iniciou as conversações sobre a questão, junto ao então interventor da Paraíba, Argemiro de Figueiredo, e ao prefeito de São José de Piranhas na ocasião, Ma-

laquias Barbosa.

O historiador conta que, coincidentemente ou intencionalmente, para não se indispor com o gestor piranhense, Figueiredo programou uma viagem à capital do país, deixando responsável pelo expediente o seu sucessor imediato, Dr. Silva Mariz, a quem coube a responsabilidade de promulgar a emancipação de Bonito de Santa Fé. Vencidos to-

dos os obstáculos, veio a publicação, no Diário Oficial do Estado, do Decreto-Lei nº 1.164, de 15 de novembro de 1938, com a nomeação do primeiro prefeito da nova cidade, o médico Manoel Batista. Mais tarde, por meio do Decreto-Lei nº 520, de 31 de dezembro de 1943, o município de Bonito passou, finalmente, a denominar-se Bonito de Santa Fé, prestes a completar 86 anos em 2024.



A Casa Grande do Sítio Campo Alegre e a Casa de Pedra da família Faustino são alguns dos atrativos da Zona Rural da cidade

FINAL

Hora da decisão para o Festival de Música

O FMPB conhecerá hoje suas canções vencedoras; as 14 finalistas se apresentam no Espaço Cultural, a partir das 19h

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

É hoje: a grande final do 7º Festival de Música da Paraíba ocorre neste domingo, a partir das 19h, no Teatro de Arena do Espaço Cultural, com entrada franca. Na disputa, 14 músicas concorrem a prêmios de R\$ 10 mil, R\$ 7 mil e R\$ 5 mil para a primeira, segunda e terceira colocadas, respectivamente. O melhor intérprete ganha R\$ 3 mil e a música escolhida pela votação

popular on-line leva R\$ 5 mil. O público pode votar até hoje, durante o evento, realizado pela Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e pela Funesc (confira o QR Code nesta página).

Os grandes homenageados desta edição são o poeta e compositor falecido Zé Marcolino e a artista Cátia de França; ela estará no palco do festival, para uma apresentação especial. O maestro Sérgio Gallo, da banda base que acompanha os candidatos, assegura que a produção musical da

Paraíba começou a efervescer novamente no pós-pandemia. “O Governo do Estado está com força total, buscando novos nomes da MPB. Estamos muito felizes por estarmos participando mais uma vez. A expectativa é das melhores e que vença a melhor”, diz Gallo.

A reportagem de A União também conversou com os compositores finalistas, que contam um pouco sobre as músicas que (eles ou os intérpretes especialmente escolhidos por eles) defenderão logo mais.



Noite da decisão terá show especial de Cátia de França, uma das homenageadas desta edição

Concorrentes

Fotos: Leonardo Ariel



“NEGRO PODER”, de Regina Limeira e Sandra Belê

Regina: “É saudação àqueles que prepararam o chão para chegarmos aqui”. Sandra: “Exaltamos nossos ancestrais, nossos avós”.



“LAMENTO É MATO”, de S Turmalina

“A letra sai das coisas que a gente imagina, expectativas quebradas. Passa pelo juntar os cacos e desemboca na possibilidade de recomeçar”.



“DO PARAÍSO DA ACÁCIA”, de Raul Marques

“Sou apaixonado por João Pessoa e pensei, por que não fazer uma homenagem telúrica à cidade? É o meu tributo à terra que amo”.



“DOCE DE COCO”, de Tathy Martins

“É uma continuação de música finalista da segunda edição, ‘Florescer’. Quis fazer uma homenagem aos vendedores de doce das feiras do estado”.



“ODÉ”, de Laiz de Oyá e Dani Baldissera

Dani: “Tivemos influência de Os Tincoãs, grande referência pra nós”. Laiz: “o caminho da escrita, foi vindo a energia de Oxossi”.



“OUTROS SERTÕES”, de Pablo Menezes e Caio César

Caio: “Ela fala sobre as influências que a música nordestina teve”. Pablo: “É sair da lógica hegemônica em torno da nossa cultura”.



“VAMOS VIVER O AGORA”, de Ronney Araújo e Júlia Regina

“Essa música reflete o caos da sociedade e passa uma mensagem positiva sobre como encarar as incertezas do amanhã”.



“FOLHA QUE CURA”, de Helô Uehara e Pedro Paz

Helô: “A canção saúda Ossãe, orixá das folhas, do reino vegetal”. Pedro: “Pedi que Helô me enviasse uma letra, já bem afro”.



“ENFIM”, de Wister

“É uma súplica num leito de morte. Senti a necessidade de criar um personagem que, no fim da vida, enxerga o quanto a nossa existência é tolhida e sofrida”.



“CONFESSO”, de Kelven

“Gosto de criar cenários hipotéticos, como forma de emprestar alguns sentimentos meus a personagens. A música parte dessa perspectiva”.



“DALVA E LÍVIA”, de Titá Moura

“Ela é fruto de provocação sobre compor algo distante de mim. A música fala sobre duas mulheres que se amam, mas que estão imersas na repressão”.



“IMPUNE ALGOZ”, de Alcides Prazeres

“A melodia passeia por três tonalidades diferentes. A letra põe três histórias interligadas, com crimes de trânsito e o que prevalece em muitos deles: impunidade”.



“PORTA-ESTANDARTE DAS RALÉS”, de Thiago Cruz

“Minha ideia era transformar o samba em um personagem. Esse gênero deu voz e vez aos despossuídos”.



“QUILOMBO GROOVE”, de Filosofino

“Ela nasceu do sentimento de pertencimento à comunidade negra. Evocando ícones, tento unir pessoas contra o racismo”.

FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA - FINAL

- Hoje, às 19h
- No Teatro de Arena (Espaço Cultural, JP)
- Entrada franca



Através do QR Code acima, ouça e vote na sua música preferida

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sobre xadrez e futebol

Estou convencido de que o futebol de travinha exige de seus jogadores técnica, concentração e raciocínio mais apurado que o futebol de campo. Sei que muitas pessoas não levarão a sério essa afirmação. Os céticos dirão que “ser e pensar” não é a mesma coisa e que, sendo assim, não há mais verdade nisso que no mito hindu que diz que o planeta Terra está apoiado em cima de um elefante que, por sua vez, estaria sobre uma tartaruga. Objeção que tentarei, na medida do possível, contornar com demonstrações concretas. Preciso deixar claro também que não se trata de um artifício retórico ou literário, mas uma tese realmente séria que tentarei explicar com detalhes a seguir.

Quem já leu o conto “Assassinatos na Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe, deve recordar que o narrador inicia a história com uma reflexão sobre as faculdades mentais que denominamos analíticas. Ele observa a dificuldade que teríamos de analisá-las, em si mesmas, mas reconhece que seus efeitos seriam visíveis em certas pessoas – como seu amigo o detetive C. Auguste Dupin, protagonista da história, responsável por desvendar uma série de mortes misteriosas em Paris.

O personagem é conhecido por uma capacidade de dedução extraordinária, capaz de penetrar pensamentos, desvendar crimes e antecipar fatos a partir de indícios e pistas colhidas em situações cotidianas, aparentemente sem grande importância e desconexas. Tais habilidades causariam espanto em certas pessoas e imprimiriam peso demasiado forte à intuição, tirando o foco dos procedimentos metódicos e racionais. Dupin é considerado o arquétipo dos detetives policiais na literatura. Teria inspirado Arthur Conan Doyle na elaboração de Sherlock Holmes.

Talvez você esteja se perguntando

“qual é afinal a relação entre Edgar Allan Poe, C. Auguste Dupin, ‘Assassinatos na Rua Morgue’ e o futebol de travinha?” É bem simples: meu argumento em favor do futebol de travinha segue uma lógica bastante semelhante à usada pelo narrador do conto, ao afirmar que o jogo de damas é superior ao xadrez. Segundo ele: “os poderes mais altos do intelecto reflexivo são exercitados de forma mais decidida e mais útil através do humilde jogo de damas do que pela frivolidade do jogo de xadrez”. A justificativa se baseia na estrutura de ambos os jogos.

O argumento do narrador é o de que o jogo de xadrez, por ser complexo e envolver um número maior de peças e movimentos, pareceria ser mais profundo do que verdadeiramente é. Seu elemento fundamental seria a atenção, porque o erro mais trivial pode custar uma derrota que teria sua chance de ocorrer multiplicada pelas inúmeras opções de ação e movimento. A conclusão que ele chega é que o vencedor nem sempre é o mais inteligente, mas aquele indivíduo possuidor da maior capacidade de concentração. Se observarmos o jogo de damas, veremos como isso acontece de modo inverso. O número de peças e movimentos é menor, diminuindo as probabilidades de que um mísero erro se transforme num erro fatal. A vantagem não seria, portanto, conquistada com base na atenção, mas devido à maior argúcia e perspicácia dos jogadores. Imagine, diz ele, uma partida em que o jogo seja reduzido a quatro damas para cada lado. Um confronto como esse só se decidiria por meio de uma jogada sofisticada: “resultado de um grande esforço intelectual”. Como vemos, trata-se de um jogo em que o melhor analista, aquele com elevada faculdade de calcular, está sempre um passo adiante de seu oponente.

Uso essa mesma linha de raciocínio na comparação entre o futebol de travinha x futebol de campo. Este último é disputado por contingente maior de jogadores numa área de jogo extensa, com baliza de dimensões consideravelmente maiores. Algumas travinhas são construídas com tubos de aço e possuem 1 metro de altura e 1,20 de largura, outras são projetadas com dimensões menores. Muitas crianças as improvisam com tijolos, pedaços de pedra, paralelepípedos e até sandálias. As partidas tradicionalmente são disputadas por times com quatro jogadores, mas há casos em que se formam equipes com três ou dois jogadores – já presenciei confrontos entre duas pessoas. A habilidade, desse modo, prevaleceria sobre a atenção e o preparo físico do futebol tradicional.

Os atletas de futebol de campo são menos versáteis, especializados em determinada posição. Na travinha os atletas ficam obrigados a fazer uma tripla função: marcação, armação e ataque – acréscimo ainda que não existem goleiros e que alguns atletas fazem algo parecido com os pés. Outro fator importante, assim como no futsal, é que os jogadores passam um tempo maior com a bola. Isso exige mais habilidade de passes, visão de jogo e precisão de chute a gol – que naturalmente é mais exigida por causa do tamanho da meta e do jogador que faz o papel de goleiro.

Para finalizar lembro que Rinus Michel, treinador da lendária “Laranja Mecânica” – seleção holandesa de 1974, vice-campeão do mundo – idealizou e colocou em prática o conceito de futebol total. Um sistema sem posições fixas e com muita mobilidade, no qual cada jogador podia desempenhar qualquer função. Esse conceito está no âmago do futebol de travinha. É a sua essência.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Ética do diálogo

Foto: Reprodução/ Contemporary Thinkers



Filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas

A falsa tolerância é uma repressiva força ideológica, a fim de excluir, de dominar e manter um poder autoritário contra cidadãos destruídos pela miséria humana, que estão desprovidos de oportunidades para sobreviver dignamente. A crueldade de destruir para dominar torna um cidadão subordinado e submetido ao convencimento da existência de um poder maior, que deve ser obedecido. Consequentemente, a perversidade humana não contribui para o bem-estar social. Nessa situação, o ódio à democracia se apresenta como o ódio ao bem comum.

O diálogo ou a comunicação por meio da aceitação do pluralismo de ideias pode ser uma maneira de promover a educação quando as pessoas buscam interesses em comum para o benefício da coletividade. Dessa forma, um consenso ético pode ser estabelecido. No entanto, é fundamental distinguir entre ética e moral. A moral é um conjunto de normas próprias de uma cultura em um dado momento de sua história, enquanto a ética reflete a capacidade sensível e solidária de uma pessoa, dependendo de seu caráter e integridade.

Durante décadas, a paz do mundo tem sido afetada. Os acordos internacionais que buscam manter a unidade entre as nações estão sendo desobedecidos, contribuindo para a degradação do nosso planeta. Desde os anos 1970, diversos tratados foram estabelecidos, como os Tratados de Mísseis Antibalísticos e o Tratado das Forças Nucleares Intermediárias. Desde 2002, tanto os Estados Unidos quanto a Rússia se retiraram desses acordos, alegando descumprimento de obrigações e alimentando uma crescente instabilidade econômica global, resultando em tensões militares entre países. A partir de 1984, destaca-se a importância dos tratados relacionados ao uso de armas nucleares, como o Tratado de Redução de Armas Estratégicas (Start I). O Start II visava evitar o uso de múltiplas ogivas em mísseis

intercontinentais e, embora assinado em 1993, não foi efetivado. Em 2002, a Rússia se retirou do tratado em retaliação à saída dos EUA do Tratado de Mísseis Antibalísticos (ABM). Diante disso, o conflito foi estabelecido, gerando novas armas com a energia nuclear para destruir um país ou continente, desenvolvida pela ciência e tecnologia.

Em seu livro *Eclipse da Razão* (1947), o filósofo e sociólogo alemão Max Horkheimer (1895 - 1973) propõe o conceito de razão instrumental para questionar sua tendência de utilizar a técnica como meio de controle global. Por outro lado, Jürgen Habermas (1929), outro filósofo e sociólogo alemão, versa em sua obra *Teoria da Ação Comunicativa* (1981) a noção de que a razão não se resume à sua natureza utilitária. Ele prioriza e focaliza sua função comunicativa. Para Habermas, a linguagem cotidiana incorpora uma forma de racionalidade essencial, e a ação comunicativa é baseada na reciprocidade e sinceridade da fala. Assim, a interação por meio da linguagem garante que os cidadãos compartilhem um mundo construído a partir do diálogo e do respeito mútuo.

Jürgen Habermas propõe um modelo de comunicação baseado em ações compartilhadas diante de conflitos e da razão, com o propósito de promover a compreensão entre os cidadãos por meio de

um diálogo não violento, mesmo em situações de violência ou adversas. Para o filósofo, a sinceridade e o respeito pelo outro são aspectos fundamentais no diálogo. No contexto da ação comunicativa, é essencial evitar a manipulação para promover a cooperação, seja em relação ao poder político ou econômico.

Jürgen Habermas é responsável por estabelecer os fundamentos da ética da discussão, na qual as questões de moralidade são examinadas ao invés de se apoiar em um valor moral considerado como universal. Segundo sua tese, uma norma ética somente é legitimada quando é objeto de um debate livre. O ato comunicativo visa a alcançar entendimento entre os indivíduos, sendo a base para uma nova abordagem ética. A interação comunicativa deve se dar por meio de posturas nas quais os cidadãos não estejam visando exclusivamente o sucesso individual, mas, sim, buscando seus objetivos de forma a respeitar uma harmonia de ação em torno de interesses comuns, através da negociação para garantir a compreensão mútua.

A importância e a necessidade de agir comunicativo, entre os diálogos políticos, oferece bases à democracia representativa. Nos dias atuais, as estratégias utilizadas devem assegurar as participações dos cidadãos em audiências públicas, no orçamento participativo e plebiscitos. Dessa forma, legítima o agir para o bem comum.

Sinta-se convidado à audição do 473º Domingo Sinfônico, deste dia 9, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei a vida e virtuosidade da violoncelista britânica Jacqueline Mary du Pré (1945 - 1987). Apesar da doença esclerose múltipla, ela se immortalizou na música erudita pela sua paixão que imprimiu em sua arte de interpretar e a alegria de viver.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Coral sem voz

Na mais sutil, sublime e não embaçada imagem, vi e ouvi um coral sem voz no Hospital Napoleão Laureano. Tudo estava programado, menos eu ali. Era uma solenidade que me tirou da feira orgânica da UFPP, da sexta-feira impressada, mas, na luz da manhã, nada foi tão forte assim.

Antes da solenidade de entrega da Medalha Janduhy Carneiro a Germano Toscano, Harisson Targino, Nilson Crispim Júnior e Ronaldo Cardoso (pelos serviços prestados a Fundação Napoleão Laureano), aconteceu a apresentação do Coral Bela Voz, que existe há 16 anos, formado por pacientes laringectomizados totais, que foram acometidos por câncer de laringe e estão curados. O grupo formado por homens e mulheres interpretou canções de Luiz Gonzaga, Roberto Carlos, Gonzaguinha e Adoniram Barbosa, entre outros. Im-pre-ssi-o-nan-te.

Veio uma voz, uma cumplicidade e muitas vozes, a plateia atenta, uma voz testemunha, como se o vento tocasse ou alguma lembrança, um astro e seus sucessos, até o indomável maestro brasileiro, João Carlos Martins.

Quando cantaram uma canção do Roberto, seguida da canção de Gonzaguinha, de que a vida é bonita, é bonita, pensei nos jarros de flores nas janelas das ruas do Sertão e logo adiante, nas árvores de Ipanema, onde os moradores pregam orquídeas, que ficam agarradas às árvores, a sonhar com uma natureza imaginária.

Meço o intervalo entre as canções, os aplausos, a ovação que não precisam virilizar, aliás, a palavra certa é vitalizar. Não, os faróis ali iluminavam certezas, gente reunida à sua semelhança, pela raiz, de que, pelo menos por alguns instantes, somos todos iguais. E não somos, né?

Homens e mulheres, jovens e idosos com uma voz pequena, tão frágil, certos de que estão curados, sem curandeiros, sem missa, sem reza, curados por um tempo maior pela ciência.

Algo não estava engatinhando, se quebrando, algo mais forte, uma sombra adiante, lá fora suas vidas simples, pessoas simples, todas como a gente, só que já passaram pelo corredor da morte e voltaram.

Eu não acreditava no que via, a via, o viés, até depois de me perder nos corredores do Laureano, precisava urgente falar com o “médico das flores”, de Vinicius de Moraes, dizer a alguém o que eu vi e que outros possam ver também. O Coral Bela Voz do Hospital Laureano, todos com um aparelhinho junto da garganta, para suavizar a voz.

A beleza estava na junção, uns tons, outros sons. O câncer não destrói o tempo, mesmo que ele seja monstruoso, porque o campo é da luta e a vida é toda de luta e não adianta fingir, fugir.

O Coral do Laureano não está no noticiário, mas avisaram que eles já se apresentaram em vários lugares do Brasil. Ganhamos nós com suas expressões teatrais, amorosas, mais fortes que as luzes das cidades, mais forte que os escurecimentos, as torturas, os aborrecimentos, as coisas que nos adoecem tanto.

Cada número do Coral Bela Voz, um sol, escurecendo atravessando cicatrizes, uma disposição, porque paz sem voz, não é paz é medo, lá no baú do Rapa.

Kapetadas

1 - Quem pergunta pra que serve o domingo não merece dominar.

2 - Cão cego, confuso na noite, uiva para um céu sem lua.

Foto: Arquivo pessoal



O Coral Bela Voz é formado por curados de câncer de laringe

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

“Close”: Garotos de relação incompreendida

Nem sempre as relações afetivas entre duas pessoas, mais próximas, que sejam do mesmo ou de sexo oposto, devem representar algo amoral para os demais da sociedade. Mais ainda, quando se trata do acolhimento entre duas crianças em idade escolar, como é o caso de Leo e Remi, de apenas doze, treze anos de idade, no filme *Close* (2022), roteirizado e dirigido por Lukas Dhont.

Assisti ao filme com bastante atenção, sobretudo, pelo clima familiar que envolve toda a narrativa. Os garotos Leo (Eden Dambrine) e Remi (Gustav De Waele) são amigos bem íntimos e demonstram verdadeira inocência. Moram e brincam em casa e na escola, até por vezes dormem juntos. Não obstante a natureza normal e lúdica entre ambos, o filme procura explorar o caminho da intolerância moral, através de seus amigos de escola, censurando-os sobre uma situação que a história, realmente, não explica visual e narrativamente. E isso deixa o espectador com um ponto de indagação muito grande: houve na verdade sexo entre os dois garotos, antes que um deles se suicidasse?

Aliás, muita coisa fica implícita em *Close*, dependendo de conjectura do espectador. De um “possível” caso amoroso entre Leo e Rémi, e do suicídio



‘Close’: um filme que deixa perguntas no ar

praticado por um dos dois, quando são vítimas de *bullying* na escola. Fatos que, no filme, jamais são mostrados, mas insinuados, e que, a partir de então, Leo se sente culpado pela morte do amigo, como ele próprio se indaga: “Deve ter sido porque eu me afastei dele”. É como se chegassemos à conclusão de que, mais uma vez, é imposto ao espectador a obrigação de preencher um espaço em aberto na história dos dois garotos. Uma prática narrativa em todo o filme, como que nos obrigando a definir um final não mostrado pelo próprio *Close*.

Tecnicamente, destacaria no filme de Lukas Dhont a fotografia e direção

de arte de Eve Martin, que são perfeitas. As atuações dos garotos são deveras convincentes, sobretudo, a de Leo é primorosa. As emoções do personagem, depois que perde o amigo tragicamente, chega a nos comover. Mesmo porque os sentimentos dos personagens-mirins e das mães dos garotos se mostram incontidos, em alguns instantes do filme. É uma obra que fala de preconceito numa idade de transformação de vida de um jovem, a adolescência, quando a sociedade impõe maiores cobranças. A rigor, um sério e belo filme, *Close*.

Agora, não muito pela semelhança do título – *Closes*, curta-metragem feito na Paraíba, lá pelos anos 1980, em super-8, abordando a questão da homossexualidade entre jovens – o filme de Lukas Dhont me fez rever uma obra paraibana, *De Gadanho a Closes*, organizada por João de Lima Gomes e Pedro Nunes, confrades da APC. Livro esse em que sou citado pelos autores, como sendo “o primeiro a refletir sobre a produção superoitista (na Paraíba), pontuando a realização dos primeiros filmes em super-8.” Avaliação essa, que fiz no meu primeiro livro, *Cinema e Revisionismo*, publicado em 1982. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alex-santos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Coisas da vida literária

Publiquei o primeiro texto em **A União** nos idos de 1976. Não foi artigo nem crônica. Foi um poema, intitulado “Analogia”, dez anos depois inserido no livro de estreia, *A Geometria da Paixão*. O poema vinha ao lado de outros, numa página do caderno cultural, “Momento poético”, já não me recordo editada por quem. Antônio Barreto Neto, Carlos Aranha, Jurandy Moura, Carlos Romero? Não sei.

Essa página contava com a colaboração de Vanildo Brito (“Terceira canção dos cosmonautas”), Carlos Tavares (“O senhor dos campos”), Fernando Melo (“Livros na estante”), Zuila Benevides Moraes (“Cotidiano”), Francisco Noronha (“A morte do Menestrel”) e com a minha, com o poema referido, que aqui transcrevo: “Incha dentro de mim/a lua cheia que não há no céu./Bato livros e livros, e meus olhos/molhados buscam estrelas que não no céu./Incha dentro de mim/o pão nosso que não há na terra./Bato livros e livros, e meus olhos/molhados buscam homens que não há na terra”.

“Cinco poetas novos”, comenta o editor, em breve nota de apresentação, “todos inéditos até agora, são lançados hoje neste momento”. Segundo seu entendimento, “Em três deles, a preocupação social é o tema básico: Carlos Tavares canta o infortúnio do camponês, enquanto Zuila Benevides Moraes, decepcionada com o cotidiano, sonha com uma humanidade solidária e feliz, de mãos e corações unidos, e H. Barbosa Filho dá um cunho mais filosófico ao seu desencantado sentimento do mundo. Os outros dois são Fernando Melo, que se queda na contemplação lírica dos livros na estante, e Francisco Noronha, que compõe uma elegia ao Menestrel desaparecido”. E arrematando o comentário, afirma: “Como uma espécie de ‘padrinho’ dos iniciados nos mistérios da Poesia, comparece Vanildo Brito, guru da efervescente Geração 59, que conseguiu realmente sacudir o marasmo intelectual da Província, na época”.

Esse registro me parece curioso na pauta fluida e difusa da vida literária. Vanildo Brito, por exemplo, que já era um poeta consagrado em termos locais, continuou cultivando a lavoura do verso até os últimos dias de vida, deixando uma obra lírica das mais candentes da literatura paraibana. Ele, Jomar Moraes Souto, Luís Corrêa, Tarcísio Meira César faziam a linha de frente daquela geração, observada a qualidade poética do verso.

Eu, descontentas certas investidas, ingênuas e toscas, da adolescência, como que me iniciava no árduo caminho do labor poético. Caminho este que ainda percorro na altura de meus 70 anos e que, me legou muitos títulos, ao longo dos anos, parecem explorar uma temática única, cujas esferas mais intensas se resumem à perquirição da palavra, a evocação da terra, a sondagem do erotismo e a meditação acerca da angústia existencial, com todos os motivos, paradoxos e espantos de sua tessitura.

Os outros, Carlos Tavares, Fernando Melo, Zuila Benevides de Moraes e Francisco Noronha, não se definiram como poetas em suas respectivas trajetórias. A propósito, diga-se de passagem, o que não é incomum. Muitos começam pela poesia e logo a abandonam, dedicando-se a outros gêneros literários ou mesmo a outras atividades que nada têm a ver com a arte ou com a literatura. Conheço casos de candidatas a poetas que viraram corretores, burocratas, comerciantes e até agiotas.

Francisco Noronha, se aqui e ali publicava um poema, não assumiu, de fato, o ofício de poeta. Salvo engano, não chegou a publicar livros, voltando-se, no entanto, com talento e criatividade para a prática do jornalismo cultural, a que tantos serviços prestou nos periódicos locais. Isto, sem contar com as suas ações proativas na coordenação de diversos projetos de cultura junto ao Sesc.

Fernando Melo, também jornalista de respeito e enxadrista de escol, terminou se dedicando à ficção, às biografias e ao estudo minucioso sobre a obra balzaquiana, da qual se tomou pesquisador e especialista na Paraíba. Escreveu também livros de crônicas e narrativas policiais. Todavia, a seguirmos o viés do poema publicado naquela velha página de jornal, aqui já aludida, ficou o amor dos livros, enquanto a poesia, tudo leva a crer, se evaporou ao passar do tempo.

Carlos Tavares, também jornalista competente, sobretudo no ramo do jornalismo literário, tornou-se um dos nossos contistas mais vigorosos, com o seu premiado pela UFPB e publicado pela Girafa, *As Fábulas da Febre*. Carlos já se foi para outros territórios, mas deixou um romance inédito, intitulado *Desolados Lobos*; um livro de contos e duas novelas, das quais destaco *Brumário de Pedra*.

Já Zuila Benevides de Moraes, confesso que desconheço seu paradeiro, consideradas, em especial, as coisas da vida literária. Se quem me lê tiver alguma informação, procure ajudar esse velho rastreador de livros e jornais antigos. Ficarei muito grato.

APL pede apoio da APC à criação de um cineclub

No final do mês passado, o jornalista Hélder Moura, coordenador do Sol das Letras, procurou a diretoria da Academia Paraibana de Cinema, na pessoa de seu vice-presidente Mirabeau Dias, solicitando apoio para a criação de cineclub na Academia Paraibana de Letras. Segundo Hélder, seria um evento importante aos interesses culturais da instituição da qual também faz parte.

O professor Mirabeau disse que levaria o assunto ao conhecimento da diretoria da APC, na próxima reunião de junho, mas que fosse formalizado um pedido de apoio da APL à Academia Paraibana de Cinema, a respeito do assunto.



Em cartaz

Programação de hoje, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

ESTREIAS

BAD BOYS - ATÉ O FIM (*Bad Boys – Ride or Die*). EUA, 2024. Dir.: Adil El Arbi e Bilal Fallah. Elenco: Will Smith, Martin Lawrence, Vanessa Hudgens, Alexander Ludwig. Policial/ ação. Dois ex-policiais de Miami voltam à ativa para limpar o nome de seu antigo chefe. Quarto filme da série iniciada em 1995. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átmos). dub.: 17h15, 19h20; leg.: 21h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** dub.: 15h, 17h45, 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE):** dub.: 14h, 19h15; leg.: 16h30, 22h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP):** leg.: 15h45, 18h30, 21h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: 15h30, 18h15, 21h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: 15h, 17h15, 19h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 16h, 18h15, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 16h, 18h15, 20h30. **CINESERCLA PARTAGE 5:** dub.: 15h, 17h15, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 16h25, 18h45, 21h10. **MULTICINE PATOS 1:** dub.: 14h35, 16h45, 19h, 21h10.

O CARA DA PISCINA (*Poolman*). EUA, 2023. Dir.: Chris Pine. Elenco: Chris Pine, Jennifer Jason Leigh, Danny DeVito, Annette Bening. Comédia/ mistério. Sujeito que trabalha na piscina de um condomínio de Los Angeles investiga um político corrupto e enfrenta um especulador imobiliário. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 19h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1:** leg.: 22h10. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** leg.: 20h50.

GRANDE SERTÃO. Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes. Elenco: Luísa Arraes, Caio Blat, Rodrigo Lombardi, Luis Miranda, Eduardo Sterblitch. Drama/ aventura. Em uma guerra entre policiais e criminosos em uma comunidade periférica, professor entra no conflito seguindo amigo por quem sente sentimentos conflitantes. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 14h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1:** 19h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** 15h15, 18h15. **CINESERCLA TAMBÁ 2:** 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 20h15.

HAIKYU 4 – A BATALHA DE CONCEITOS (*Gekijōban Haikyū – Gomi Suteba no Kessen*). Japão, 2017. Dir.: Susumu Mitsunaka. Comédia/ animação. Time colegial de vôlei se prepara para enfrentar difíceis adversários em torneio nacional. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 17h.

OS OBSERVADORES (*The Watchers*). EUA, 2024. Dir.: Ishana Shyamalan. Elenco: Dakota Fanning, Georgina Campbell, Olwen Fouéré. Terror. Mulher se vê presa com três estranhos em um ambiente onde são observados por misteriosas criaturas todas as noites. 1h42. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 16h45; leg.: 21h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2:** dub.: 13h15, 18h; leg.: 15h30, 20h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 19h, 21h30. **CINESERCLA TAMBÁ 2:** dub.: 18h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h15.

CONTINUAÇÃO

AMIGOS IMAGINÁRIOS (ff). EUA, 2024. Dir.: John Krasinski. Elenco: Ryan Reynolds, Cailey Fleming, John Krasinski (voz), Steve Carrell (voz). Vozes na dublagem brasileira: Murilo Benício, Giovanna Antonelli. Comédia. Garota começa a ver amigos imaginários abandonados quando os amigos reais deles envelheceram. 1h44. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** dub.: 13h50, 16h15, 19h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 14h. **CINESERCLA TAMBÁ 1:** dub.: 16h45, 18h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h45, 18h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h40.

THE CHOSEN – OS ESCOLHIDOS: TEMPORADA 4 – EPISÓDIOS 7 E 8 (*The Chosen*). EUA, 2024. Dir.: Dallas Jenkins. Elenco: Jonathan Roumie, Lara Silva, Paras Patel. Drama/ religioso. Compilação dos dois primeiros episódios da quarta temporada da série sobre a vida de Jesus. 2h42. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h40.

OS ESTRANHOS – CAPÍTULO 1 (*The Strangers – Chapter 1*). EUA, 2024. Dir.: Renny Harlin. Elenco: Madelaine Petsch, Froy Gutierrez, Matus Lajcak. Suspense. Casal obrigado a passar a noite em uma cabana isolada é aterrorizado por três estranhos mascarados. terceiro da série iniciada por *Os Estranhos* (2008). 1h31. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 21h30. **CINESERCLA TAMBÁ 2:** dub.: 14h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h40. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dub.: 17h20.

FURIOSA – UMA SAGA MAD MAX (*Furiosa – A Mad Max Saga*). Austrália/ EUA, 2024. Dir.: George Miller. Elenco: Anya Taylor-Joy, Chris Hemsworth, Tom Burke. Aventura/ ficção científica. Em um futuro apocalíptico, jovem sequestrada de seu lar por uma horde de motoqueiros luta para escapar. Derivado de *Mad Max – Estrada da Fúria* (2015). 2h28. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 17h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP):** leg.: 14h15, 17h30, 20h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: 16h15, 22h. **CINESERCLA TAMBÁ 1:** dub.: 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h30, 20h50. **MULTICINE PATOS 3:** dub.: 20h10.

GARFIELD – FORA DE CASA (*The Garfield Movie*). Reino Unido/ EUA/ Hong Kong, 2024. Dir.: Mark

Dindal. Comédia/ aventura/ animação. O gato Garfield reencontra o pai e acaba metido em um assalto do assalto. 1h41. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dub.: 15h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: 13h30, 16h, 18h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 16h30. **CINESERCLA TAMBÁ 5:** dub.: 15h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h15. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h30. **MULTICINE PATOS 3:** dub.: 3D: 15h20, 17h45.

IMACULADA (*Immaculate*). EUA/ Itália, 2024. Dir.: Michael Mohan. Elenco: Sydney Sweeney, Álvaro Morale, Simona Tabasco. Terror. Jovem mulher religiosa é recebida em um convento, mas enfrenta forças do mal quando se descobre grávida. 1h29. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h45, 17h15, 19h30; leg.: 21h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: 14h15, 19h30. **CINESERCLA TAMBÁ 2:** dub.: 16h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h25. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h40, 21h25.

AS LINHAS DA MINHA MÃO. Brasil, 2024. Dir.: João Dumans. Documentário. A escritora Viviane de Cássia Ferreira e sua relação com a arte e a loucura. 1h20. 14 anos.

João Pessoa: CINEBANGUÊ: 17h.

NADA SERÁ COMO ANTES – A MÚSICA DO CLUBES DA ESQUINA. Brasil, 2024. Dir.: Ana Rieper. Documentário. O processo criativo do grupo de músicos mineiros que lançou os discos *Clube da Esquina 1 e 2* nos anos 1970. 1h18. 10 anos.

João Pessoa: CINEBANGUÊ: 15h.

PLANETA DOS MACACOS – O REINADO (*Kingdom of the Planet of the Apes*). EUA, 2024. Dir.: Wes Ball. Elenco: Owen Teague (em captura de movimento), Freya Allan, William H. Macy. Ficção científica/ aventura/ drama. Em um futuro onde macacos dominam a Terra e caçam humanos, um jovem primata começa a questionar o que foi ensinado a eles. Quarto da série iniciada em *Planeta dos Macacos – A Origem* (2011). 2h25. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** dub.: 13h45, 16h45; leg.: 20h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** dub.: 14h30, 17h30, 20h45. **CINESERCLA TAMBÁ 5:** dub.: 17h15, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 17h15, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h20. **MULTICINE PATOS 4:** dub.: 19h35.

REAPRESENTAÇÃO

A HORA DA ESTRELA. Brasil, 1986. Dir.: Suzana Amaral. Elenco: Marcélia Cartaxo, José Dumont, Tamara Taxman, Fernanda Montenegro. Drama. Migrante nordestina ingênua tenta viver em São Paulo e se apaixona por um operário bruto. 1h36. 12 anos.

João Pessoa: CINEBANGUÊ: 19h.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manáira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

MÚSICA

Dedicado à memória de Zé Marcolino

Memorial em Sumé reúne objetos usados pelo compositor paraibano, e ideia é transformar em museu

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

“Ele sempre dizia a mim que achava que ia morrer com 200 anos e eu não entendia muito bem. Papai dizia, ‘eu vou viver muitos anos, depois você vai entender’ e eu acho que ele vai realmente viver muito porque o trabalho, a obra dele está sendo muito bem recebida e as pessoas não esquecem, pelo fato de tocarem sempre as músicas dele”. O trecho é de Fátima Marcolino, uma das filhas do poeta e compositor Zé Marcolino, falando para o programa *Fala Paraíba*, da Tabajara FM, edição do dia 31 de maio de 2024, por conta da cobertura do 7º Festival de Música da Paraíba (FMPB). O poeta é homenageado pelo sétimo FMPB (além da cantora e compositora Cátia de França). Em sua terra natal, o Sumé, anfitriã das eliminatórias do FMPB, no fim de semana passado, existe o Memorial São Tomé do Sucuru, onde o visitante pode conhecer um pouco da vida e obra do compositor. José Marcolino Alves, mais conhecido como Zé Marcolino, nascido em 20 de junho de 1930, José Marcolino Alves foi, além de poeta e compositor, carpinteiro, barbeiro e vaqueiro. Morreu em 19 de setembro de 1987 por conta de um acidente de trânsito no município de Carnaíba, em Pernambuco. O compositor chegou a residir com Luiz Gonzaga no Rio de Janeiro, mas acabou morando em Serra Talhada, em Pernambuco, até sua morte. Suas canções ganharam repercussão nacional por conta de artistas consagrados que cantaram seus versos, como é o caso de Gonzagão e Flávio José.

Em Sumé, existem diversas ações e equipamentos que levam o seu nome, por respeito e reconhecimento à sua obra. Podemos encontrar praça, festivais, memoriais, concursos de redação e até mesmo um bairro que leva o nome do poeta.

Conforme Francisco de Moura, historiador responsável pelo Memorial São Tomé do Sucuru, “aqui no acervo, a gente tem um livro, *Cantadores, Prosas, Sertanejo e Outras Conversas*, que é de autoria do próprio Zé Marcolino e foi lançado após sua morte, em 1987. Temos cordeis e livros de outros autores que representam a obra de Zé Marcolino, como Marcos Passos, Luizinho Batista e Zito Junior”.

A cidade possui um bairro que leva o nome de Zé Marcolino, com ruas que têm nomes de músicas da autoria do compositor. Em Zé Marcolino, podemos caminhar pelas ruas Pássaro Carão, Sala de Reboco, Cacimba Nova, Manoel Braz de Macedo e Serrote Agudo. O bairro foi inaugurado no final dos anos 1990, por iniciativa de um dos maiores fã do compositor, Danda.

Acervo Zé Marcolino

Jurandir Ferreira de Oliveira, mais conhecido como Danda, já foi vereador de Sumé e, juntamente com José Antônio, propuseram a criação de um bairro em homenagem ao poeta, como uma forma de valorização e reconhecimento de sua obra. A paixão pela obra do artista é tamanha que tornou Danda referência sobre o poeta na cidade. Devido à sua paixão, Danda foi acumulando diversos objetos que constituem um grande acervo, o qual planeja transformar em Museu Zé Marcolino.

Danda coletou diversos tipos de objetos, desde jornais, manuscritos do próprio compositor até vestimentas e uma caixa de fósforos usada pelo poeta. A coleção iniciou em 1988, na missa em homenagem à morte do poeta, realizada em Serra Talhada, no estado de Pernambuco. A missa virou tradição e todo ano é realizada, como uma forma de preservar a memória da obra do artista. Danda, inclusive, já recebeu um pequeno troféu para homenageá-lo por presença permanente no evento e é reconhecido pela atenção e carinho quanto aos objetos que remetem ao compositor, que uma parte expressiva de seu acervo foi doada pela própria família de Marcolino.

Para o colecionador, o mais importante em preservar o acervo é reconhecer a grandeza da obra de Marcolino enquanto importante cronista do Sertão nordestino e como ele soube se expressar de maneira tão singular, revelando toda a beleza da árida paisagem do Cariri.

“O nosso objetivo é levar [o nome de Marcolino] adiante porque foi uma coisa que ele deixou para gente, através da música, ele diz muita coisa para o nosso Nordeste, contou história de tudo, de pessoas bravas. Ele só queria ter um pedacinho de terra para trabalhar para ter dignidade”, destaca Danda.

Fotos: Leonardo Ariel



Discos, peças de roupa, recortes de jornal formam a memorabilia de Zé Marcolino; o compositor até batiza um bairro, e suas canções são os nomes das ruas

Jurandir de Oliveira, o Danda (acima), preserva o acervo e conseguiu coletar até uma caixa de fósforos usada pelo autor de “Sala de reboco”

VAGAS NA CÂMARA

Representatividade é desafio em JP

Apesar de serem maioria na população, mulheres se candidatam menos e dificilmente são eleitas na capital

Tiago Bernardino
tiago.bernardino@gmail.com

O número de vereadores eleitos para a Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) aumentará, nas eleições deste ano, de 27 para 29. Porém, a representatividade da população ainda é um problema para o legislativo municipal. A maior distorção na representatividade é a questão de gênero.

Apesar de representar a maioria na população e no eleitorado em João Pessoa, as mulheres se candidatam menos e são ainda menos eleitas representantes da população. No município, 53,3% dos habitantes são mulheres, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em termos de eleitorado, as mulheres representam 55%.

O número de candidaturas do sexo feminino, em João Pessoa, é próximo ao mínimo determinado pela legislação eleitoral. De acordo com Código



Se o parlamento é o representante da sociedade, o bom é que no parlamento também tenha representantes de diversos segmentos

Maria de Fátima Ramalho

Eleitoral, 30% das candidaturas aos cargos de vereador, deputado estadual e deputado federal devem ser de mulheres. No caso das Eleições 2020, em João Pessoa, 32% das candidaturas eram de pessoas do sexo feminino, mas só uma mulher foi eleita, Eliza Virgínia (PP). No entanto, a CMJP passou quatro meses sendo ocupada apenas por homens, em razão da ascensão de Eliza à Câmara Federal. Ontem, Raíssa Lacerda (PSB) assumiu a vaga deixada pelo Professor Gabriel, morto em 27 de maio. Porém, a Casa não contará com duas mulheres até o fim da legislatura, já que, em breve, Eliza deve se ausentar novamente, por mais quatro meses.

O cientista político e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), José Artigas, explica que a cultura social, política, hierárquica e machista da Paraíba faz com que a desigualdade de gênero seja amplificada em relação ao

restante do Brasil e do mundo. “Hoje temos no Congresso Nacional 15% de mulheres e, se vamos para a Paraíba e para João Pessoa, esse número é muito menor. A Paraíba se destaca nacionalmente, e até mundialmente, no índice de feminicídio, e isso é um exemplo da persistência do machismo e do preconceito estigmatizado em relação às mulheres”, disse.

Cota de gênero

A cota de candidaturas de mulheres é determinada pela legislação eleitoral. Pela lei, o número mínimo de mulheres candidatas é de 30%. Artigas explana que esse incentivo para as candidaturas femininas não é o suficiente para que haja uma efetiva representação nos espaços de poder.

“A legislação eleitoral evoluiu nas últimas eleições, não apenas com as cotas de 30% das candidaturas, mas ao exigir uma cota mínima de distribuição do fundo partidário e



Os partidos políticos refletem uma desigualdade histórica. Homens brancos são privilegiados em suas candidaturas

José Artigas

do tempo de propaganda eleitoral. Sem dinheiro, ninguém se elege. O dinheiro é que determina a possibilidade ou não de uma candidatura se eleger. Sem o recurso do fundo eleitoral, sem tempo de televisão, é óbvio que as candidatas mulheres não decolam”, esclarece José Artigas.

Em comparação com outros países em desenvolvimento, o Brasil fica atrás na participação das mulheres nos cargos legislativos. Artigas cita como exemplo o México, que elegeu a sua primeira mulher presidente e possui um parlamento mais igualitário e representativo em sua composição. “O Brasil vai levar 60 anos para chegar ao nível de participação das mulheres no Congresso Nacional e nas casas legislativas apenas com o incentivo institucional a candidaturas de mulheres”, disse, ao defender que haja uma cota de vagas nos parlamentos e não apenas de candidaturas.

Partidos precisam estimular diversidade racial e de gênero

Na Paraíba, a fraude à cota de gênero, por meio de candidaturas “laranjas”, levou à cassação do mandato de 105 vereadores em 31 municípios. Para a eleição deste ano, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprovou a Súmula 73 que orienta partidos políticos, federações, candidatas, candidatos e julgamentos da própria Justiça Eleitoral sobre fraude à cota de gênero.

De acordo com o TSE, a súmula estabelece que candidaturas com votação zerada ou inexpressiva, prestação de contas zerada, padronizada ou ausência de movimentação financeira relevante, ausência de atos efetivos de campanha e divulgação ou promoção da candidatura de terceiros são elementos que podem configurar a fraude à cota de gênero. Nesses casos, a norma prevê a aplicação das seguintes penas: cassação do Demonstrativo de Regularidade de Atos Partidários (Dráp) da legenda e dos diplomas dos

candidatos a ele vinculados, independentemente de prova de participação, ciência ou anuência deles; inelegibilidade daqueles que praticaram ou anuíram com a conduta, nas hipóteses de Ação de Investigação Judicial Eleitoral (Aije); e nulidade dos votos obtidos pelo partido, com a recontagem dos quocientes eleitorais e partidários, inclusive para fins de aplicação do Código Eleitoral.

A juíza da 64ª Zona Eleitoral em João Pessoa, Maria de Fátima Lúcia Ramalho, adverte que a Justiça Eleitoral acompanhará as candidaturas e fiscalizará o cumprimento das cotas de gênero e o atendimento da súmula do TSE. “A Justiça Eleitoral tem os meios de fiscalizar, inclusive com o Ministério Público Eleitoral. Nós podemos mandar fazer vistorias *in loco*. Temos os oficiais de Justiça para isso e, hoje, com a mídia de modo geral, fica bem mais fácil de fazer esse

levantamento”, garante a juíza Lúcia Ramalho.

Ainda sobre a fraude da cota de gênero, a juíza alertou que as candidatas também precisam ficar atentas, pois não só as candidaturas eleitas serão prejudicadas, como as candidatas “laranjas” também podem responder civil e criminalmente pela fraude.

Legendas são responsáveis

A juíza conta ainda que é preciso que os partidos políticos incentivem e estimulem as candidaturas das mulheres para que possam ter um parlamento representativo para a sociedade. “O parlamento não é tão bom quando todos pensam da mesma forma. Se o parlamento é o representante da sociedade, o bom é que ele também tenha representantes de diversos segmentos, inclusive, das mulheres”, destaca.

Os partidos políticos, segundo a juíza Lúcia Ramalho, têm um papel preponderante

nessa trabalho de incentivar e estimular as candidaturas de mulheres. “Cada partido tem o seu núcleo de mulheres, então isso é uma forma de recrutar, de convidar essas pessoas a entrar na política e, assim, fazer um parlamento bem diverso. Em João Pessoa, nós vamos ter 29 vereadores na próxima legislatura. Deveríamos ter pelo menos de 30% a 40% das cadeiras ocupadas por mulheres”, analisa.

O papel dos partidos políticos para que as mulheres consigam espaço nas casas legislativas é fundamental. José Artigas diz que os partidos, em sua grande maioria, tanto do espectro político da direita como da esquerda, mantêm uma estrutura organizacional machista que impede as mulheres de participar das decisões partidárias.

“No Brasil, temos uma profunda desigualdade na composição partidária. Se ob-

servarmos, poucos partidos possuem cotas para a participação das mulheres nas executivas dos partidos. E a falta de estímulo para participação na política intrapartidária provoca um desestímulo para a participação das mulheres nas eleições”, opina o cientista político.

Também se posiciona assim a ex-deputada e atual presidente do PSDB Mulher, Iraê Lucena, que luta por uma participação mais efetiva das mulheres nos partidos. “O que ainda falta é a oportunidade de participação nos cargos de direção do partido. O ideal é que a gente ocupe metade das vagas nas executivas, para juntas lutarmos por mais recursos e espaço para as candidaturas”, propõe.

Desigualdade por cor

A representatividade racial também apresenta distorção em João Pessoa. Os vereadores que se declaram de cor branca ain-

da são maioria na CMJP. De acordo com os dados disponibilizados pelo TSE, 48,1% dos eleitos se declaram de cor branca, 44,4% de cor parda e apenas 7,4% pretos. O percentual de eleitos diverge dos dados estatísticos das candidaturas e da população na capital paraibana.

Nas eleições de 2020, em João Pessoa, 48,35% dos candidatos se declararam pardos, enquanto 38,13% se declaram brancos e 12,81% pretos.

Por outro lado, segundo o IBGE, as pessoas que se declaram pardas são maioria na capital, representando 50,6% da população, enquanto 39,7% se dizem brancos, 9,2% pretos e 0,3% indígenas.

O cientista político José Artigas explica que os partidos políticos em geral têm em seu comando homens brancos que não estimulam as candidaturas de pessoas pretas. “Os partidos políticos refletem a desigualdade que é histórica em que os homens brancos são privilegiados em suas candidaturas, recebendo mais apoios e recursos”, disse Artigas.



Só uma mulher foi eleita para a CMJP em 2020. Na Casa, maioria dos vereadores é branca

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Votação de Marco Legal entra na pauta do Senado

Texto estabelece regras para o desenvolvimento e aplicação da IA no país

Agência Senado

Em discussão no Senado desde maio do ano passado, o Marco Legal da Inteligência Artificial (PL nº 2.338/23), de autoria do presidente da Casa, Rodrigo Pacheco, deve ser votado no próximo dia 12. O texto estabelece as regras para o desenvolvimento e a aplicação da inteligência artificial no Brasil, e envolvendo aspectos como direito à propriedade intelectual e rastreabilidade dos dados.

De acordo com o relator da matéria na Comissão Temporária sobre Inteligência Artificial (CTIA), senador Eduardo Gomes (PL-TO), amanhã, o Plenário vai promover uma sessão de debates sobre o projeto. O parlamentar avalia que os responsáveis pela disseminação de conteúdos gerados por meio de inteligência artificial precisam ser submetidos a “um processo de validação”.

“Até por uma questão de combate às *fake news* e à desinformação, temos que passar por um processo de validação. É preciso que aquele que faça a divulgação do conteúdo tenha a capacidade de mostrar a origem, a identificação. A gente não vai conseguir escapar disso”, disse o relator, acrescentando que

o anonimato contribui para o ambiente aberto e livre das redes sociais, mas que é necessário um limite. “Acho que, em determinadas ferramentas, a gente não vai conseguir escapar de uma validação: quem for responsável por um conteúdo tem que se identificar para que você possa exercer seus direitos”, afirmou.

Uma audiência pública sobre o tema foi realizada na semana passada com a participação de Fernando José Garcia Moreira, coordenador do Grupo de Trabalho de Inteligência Artificial na Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão. Ele defendeu maior transparência nos algoritmos utilizados por plataformas para evitar que o conteúdo gerado por inteligência artificial dissemine preconceito ou desinformação.

“Esses algoritmos têm, de alguma maneira, que ser transparentes. A empresa não precisa abrir sua tecnologia, mas alguns algoritmos, inclusive nas plataformas de comunicação social, devem poder ser verificados para que se garanta que não se tenha um viés, que o conteúdo não vá proteger ou afetar alguém de alguma forma”, destacou.

Direitos autorais

Andrea Saad, represen-

tante da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), destaca outro aspecto que precisa ser considerado na aplicação da inteligência artificial: o respeito aos direitos autorais. Para ela, esse é um dos desafios enfrentados pela indústria do jornalismo.

“A gente sabe que essas tecnologias são treinadas a partir de grandes bases de dados. Em regra, essas bases contêm obras jornalísticas protegidas por direitos autorais. São imagens, matérias, notícias, textos. Essa tecnologia é treinada com esses materiais sem nenhum tipo de autorização e sem nenhum tipo de remuneração. Isso é uma violação de direitos autorais que precisa ser olhada com cuidado”, destacou.

Artur Lara Romeu, diretor do escritório da Repórteres Sem Fronteiras na América Latina, alertou para eventuais riscos associados ao uso da inteligência artificial no jornalismo. Ele citou dados de uma pesquisa feita entre 2,7 mil especialistas da área sobre os cenários negativos nos próximos 30 anos.

“A desinformação, avançada pela produção de *deep fakes*, e a manipulação em larga escala da opinião

“

Até por uma questão de combate às *fake news* e à desinformação, temos que passar por um processo de validação

Eduardo Gomes

pública foram os dois cenários mais destacados. Mais de 50% dos entrevistados identificaram que há motivos de extrema preocupação relacionada ao cenário crescente da desinformação impulsionada pela inteligência artificial no mundo. Os sistemas de recomendação priorizam as receitas de publicidade e o envolvimento do usuário, em detrimento da qualidade, ampliando um conteúdo polarizado, prejudicial e sensacionalista”, afirmou.



Foto: Freepik

Defensores da regulação enfatizam que as empresas precisam ser transparentes e permitir a verificação de algoritmos

Sociedade civil se une pela regulamentação

“

Sem regulação, o que vemos é esse mundo do vale-tudo das redes sociais, de disseminação de conteúdos absolutamente nocivos à democracia

Maria José Braga

Durante a audiência pública realizada no Senado, o conselheiro Davi Emerich, representante da sociedade civil, defendeu o envolvimento dos movimentos sociais — e não apenas do Poder Legislativo — no processo de regulação da inteligência artificial. Para ele, o jornalismo tem um papel importante no combate a distorções, como as *fake news*.

“Tem que ter mecanismos de rastreabilidade. Se não conseguirmos implantar nas leis e se os movimentos sociais não conseguirem parir uma rastreabilidade profunda, dificilmente a gente vai dar conta de enfrentar essa nova realidade. O jornalismo é uma das coisas que sobrou do ponto de vista do conhecimento para combater as infor-

mações falsas. É a principal ferramenta que a modernidade ainda tem hoje para fazer o combate aos efeitos nefastos que a tecnologia traz”, disse.

Para a conselheira Maria José Braga, representante da categoria profissional dos jornalistas, há uma “necessidade urgente, urgentíssima de regulação”.

“Sem regulação, o que vemos é esse mundo do vale-tudo das redes sociais e plataformas, de disseminação de conteúdos absolutamente nocivos à democracia, à criança, ao adolescente, ao ser humano como um todo. Precisamos de regulação. Devemos estabelecer obrigações claras, responsabilização e punição. Não podemos apostar na boa vontade dessas mega-

corporações transnacionais. Até agora, elas não demonstraram nenhuma boa vontade”, avaliou.

Impacto no trabalho

O conselheiro José Antônio de Jesus da Silva, representante da categoria profissional dos radialistas, demonstrou preocupação com o impacto da inteligência artificial sobre o mercado de trabalho.

“Cada vez que vem uma nova transformação, os trabalhadores pagam a conta. Uma conta altíssima. Cada tecnologia que chega, a gente perde o emprego. É inacreditável. E a gente não vê a preocupação do Parlamento em reagir a isso. O impacto é gigantesco e, com a inteligência artificial, não será diferente”, lamentou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Ode ao poeta Medeiros Braga

Aos 13 anos de idade, o menino Luzimar sentiu cair lágrimas pelo rosto no meio da feira de Nazarezinho, ouvindo o folheteiro cantar “A seca do Ceará”, de Leandro Gomes de Barros, o rei da poesia do Sertão e do Brasil, conforme afirmava Carlos Drummond de Andrade. Para um garoto alesado naquelas brenhas, bestar no meio da feira era viajar por múltiplos universos encantados, sendo que o folheto enchia a caixa dos peitos do matuto da emoção mais escarrafunchante e empazinadeira que se sentia naqueles tempos do ronca. A pessoa corria o sério risco de virar também poeta, e foi o que aconteceu com Luzimar. O garoto foi pegando o manejo dos versos e começou a rascunhar as primeiras estrofes. Desde as primeiras leituras, Luzimar começou a entender que os fila de uma égua dos capitalistas faltavam com o respeito ao povo trabalhador, e começou a escrever folhetos invocados com essas injustiças da gota-serena. Desde mocinho, Medeiros Braga direciona seu discurso poético popular como porta-voz das questões sociais, e essa voz social, marcada pela poesia da língua, explorou temas inspirados em ocorrências históricas, como o “Massacre de Caldeirão de Santa Cruz do Deserto”. Sua poesia socialista fala de insurreição no campo, exaltação à luta, capitalismo, poder e exploração, miséria do Nordeste, e por aí vai.

O cordel sempre foi, naturalmente, a voz do povo. A sociedade dominante dá o tom nas comunicações, em todo o tempo foi assim, mas o papel da poesia de cordel na luta do oprimido, aquela coisa de sentir dor pela dor dos outros, é frequente nos folhetos de feira. Medeiros Braga se sobressai pela coragem e consciência política. Passou 70 anos rimando combate com denúncia. Talvez por isso jamais foi lembrado para ingressar na Academia Paraibana de Letras, lugar em que a literatura de cordel não entra nem pretende entrar.

Em sua biografia se lê: “Como um estudioso e conhecedor *in loco* dos problemas agrários que agredem o homem do campo, Medeiros Braga escreveu um romance onde os agricultores, empobrecidos pela troca desigual, são instados a se insurgir contra as elites dominantes. Medeiros Braga afirma que ‘A poesia precisa ser o arauto da liberdade, o brado ardente contra os usurpadores dos direitos do povo’. O artista dedica-se a um trabalho educativo e de conscientização política do povo”.

Em recente reunião com o jornalista Fernando Moura, presidente da Fundação Casa de José Américo, sugeriu que aquela entidade, em coparticipação com a Academia de Cordel do Vale do Paraíba, armasse um evento pai d’égua para homenagear Medeiros Braga enquanto ele ainda está pelejando em cima desse planeta, porque é um poeta raçudo, autor de uma obra de substância, e mesmo assim seria só triscar no que merece de consagração e encômio esse bardo vanguardista e insurgente.

Em artigo para o *site* da Academia de Cordel, reiterei que um artista desse nível merece ter seu nome imortalizado, esse que, pela sua poética social, comparo com o francês Victor Hugo, o espanhol Federico Garcia Lorca e o russo Vladimir Maiakovski, levando-se em conta, claro, as devidas larguras, profundidades e extensões de cada um. Conheci o trabalho de Medeiros Braga por acaso, numa feira de artesanato há uns 10 anos. Acho que foi inspirado no velho cordelista combatente que compus o folheto Biu de Pacatuba - Um herói do nosso tempo, contando a história de Biu de Pacatuba, “herói popular, agricultor que briga com os poderosos donos de latifúndios na região de Sapé-PB; seu trabalho ombro a ombro com o também herói João Pedro Teixeira, seu companheiro de lutas, e o papel que representou na conscientização daquela população submetida a tantos anos seguidos de exploração”, conforme escreveu Clotilde Tavares.

Alguns podem dizer que os conceitos políticos de Medeiros Braga estão defasados, a linguagem e o ritmo dos seus versos estão ultrapassados. Até as agruras das massas exploradas são outras. Os vilões mudaram de roupa, estão irreconhecíveis nos seus modernos trajes cibernéticos neoliberais em novas fronteiras onde a terra pode até ser redonda, mas o mercado continua soberano, com seus valores culturais conservadores. O tempo passou e os poetas do igualitarismo se tornaram *démodé*. Medeiros Braga não é poeta da moda, nem ao menos se diz de esquerda. Ferreira Gullar, esse poeta monstro: “Quando ser de esquerda dava cadeia, ninguém era. Agora que dá prêmio, todo mundo é”. Medeiros não pede ato público de admiração e respeito. Eu peço por ele. Em nome da decência e do bom cordel brasileiro ativista.

DESIGUALDADE

Magistrados negros são minoria

Levantamento do Conselho Nacional de Justiça mostrou que apenas 14,25% dos juizes se reconhecem pretos ou pardos

Adriana Victorino
Especial para o Estádio

Um levantamento realizado pelo Conselho Nacional de Justiça mostrou que, em todo o país, apenas 14,25% de magistrados se autodeclararam negros. O número é resultado da média feita com as diferentes áreas do Judiciário e consta no relatório “Justiça em números 2024”, divulgado no fim de maio.

O percentual só é maior na Justiça Eleitoral, que se destaca no número de magistrados negros (18,2%). A Justiça Militar Estadual aparece em última posição, ostentando a menor presença (6,7%).

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Direito, porém, aponta dificuldades para acessar informações sobre desigualdade racial no mundo forense porque os próprios tribunais não produzem dados do perfil étnico-racial.

Quanto aos servidores, 27,1% se identificam como negros, a maioria na Justiça Eleitoral (37,5%). O menor índice é o da Justiça do Trabalho (24,2%).

O documento indica também que as mulheres representam 36,8% da magistratura. A Justiça do Trabalho lidera com 39,7%, enquanto os Tribunais Superiores apresentam os índices mais baixos, com 23,2%.

Promoção de igualdade

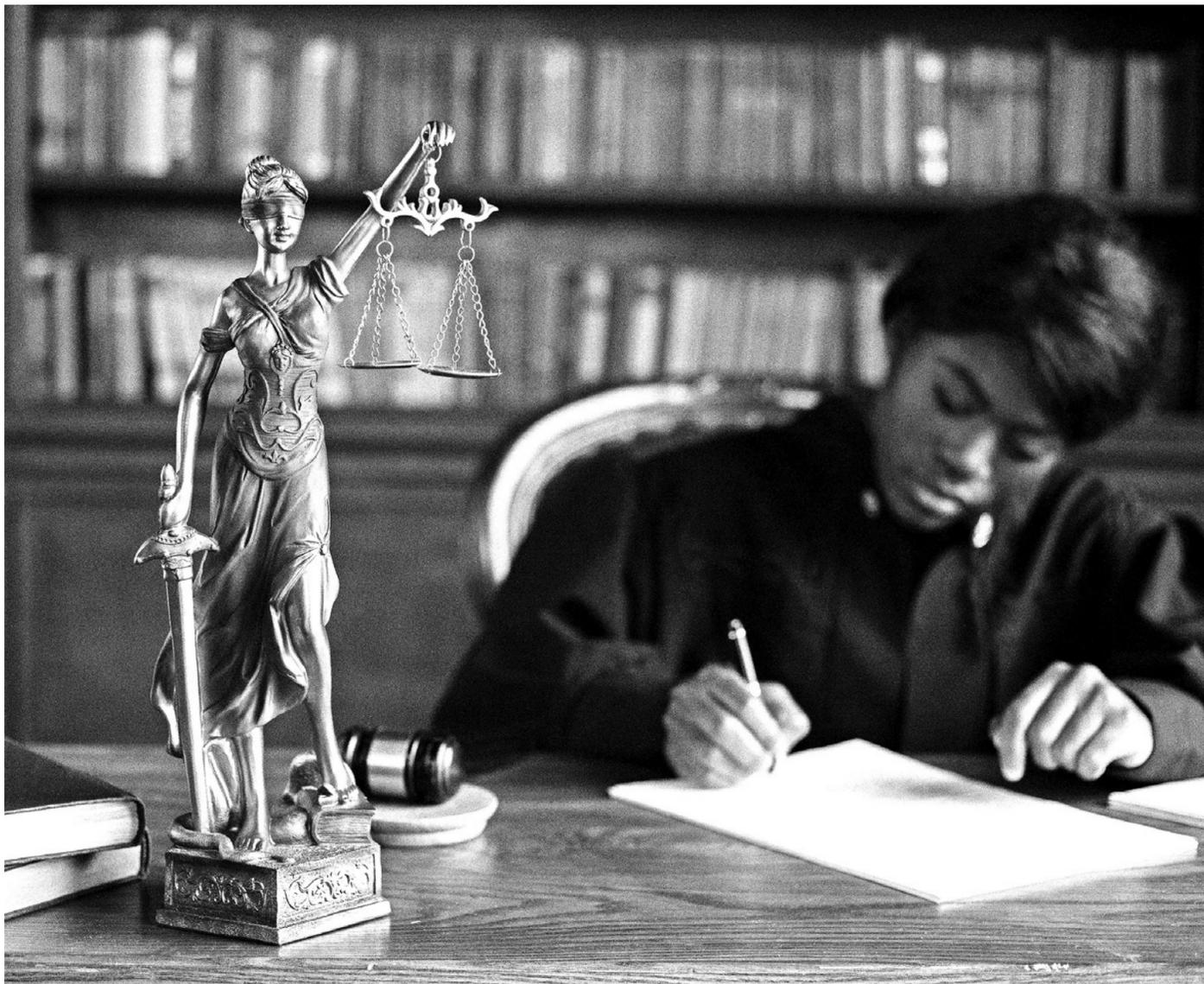
O CNJ destaca que, para promover maior igualdade de gênero e raça no Judiciário, foram estabelecidas metas, como a Resolução nº 203/2015, que estipula um percentual mínimo de 20% de pessoas negras nos cargos da magistratura.

A Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas analisou a implementação da resolução a partir dos editais dos concursos para ingresso na carreira da magistratura nas Justicas Federal, Estadual e do Trabalho.

De acordo com a pesquisa “Operacionalizando a equidade racial no Poder Judiciário: uma análise da implementação da Resolução nº 203/2015 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)”, da FGV Direito, existem obstáculos para acessar informações sobre a desigualdade racial, uma vez que os próprios tribunais não produzem dados sobre o perfil étnico-racial interno.

A pesquisa concluiu que o Conselho Nacional de Justiça não consegue ter o controle direto sobre os sistemas de gestão que tratam de marcadores de raça-étnia e gênero, no que diz respeito ao ingresso, permanência e promoção nas diversas carreiras presentes no Poder Judiciário.

O levantamento da FGV Direito destaca que o “cenário de escassez de dados e informações explicita o desafio de entender o impacto do sistema de cotas nos concursos públicos, assim como a impossibilidade de se reformular os percentuais aplicados de reserva de vagas”.



Pesquisa resalta a dificuldade de dados sobre desigualdade racial no mundo forense porque os tribunais não têm informações sobre perfil étnico-racial interno

CNJ incentiva políticas afirmativas em instituições

Selo

Programa visa promover a igualdade de oportunidades no acesso à preparação para concursos da magistratura para pessoas negras e indígenas

Agência CNJ de Notícias

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vai certificar instituições públicas e privadas de ensino que ofertarem bolsas de estudos por meio do edital de convocação do Programa CNJ de Ações Afirmativas para Ingresso na Magistratura. As inscrições estão abertas até 14 de junho.

Um selo será entregue às empresas contempladas no processo de análise elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Podem se credenciar as Escolas de Magistratura ou

de Associação de Magistrados constituídas como pessoa jurídica pública ou privada e instituições de ensino privadas com, pelo menos, cinco anos de atuação e que estejam em dia com as obrigações fiscais.

O programa visa promover a igualdade de oportunidades no acesso à preparação para concursos das magistraturas estadual, federal, do trabalho e militar, especificamente para pessoas negras e indígenas, com ou sem deficiência, e que tenham sido aprovadas no 1º e no 2º Exame Nacional da Magistratura (Enam).

As instituições devem oferecer no mínimo 30 vagas em cursos intensivos e/ou extensivos, com duração mínima de seis meses, e conteúdo de preparação para as carreiras das magistraturas de quaisquer ramos da Justiça. Terão preferência as empresas que ofertarem cursos para a carreira em modalidade remota (EaD), mais de 60 bolsas de estudo, cursos de fluxo contínuo e recursos de acessibilidade a Pessoas com Deficiência. Não serão admitidas ofertas de vagas em cursos com carga horária inferior a 100 horas.

Após o encerramento do prazo de manifestação de interesse, a equipe responsável pelo programa realizará a análise das candidaturas enviadas.

Lista final

O resultado final com a lista dos cursos preparatórios que foram selecionados será divulgado no site oficial da FGV até o dia 4 de julho de 2024. As empresas contempladas receberão a certificação do Selo Apoiador do Programa de Ações Afirmativas, emitida pelo Conselho Nacional de Justiça.

Reserva de cotas no Poder Judiciário é prorrogada

Agência CNJ de Notícias

No fim de maio, o CNJ também decidiu estender a validade de três resoluções que tratam da reserva de vagas para pessoas negras oferecidas nos concursos para cargos do Judiciário, inclusive de ingresso na magistratura.

A extensão de validade atinge as resoluções CNJ nº 203/2015, nº 382/2021 e nº 457/2022. A decisão teve como base a prorrogação da vigência da Lei de Cotas (Lei nº 12.990/2014) pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

A legislação estabeleceu prazo de 10 anos para

a aplicação de políticas afirmativas, prazo que é encerrado neste domingo. A prorrogação das resoluções permanece até que o Congresso Nacional aprove nova legislação.

“Já está em tramitação, tendo sido aprovada na Câmara dos Deputados, a prorrogação da vigência desta lei. Alinhamos assim as resoluções do CNJ à posição do Supremo Tribunal Federal e à nossa própria diretriz de ações afirmativas para pessoas negras no Poder Judiciário”, destacou o presidente do CNJ e do Supremo Tribunal Federal, ministro Luís Roberto Barroso, durante seu voto fa-

vorável à extensão das resoluções.

O ministro destacou os números que mostram a desigualdade entre a quantidade de juizes que se autodeclararam negros com a representatividade da população brasileira. Barroso citou dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, que mostram que 56% da população brasileira é preta ou parda, enquanto o percentual de juizes que se consideram negros é de 14,25%.

Incentivo

Na argumentação do voto, o ministro ainda sus-

tentou que é prioridade da presidência do Conselho “[...] favorecer o preenchimento de todas as vagas disponíveis no contexto da política de cotas étnico-raciais, a fim de contribuir para que a demografia do Poder Judiciário brasileiro seja mais convergente com a diversidade étnico-racial e sociocultural brasileira”.

Ainda com esse objetivo, foi instituído no âmbito do CNJ o Fórum Nacional do Poder Judiciário pela Equidade Racial (Fonaer), que apresentou proposta de criação da política de equidade racial do Poder Judiciário, incluindo a política de cotas.

“

Alinhamos as resoluções do CNJ à posição do Supremo Tribunal Federal e à nossa própria diretriz de ações afirmativas

OPORTUNIDADE

TSE Unificado oferta altos salários

Edital prevê o preenchimento de 412 vagas e criação de cadastro de reserva em 25 estados e no Distrito Federal

João Pedro Ramalho
 joaoprimalho@gmail.com

Um certame que tem movimentado as discussões entre os concurseiros de todo o Brasil é o do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O edital prevê o preenchimento de 412 vagas e formação de cadastro de reserva em 21 cargos de analista e técnico judiciário, voltados a profissionais com Ensino Superior. A lotação será na sede do órgão, em Brasília, e nos Tribunais Regionais Eleitorais (TREs) de 25 estados e do Distrito Federal.

A função com o maior número de vagas é a de técnico judiciário na área administrativa, para a qual serão selecionados 208 candidatos; três deles, para o TRE da Paraíba. No estado, ainda há a possibilidade de cadastro de reserva para outros oito cargos. O concurso também destina vagas a mais dois cargos de técnico judiciário, sendo 69 para especialistas em Programação de Sistemas e nove para agentes da Polícia Judicial.

Entre os cargos de analista judiciário, aqueles com mais vagas previstas são nas áreas Judiciária (41), da Tecnologia da Informação (38) e administrativa (12). Também há oportunidades para analistas nos ramos de Ciências Contábeis, Arquivologia, Biblioteconomia, Enfermagem, Engenharia



Fotos: João Pedrosa

Provas da Justiça Eleitoral são aguardadas há muito tempo e, agora com o edital, candidatos intensificam os estudos

Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Estatística, Medicina (Clínica Médica), Medicina (Psiquiatria), Medicina do Trabalho, Odontologia, Psicologia e Serviço Social. Para profissionais da Arquitetura, haverá a formação de cadastro de reserva.

As remunerações iniciais são de R\$ 13.994,78, para os cargos de analista judiciário, e R\$ 8.529,65, para os técnicos judiciários. A maior parte das funções tem jornadas de trabalho de 40 horas semanais. As exceções referem-se aos pro-

fissionais de Enfermagem, Odontologia e Serviço Social, que cumprirão uma carga horária de 30 horas, e às três especialistas médicas, cuja jornada é de 20 horas por semana.

Regras

Os interessados em participar do concurso do TSE devem pagar taxa de R\$ 85, para os cargos de técnico judiciário, e R\$ 130, caso o objetivo seja uma vaga de analista. Candidatos pertencentes a famílias de baixa renda e inscritos no CadÚnico e doadores de

medula óssea podem ainda solicitar isenção. Tanto as inscrições como o pedido de isenção podem ser feitos no site do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe). O prazo se encerra em 18 de julho, às 18h.

A depender do cargo, a seleção terá um número diferente de etapas. Os candidatos a técnico judiciário na área administrativa e em Programação de Sistemas realizarão apenas uma prova objetiva. Já os interessados em se tornar agentes

da Polícia Judicial passarão ainda por um teste de aptidão física, de natureza eliminatória. Por fim, o processo para ser aprovado nas funções de analista judiciário inclui, além da avaliação objetiva, uma prova discursiva, eliminatória e classificatória, e uma avaliação de títulos, somente para fins de classificação.

As provas objetivas terão 120 questões, com a finalidade de mensurar os conhecimentos gerais e específicos dos candidatos. Elas estão marcadas para 22 de setembro e serão apli-

cadadas nas capitais dos 26 estados do Brasil e no Distrito Federal. Quem presta o concurso deve se atentar ao método utilizado pelo Cebbraspe, que consiste em itens para julgamento, os quais devem ser classificados como "Certo" ou "Errado". Nas questões gerais, cada resposta correta vale um ponto, enquanto os erros descontam também um ponto da nota final. Por outro lado, os acertos e os erros na prova específica têm peso duplicado.

Os interessados nos cargos de analista judiciário prestarão a prova discursiva no mesmo dia 22 de setembro. A avaliação compreende a redação de um texto dissertativo de até 30 linhas, sobre um dos temas relativos aos conhecimentos específicos. O resultado dessa prova e da avaliação objetiva será divulgado em 28 de outubro.

Já o teste de aptidão física, para a função de agente da Polícia Judicial, será composto por flexão abdominal e corrida de 12 minutos, além de flexão de braço na barra fixa, para os candidatos do sexo masculino, e na barra estática, para as mulheres. As datas de realização dessa etapa e da avaliação de títulos, bem como a previsão de divulgação do resultado final, ainda não foram disponibilizadas pelo Cebbraspe e serão objeto de novos editais.

Cargo de técnico judiciário exige profissionais "coringas"

As pessoas interessadas em exercer o cargo de técnico judiciário na área administrativa, seja no TSE e ou nos TREs, devem estar aptos a desempenhar diferentes funções. Entre as atividades descritas no edital do concurso, estão as de pesquisa, seleção e organização de legislação, jurisprudências e doutrinas; gestão da informação; apoio ao planejamento e gestão do orçamento; e apoio às ações de auditoria e à gestão de pessoas.

A amplitude de atuação desse profissional faz dele uma espécie de "coringa". Assim o define Cláudio Dantas, técnico judiciário administrativo do TRE-PB. Para ele, a função exercida por essa categoria segue a contramão de um cenário comum no mercado de trabalho. "Existe uma tendência mundial de super especialização. Por exemplo, aquele médico que cuida de quem tem um probleminha no dedo mindinho do pé esquerdo, mas, se for do pé direito, ele não atende. Essa onda de especialização tem seus méritos na questão de se chegar aos limites da ciência. Mas, quando a gente parte para pensar no atendimento ao povo ou na

atividade estatal, é importante ter peças que atuem nas mais diversas atividades e se adaptem a elas", defende Cláudio.

O técnico judiciário do TRE-PB explica que há dois principais ramos para o exercício do trabalho. Se o servidor estiver na sede do tribunal, as funções são majoritariamente administrativas, como financeiras e de gestão de pessoas, e estão voltadas ao público interno. Já os técnicos distribuídos nas zonas eleitorais da Paraíba, além das atividades burocráticas, trabalham no atendimento externo, com o cadastro de eleitores e candidatos, por exemplo. Segundo Cláudio Dantas, as habilidades necessárias nos dois cenários incluem a observação da ética e o conhecimento de noções do Direito Eleitoral.

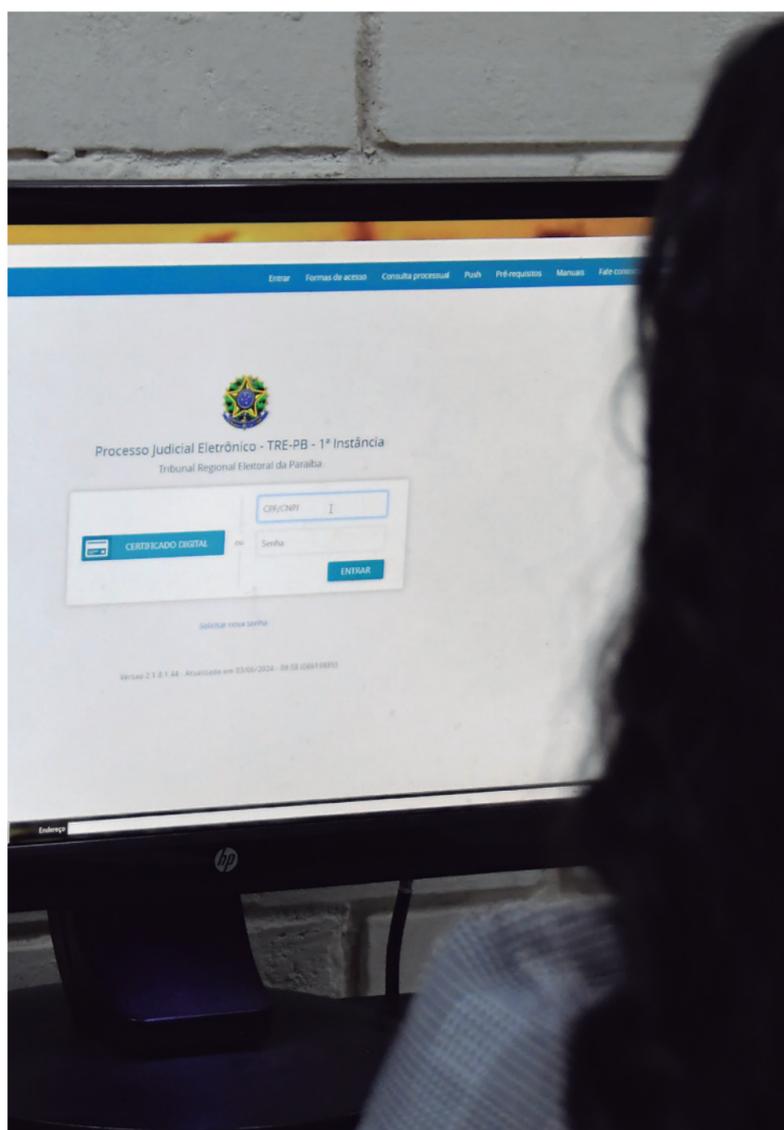
Já os técnicos que trabalham com atendimento ao público devem ter cuidado no tratamento das pessoas, como frisa Cláudio, que atuou por 15 anos em zonas eleitorais. "Quando chega a época de registro de candidatura, todo candidato e advogado de partido e coligação quer ser atendido primeiro que os outros. Isso exige do servidor um

jogo de cintura para lidar com essas questões, sempre sem se afastar da legislação, mas também com bom senso. Porque, às vezes, uma palavra mal colocada pode levar alguém a se enfurecer em uma fila, por exemplo. Então, a resiliência e a empatia são qualidades indispensáveis para se fazer um bom atendimento", afirma.

Vagas na Paraíba

O concurso do TSE destina três vagas de técnico judiciário na área administrativa para a Paraíba. Dessas, duas são para ampla concorrência e uma para pessoas pretas ou pardas. Pode se candidatar à função qualquer pessoa que tenha diplomas necessárias nos dois cenários reconhecido pelo Ministério da Educação, independentemente da área de formação.

Profissional vai atuar com pesquisa, seleção e organização de legislações e doutrinas



Qualquer pessoa com Ensino Superior pode concorrer ao cargo de técnico judiciário

Selic

Fixado em 8 de maio de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+1,42%

R\$ 5,324

Euro € Comercial

+0,59%

R\$ 5,750

Libra £ Esterlina

+0,75%

R\$ 6,780

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2024 0,38

Março/2024 0,16

Fevereiro/2024 0,83

Janeiro/2024 0,42

Dezembro/2023 0,56



AUTOATENDIMENTO

Paraíba vive tendência de minimercados em prédios

Lojinhas em condomínios prometem resolver necessidades emergenciais

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Quem nunca se deu conta da falta de um ingrediente bem na hora de fazer o jantar? Ou percebeu que o papel higiênico acabou antes do esperado ou mesmo que esqueceu de comprar algo, mesmo tendo acabado de chegar do supermercado? Os mercadinhos de autoatendimento em condomínios chegaram com a proposta de resolver essas necessidades emergenciais dos moradores, que já se renderam à praticidade e comodidade oferecidas por esse novo modelo de negócio.

“É uma tendência, acho que irreversível, principalmente à medida que os condomínios forem aumentando de tamanho, onde existe o conceito clube ou conceito resort, em que você tem uma gama enorme de itens de lazer e de conforto, é mais um facilitador. Até os condomínios que foram entregues há mais tempo estão se adaptando”, afirmou o presidente do Sindicato de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis e dos Condomínios Residenciais da Paraíba (Secovi-PB), Érico Feitosa.

A professora Ana de Barros acabou se convencendo da praticidade do mercadinho instalado no condomínio onde mora. “A princípio eu tive um pouco de resistência porque imaginei não ser vantajoso perdermos uma área comum do prédio para um espaço comercial, mas em pouco tempo eu vi os be-

nefícios de ter todos os produtos de alimentação, limpeza e higiene bem acessíveis aqui no prédio”, contou.

“Eu não faço a minha feira completa no mercado do prédio, mas uso com frequência, quando percebo que está faltando algo. E o

mais interessante é que os valores são muito próximos do que a gente encontra no supermercado”, completou a professora.

O empresário André Leal, sócio-proprietário dos mercados HappyDo, destacou que esse tipo de loja realmen-

te não tem intenção de substituir os supermercados. “Não é para fazer a feira do mês, mas sim comprar um item que esteja faltando, um imprevisto. Apesar de que temos clientes que consomem bastante e fazem quase a feira completa”, explicou.

Negócio de autoatendimento depende da confiança

“Começamos a empresa há 10 anos, com *vending machines*, que são aquelas máquinas em que você coloca o dinheiro e escolhe o item, geralmente uma água, um refrigerante”, lembrou André Leal. Só que as máquinas possuem algumas limitações e a empresa não conseguia disponibilizar todos os itens pedidos pelos clientes e foi aí que a ideia dos mercadinhos foi ganhando forma. “Mas ainda não tínhamos a tecnologia”, disse.

Com a pandemia, ele contou que viu seu faturamento despencar e resolveu tirar a ideia dos mercadinhos inteligentes do papel. Ele conseguiu a tecnologia adequada para o projeto e abriu o primeiro HappyDo em maio de 2020. Hoje, já são 52 unidades espalhadas por João Pessoa, sendo duas dentro de empresas e o restante em

condomínios residenciais.

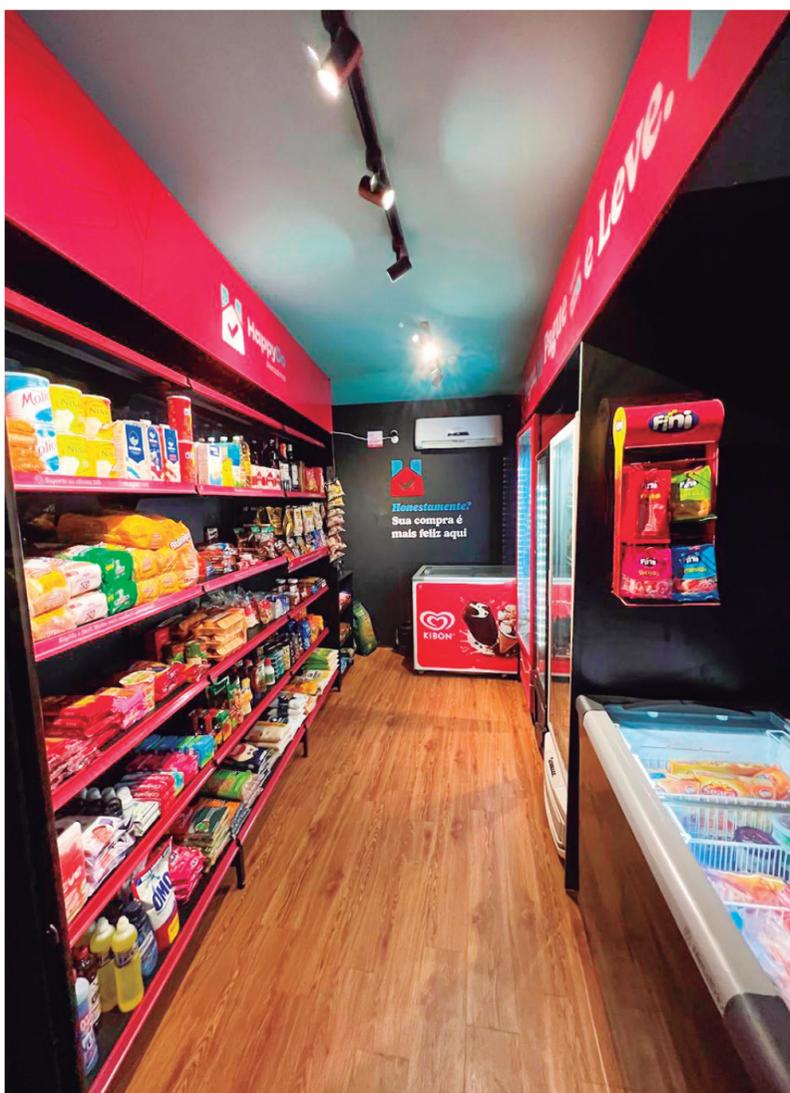
Nos mercadinhos, é possível encontrar todos os itens básicos de alimentação (inclusive congelados), higiene e limpeza. “Só não temos hortifruti e padaria fresca”, esclareceu André. As lojas são de autoatendimento, ou seja, o próprio cliente escolhe e paga as suas compras sozinho, não há funcionários.

O empresário destacou que é um relacionamento baseado em confiança. “Não tem ninguém para verificar se o cliente realmente pagou o que ele comprou, mas é claro que temos alguns mecanismos de segurança, até porque é um ambiente controlado dentro de uma empresa ou condomínio”, disse. “A boa notícia é que a maioria das pessoas é honesta, já tivemos alguns problemas com furtos, mas é uma quantidade de muito pequena”.

Quem pode ter

André Leal explicou que para comportar um mercadinho inteligente é necessária uma área a partir de 9 m². “Mas temos loja até de 20 m²”, comentou. Ele também disse que o negócio só é viável em condomínios que possuam a partir de 60 unidades residenciais, já que condomínios menores não teriam clientes suficientes.

Já Érico Feitosa ressaltou que para a instalação de um ponto comercial em um condomínio é necessário que haja previsão legal na convenção. Caso contrário, tem que ser convocada uma assembleia extraordinária, onde o tema será posto em votação. “É um caminho sem volta, porém, tem que analisar cada caso, a tipificação dos condomínios, principalmente os mais antigos, tem que ver se tem área destinada”, disse.



Ideia de instalar as lojas HappyDo em condomínios surgiu durante a pandemia do Covid-19

Fotos: Divulgação/Arquivo pessoal

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

PB projeta crescimento econômico acima da média nacional

As projeções econômicas para 2024 apresentam um cenário positivo para a Paraíba, impulsionado por um ambiente macroeconômico favorável e políticas monetárias benéficas. Conforme os dados mais recentes divulgados por um estudo do Banco do Brasil, a economia brasileira deve crescer 2,2% em 2024, com o Nordeste destacando-se como uma região de crescimento significativo. A Paraíba, em particular, é projetada a crescer 4,7%, superando a média nacional.

A nova estimativa do Governo Federal aponta crescimento de 2,5% para 2024. Entre alguns fatores positivos, a redução da taxa de juros, iniciada no ciclo atual, tem sido um fator crucial para impulsionar a economia. A melhoria nas condições de crédito, refletida no crescimento de 1,2% no crédito total entre fevereiro e março de 2024, com destaque para o avanço de 2,0% no segmento Pessoa Jurídica (PJ), indica uma resposta positiva das empresas a um ambiente monetário menos restritivo.

A indústria de transformação, particularmente sensível à política monetária, deve se beneficiar significativamente da redução da taxa de juros. Esse cenário favorece a produção de bens de consumo duráveis e semiduráveis, cuja aquisição está diretamente associada às condições de crédito. No entanto, eventos climáticos recentes no Rio Grande do Sul podem limitar o crescimento industrial, especialmente na Região Sul.

O setor de serviços no Nordeste mostra um desempenho heterogêneo, com a Bahia e Pernambuco se destacando devido ao crescimento no turismo. A pesquisa mensal de serviços do IBGE apontou um crescimento de 0,5% no primeiro trimestre de 2024 em comparação ao último trimestre de 2023, com o Amazonas liderando, com um crescimento de 9,8%, devido à expansão da cadeia industrial na Zona Franca de Manaus.

O comércio também apresenta variações regionais, com o Amapá e a Paraíba registrando os maiores crescimentos no primeiro trimestre de 2024, ambos com 9,5%. Na Paraíba, este crescimento é impulsionado pela expansão do crédito às famílias, refletindo um mercado de trabalho mais robusto e uma maior demanda por bens de consumo.

A construção civil no Nordeste deve se beneficiar da redução das taxas de juros e das iniciativas governamentais, como a reedição do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que trazem otimismo ao setor. No primeiro trimestre de 2024, o emprego formal no setor cresceu 4,0% ao nível nacional.

Na Paraíba, a melhoria das condições de crédito, a redução da inflação e a expansão da massa salarial têm sido fatores cruciais para o crescimento econômico. Esses fatores, combinados com uma menor taxa de desocupação, investimentos em infraestrutura e programas de incentivo ao turismo, liderados pelo Governo Estadual, impulsionam o comércio e os serviços. A previsão de crescimento de 4,7% para a Paraíba em 2024 é um reflexo direto dessas condições favoráveis.

Contudo, é importante considerar os desafios que podem surgir, como variáveis econômicas globais que afetam o ambiente doméstico e possíveis mudanças nas políticas econômicas nacionais. Apesar desses riscos, a projeção de crescimento para a Paraíba em 2024 permanece robusta, refletindo um cenário otimista para o desenvolvimento econômico do estado.



“Não é para fazer a feira do mês, apenas comprar um item que esteja faltando. Mas temos clientes que consomem bastante”

André Leal

CONTAS NÃO PAGAS

Inadimplência aumenta no Brasil

Imprevistos, redução da renda e descontrole são principais causas dos atrasos, segundo CNDL e SPC

A alta inadimplência no país é um desafio para as famílias e para o Poder Público. Apesar do cenário econômico relativamente positivo, o número de consumidores com contas atrasadas no Brasil continua a crescer. De acordo com levantamento realizado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise Pesquisas, as principais causas da inadimplência foram os imprevistos de saúde, morte, manutenção da casa, carro, etc. (20%), a redução da renda (17%), a perda do controle do orçamento (16%), o aumento dos preços (14%) e o desemprego do entrevistado ou de algum membro da família (12%).

De acordo com os entrevistados, as contas que estão com o pagamento em atraso são: cartão de crédito (16%), contas de água e/ou luz (12%), cheque especial (10%), crediário (10%) e empréstimo em banco ou financeira (9%).

Já entre os que estão com o pagamento em atraso e foram negativados, as contas em atraso são: cartão de crédito (27%), empréstimo em banco ou financeira (18%), crediário (15%), contas de água e/ou luz (11%) e o cheque especial (10%).

“Nos últimos meses, tivemos no país um aumento no número de pessoas que retornaram ao mercado de trabalho e com isso voltaram a ter acesso ao crédito, mas a renda do brasileiro ainda é

fortemente impactada pela inflação. Dessa forma, o orçamento mensal fica comprometido sem que se tenha uma reserva de emergência”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

A falta de organização financeira, impulsionada por fatores emocionais, também influencia o cenário, uma vez que, entre os que ficaram inadimplentes por descontrole do orçamento, 37% atribuem isso à tomada de crédito, pois dizem que queriam muito

comprar algo e, se esperassem sobrar dinheiro, iriam demorar muito; 30% não negociaram bem no momento da compra; 30% aproveitaram uma promoção sem avaliar o orçamento; 22% estavam tristes e acabaram comprando para se sentirem melhor; e 22% estavam com baixa autoestima; 64% afirmam ter buscado ajuda para conseguir controlar suas finanças.

Além disso, nos três meses anteriores à pesquisa, 45%

adquiriram algo que sabiam que seria difícil de pagar, 37% fizeram compras sem considerar se conseguiriam ou não e 26% realizaram alguma compra sabendo que não conseguiriam pagar. Já 49% pegaram dinheiro emprestado nos últimos 12 meses, sem considerar as taxas que teriam que pagar.

Prioridades

Em relação à prioridade no pagamento, os consumidores entrevistados admitem que

os principais compromissos financeiros com o pagamento em dia são as contas de internet (66%), telefone (60%), água e luz (57%), TV por assinatura (50%), cartão de crédito (41%) e plano de saúde (41%).

Já os principais itens comprados no crédito sem pagamento foram: supermercado (42%), roupas, calçados e acessórios (35%), remédios (30%), eletrodomésticos (24%), eletrônicos (22%) e celular (22%).

“Os smartphones representaram uma transformação di-

gital para os consumidores que têm nas mãos uma ferramenta de acesso a inúmeras publicidades que incentivam o consumo. Ter como prioridade o pagamento das contas de internet e celular mostra o poder e a importância dessas ferramentas na vida da população. O consumidor precisa ficar atento para não ceder aos impulsos de consumo on-line diante de tanta oferta de produtos, serviços e entretenimento”, afirma o presidente do SPC Brasil, Roque Pellizzaro Junior.



Principais compromissos financeiros com o pagamento em dia são internet, telefone, água e luz, TV por assinatura, cartão de crédito e plano de saúde

Quitar dívidas pode comprometer pagamento de contas básicas

■ Quem tem intenção de economizar para pagar suas contas em atraso deve cortar gastos supérfluos

Oito em cada 10 inadimplentes (82%) afirmam que têm condições de pagar as dívidas nos próximos três meses, sendo que 49% pretendem quitar as pendências integralmente e 25% parcialmente. Por outro lado, 8% não têm condições de pagar suas dívidas nesse período.

As dívidas apresentam valor médio de R\$ 4.748, sendo que 21% dos endividados possuem dívidas entre R\$

2.500 e R\$ 7.500 e 14% entre R\$ 500 e R\$ 1.000.

Chama a atenção que, se 84% dos entrevistados quitassem todas as dívidas atrasadas, o pagamento das suas contas básicas, como água, luz, telefone, alimentos e aluguel (se houver), estaria comprometido, seja total (44%) ou parcialmente (39%).

Um quarto dos entrevistados (26%) afirma ainda que as dívidas em atraso represen-

tam entre 25% e metade da sua renda mensal, enquanto 21% afirmam que representam entre metade e 75%.

Considerando aqueles que pretendem quitar total ou integralmente suas dívidas nos próximos três meses, 34% vão fazer cortes no orçamento para economizar, 28% pretendem fazer um acordo com o credor parcelando o valor, 28% vão fazer algum tipo de bico para gerar renda extra e

21% vão utilizar dinheiro extra de comissões, férias etc.

Aqueles que têm intenção de economizar para quitar suas dívidas devem cortar gastos principalmente com alimentação fora de casa e *delivery* (52%), vestuário e calçados (46%), lazer (46%), produtos de beleza (33%) e salão de beleza (32%).

Com relação às maiores dificuldades para quitar as dívidas atrasadas, 21% citam

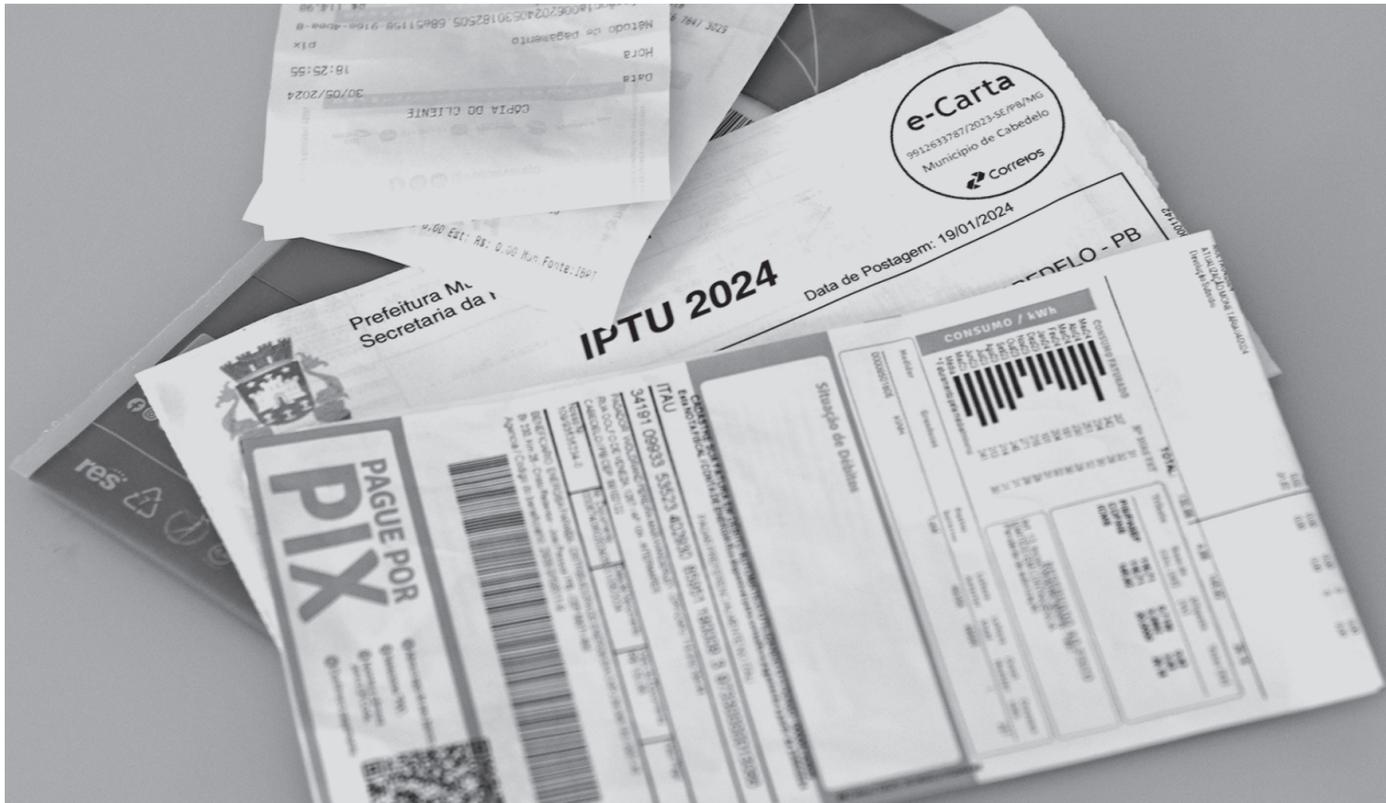
o fato de não terem de onde tirar dinheiro, 19% a queda de renda, 19% terem que deixar de comprar coisas básicas ao seu sustento e da família e 14% o desemprego; 63% desenvolveram um plano para pagar as dívidas e não conseguiram cumprir.

Perguntados sobre as consequências do não pagamento das dívidas, os entrevistados destacaram a negativação do nome (52%), o pagamento de taxas de juros mais altas (35%), a perda de crédito em lojas e bancos (32%) e a cobrança frequente por parte dos credores (29%).

Em contato

Apesar da dificuldade em pagar as dívidas e manter as contas em dia, 76% dos entrevistados tentaram negociar suas dívidas, sendo que 31% fizeram a negociação por meio do telefone, 24% do WhatsApp, 23% pessoalmente na empresa credora, 23% pelo site ou aplicativo da empresa credora e 21% por meio do Programa Desenrola Brasil. Por outro lado, 18% não tentaram negociar.

Oito em cada 10 consumidores (88%) se prepararam para a negociação, principalmente procurando informações sobre as formas de pagamento da dívida (34%), pesquisando o valor da dívida atual com juros e multas (30%) e revisando o orçamento para calcular as reais condições de pagamento (28%).



Para 84% dos entrevistados, pagar todas as dívidas atrasadas inviabilizaria o pagamento de contas básicas como água, luz, telefone, alimentos e aluguel

CRIATIVIDADE E OPORTUNIDADES

João Pessoa sedia evento de inovação

Neon 2024, realizado pelo Sebrae, em parceria com o Governo da Paraíba, aconteceu no Centro de Convenções da capital

Criatividade, ideias e oportunidades marcaram o maior evento de inovação do Nordeste em João Pessoa, o Neon 2024. O evento, realizado pelo Sebrae, em parceria com o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), aconteceu nas últimas quinta e sexta-feira, no Centro de Convenções da Capital.

A Secties fez parte da programação do Neon com a apresentação dos projetos da pasta, e das instituições vinculadas, a exemplo do Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

O secretário Claudio Furtado participou de uma mesa-redonda que aconteceu no painel “Inovação aberta para resolução de desafios públicos futuros”. Durante a sua fala, ele ressaltou a importância da inovação aberta e como o Governo do Estado tem investido no avanço da tecnologia na Paraíba e na sua popularização.



O secretário Claudio Furtado (com o microfone) debateu sobre “Inovação aberta para resolução de desafios públicos futuros”

“O Governo tem promovido a inovação aberta através do diálogo com a sociedade, financiando startups que possam desenvolver soluções inovadoras e que causam impacto nas necessidades da população. São mais de R\$ 400 milhões investidos com foco em resolução de problemas reais para resolver questões que atinjam a sociedade”, disse o gestor.

Um dos exemplos disso foi o lançamento de três editais voltados para startups, cujos investimentos de R\$ 4,5 milhões visam beneficiar segmentos importantes da população paraibana. Os três editais contabilizam 50 vagas, sendo 20 destinadas à Economia da Longevidade, que tem como foco a indústria da longevidade e busca desenvolver solu-

ções inovadoras para atender o público 60+ (terceira idade); 10 vagas para Transição Energética, energias renováveis; e o terceiro edital é de incubação para 20 empresas no Parque Tecnológico Horizontes da Inovação.

ções inovadoras para atender o público 60+ (terceira idade); 10 vagas para Transição Energética, energias renováveis; e o terceiro edital é de incubação para 20 empresas no Parque Tecnológico Horizontes da Inovação.



São mais de R\$ 400 milhões investidos com foco em resolução de problemas reais para resolver questões que atinjam a sociedade

Cláudio Furtado

Maior encontro da região Nordeste voltado para o setor de startups

Com foco em inovação, empreendedorismo e sustentabilidade, o evento promoveu uma compreensão ampla do universo. O Neon atraiu pessoas de vários estados do Nordeste. É o maior evento da região voltado para o setor de startups, com o objetivo de fortalecer o ecossistema de inovação local.

Participaram do stand, oferecido pela Secties, startups desenvolvidas por estudantes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por meio da Coordenadoria de Inovação Tecnológica (Inovatec). Na ocasião, os estudantes puderam apresentar no evento as suas empresas e aumentar as suas conexões e contatos.

Entre eles, estão os estudantes do curso de Ciência da Computação, do campus de Patos, Mônica Monaliza e Thulio Bezerra, criadores da Knex.

“É, basicamente a gente

veio representando a XXX, né? Me chamo Mônica Monaliza e a XXX é uma empresa júnior de computação da UEPB, do campus Patos. Nós ofertamos serviços de desenvolvimento de software, web, mobile para empresa”.

Estudantes puderam apresentar no evento as suas empresas

“Então a XXX nasceu como uma solução de... Porque a gente sabe o problema que existe em todas as faculdades, de você integrar os estudantes para o mercado de trabalho, né? A gente vê que na faculdade nós temos uma teoria bem firme, fixada, mas

o estudante tem a dificuldade de ingressar no mercado de trabalho. Então, a XXX veio justamente para trazer o mercado de trabalho para a faculdade e a faculdade, para o mercado de trabalho”.

“A gente vê que o incentivo do Estado na verdade é essencial, né? Porque, como nós somos já filiados a UEPB, nós precisamos partir do apoio, né? Financeiro, né? Também na parte de contabilidade, para que a gente consiga administrar melhor, não é? E a partir disso consegui desenvolver e fazendo com que o estado com que a faculdade tenha sim suma importância, sua relevância eficiente no Sertão da Paraíba. E nessa parte de identificar a nossa vez, o estado é todo o responsável pela inovação que ajuda bastante a gente. Inclusive, a gente vem aqui com vários startup lá da UEPB, muito bom”.

Apoio ao empreendedorismo é uma política pública com investimentos

No entendimento do Governo do Estado da Paraíba, o apoio ao empreendedorismo é uma política pública com investimentos concretos em projetos de startups: entre 2022 e 2023 o Governo do Estado investiu R\$ 3 milhões através da Secties, por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq) - recursos exclusivos do tesouro estadual. E em parceria com o Governo Federal foram administrados R\$ 20 milhões por meio da Fapesq.

Desmembrando esses números, 56 projetos de startups receberam recursos advindos do tesouro estadual por meio da Secties, da Fapesq e através do programa da Fundação Parque Tecnológico Horizontes da Inovação. Considerando os incentivos através de parceria entre o Governo Federal e a Secties, por meio

da Fapesq, 116 startups receberam investimentos: 45 participaram do programa Tecnova e 71 do programa Centelha.

Segundo explicou o secretário Claudio Furtado, os investimentos em startups inovadoras têm contribuído para o crescimento econômico do Estado. “Para fazer com que os investimentos em Ciência e Tecnologia se transformem em Produto Interno Bruto (PIB), você tem que fazer com que aquilo que é produzido nas universidades se transforme em produto. Como nós fazemos isso? Investindo naqueles que têm ideias inovadoras, mas como acontece na maioria das vezes, não tem capital. Essa é a função do governo, investir em inovação, e é isso o que estamos fazendo”, ressaltou.

Não só empreendedores de startups, mas também de empresas tradicionais par-

ticiparam do evento. Foi consenso nas palestras que atualmente a inovação é o elemento diferencial para os mais diversos modelos de negócios. As palestras estavam distribuídas em 10 palcos abertos, com temáticas específicas, despertando o interesse também de professores, estudantes, gestores públicos, secretários municipais e estaduais e todas as esferas. “A gente traz a questão do desenvolvimento econômico local. Eventos como esse estimulam a criação de novos negócios, incentiva o crescimento dos que já estão no mercado e fortalece a economia local”, informa Juliene Fernandes, gestora de inovação do Sebrae em Sousa. “E a capacitação é muito forte dentro do evento, além do network nos vários ambientes que possibilitam as pessoas se conectarem”, complementa.

Crescimento de negócios inovadores

A coordenadora do programa da Fundação Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, Francilene Procópio Garcia, em desenvolvimento pela Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), participou do painel “Revolucionando Territórios: Potencializando Ecossistemas de Inovação para o Desenvolvimento de Negócios Disruptivos”.

O painel transcorreu em torno das condições que a inovação territorial ocorre, especialmente por fomentar um ambiente propício para o surgimento e o crescimento de negócios inovadores. Nesse sentido, as iniciativas podem incluir: 1) o estabelecimen-

to de políticas públicas favoráveis; 2) investimentos em infraestrutura e educação; 3) programas de incentivo ao empreendedorismo; 4) facilidades para a colaboração entre diferentes partes interessadas.

Nesses termos, o Governo da Paraíba investe na construção de um equipamento cuja proposta é atuar como um fomentador desse ambiente propício ao surgimento e ao crescimento de negócios disruptivos, o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. “É importante destacar que a Secties lidera o fomento a tais políticas no âmbito do plano de desenvolvimento liderado pela gestão estadual”, desta-

ca Francilene Procópio. Já foram investidos pelo Governo do Estado cerca de R\$ 19 milhões entre desapropriações e reformas no prédio. Além dos investimentos em programas de incubação, por meio de editais. Desde o início das operações, em 2021, 31 grupos já passaram, ou estão passando pelo programa de pré-incubação virtual. Dentre os grupos, 14 grupos concluídos e nove ativos no ciclo atual. Nove empreendimentos participam do programa de Incubação de Impacto. O Polo de Inovação da Cagepa ocupa lugar como empreendimento âncora do PTH. Além das atividades de hackathons, eventos, mentorias e concursos.



O Neon 2024 foi realizado na capital e atraiu pessoas de vários estados do Nordeste

Foto: Carlos Rodrigo

■ Ponto de murcha ocorre quando a planta não consegue mais absorver a água do solo e atinge um murchamento permanente

IRRIGAÇÃO

Excesso de água prejudica agricultura

Controle adequado da umidade do solo aumenta a eficiência do cultivo

Anderson Lima
Especial para A União

O controle da umidade do solo é fundamental para garantir a eficiência da produtividade agrícola. Manter o solo umedecido é importante para as plantas manterem os seus processos fisiológicos e desenvolvimento, mas tanto o excesso quanto a escassez de água podem ser prejudiciais ao plantio.

A falta de chuvas ou de irrigação impede a absorção de nutrientes e, em consequência, a planta perde água por transpiração e pode murchar. Por sua vez, o excesso da umidade do solo pode ser causado devido ao manejo ina-

dequado do processo de irrigação ou de forma natural, a exemplo das chuvas. O assessor técnico da Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba (Faepa), Izaías Romario Soares do Nascimento, destacou dois pontos da umidade do solo: a capacidade de campo, em que os microporos do solo retêm a capacidade máxima de armazenamento da água; e o ponto de murcha permanente, que ocorre quando as plantas chegam a um ponto de não absorver mais água.

“Se o solo está abaixo do ponto de murcha, é prejudicial para as plantas, pois elas não irão conseguir absorver água e irão morrer, mas já se a umidade esti-

ver acima da capacidade de campo por muito tempo, a água ocupa os poros que deveriam estar com ar, daí favorecem o desenvolvimento de determinados microrganismos e as raízes das plantas ficam sem respirar, sim, as raízes das plantas precisam de ar para respirar”, esclarece o engenheiro agrônomo.

Condições do solo

Izaías do Nascimento também explica que o solo é composto por minerais, matéria orgânica, água e ar. “Um solo ideal do ponto de vista agrícola teria 45% de elementos minerais, 5% de matéria orgânica, 25% de água e 25% de ar. No entanto, essas proporções va-

riam de acordo com o tipo de solo, situação de manejo e hídrica da região”, informa.

Segundo ele, um campo compactado, por exemplo, perde boa parte dos espaços porosos e, como consequência, diminui a proporção de água e gases, em relação à matéria orgânica. “Os solos tropicais de alta atividade microbiana, apresentam níveis menores, mas, com práticas de manejo, isso pode ser alterado. Em suma, são diversos fatores que podem influenciar”, exemplifica o assessor técnico da Faepa.

Em algumas situações, é possível reverter o excesso de água com a drenagem do solo.



“

Um solo ideal teria 45% de elementos minerais, 5% de matéria orgânica, 25% de água e 25% de ar

Izaías do Nascimento

Chuvas fortes causam erosão do solo e estresse hídrico nas plantas

■ Desgaste ocorre quando o solo não tem capacidade de infiltração, resultando no carreamento de sedimentos

O produtor agrícola Márcio Giovani Cavalcanti Ferreira cultiva macaxeira, milho e inhame em Cruz do Espírito Santo, na Paraíba. “Sempre foi o meu sonho de criança trabalhar com isso, na terra, plantando, colhendo e vivendo disso. Depois que eu consegui comprar um lote de terra na reforma agrária, eu consegui realizar o meu sonho”, contou.

O terreno dele tem o tipo de solo arenoso, que é composto predominantemente por areia. Ele escolheu o método de irrigação por aspersão, que simula uma chuva artificial. Para aplicação da técnica, é preciso um aspersor (dispositivo agrícola) que lança água para o ar e as gotículas

caem sobre o solo e as plantas. De acordo com o produtor, o método de irrigação exige que a terra permaneça úmida por mais tempo.

Chuvas

Márcio Ferreira contou que as fortes chuvas já prejudicaram a sua produção em Cruz do Espírito Santo. “A variação do solo ainda não prejudicou nenhuma plantação minha, porém tenho cultivos, como o de milho, que ficam um pouco mais distantes, assim não consigo fazer a irrigação que utilizo nas demais e, com as fortes e longas chuvas, as lavouras que ficam mais distantes já sofreram o estresse hídrico”, explicou.

As chuvas também podem prejudicar o solo, como

a erosão. Segundo o engenheiro agrônomo Izaías Romario Soares do Nascimento, o desgaste é causado, principalmente, pelo impacto da gota d'água no solo. Isso ocorre quando o solo não possui capacidade de infiltração, o que provoca um escoamento superficial da água e, com isso, o

carreamento de sedimentos do solo, levando a fração fértil do solo e evoluindo para erosões em sulcos e voçorocas, isto é, formação de buracos.

“Há solos que são mais susceptíveis a erosão, como aqueles em que há baixa matéria orgânica, baixa cobertura vegetal e relevo in-

clinado, mas algumas práticas podem diminuir a ação da rocha, como práticas mecânicas, a exemplo do terraceamento e plantio em curva de nível, usando linhas que têm diferentes altitudes de acordo com o terreno, além de técnicas como adubação, calagem, adubação verde”, conclui.

Saiba Mais

Segundo o engenheiro agrônomo, Izaías do Nascimento, na Paraíba, existem quatro tipos de solo que são mais comumente encontrados. Cada um é formado a partir das características do material que lhe deu origem, das condições climáticas da região, do relevo, tempo e o meio biótico. Os tipos são:

- **Neossolos** - poucos evoluídos e constituídos por mineral ou material orgânico.
- **Luvissolos** - rasos e poucos profundos, com concentração absoluta ou relativa de argila
- **Argissolos** - profundos e moderadamente drenados, apresenta um evidente incremento no teor de argila.
- **Vertissolos** - minerais, com 30% ou mais de argila.

CONTRA O FERROVIÁRIO

Botafogo busca, hoje, a sexta vitória

Ainda invicto na competição, o Belo tem a chance de aumentar a sua pontuação e se manter na liderança

Jogadores do Botafogo se empenham bastante durante os treinamentos da semana na Maravilha do Contorno, visando mais um compromisso pelo Campeonato Brasileiro da Série C



Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Botafogo e Ferroviário entram em campo, hoje, pelo Campeonato Brasileiro Série C. O Belo iniciou a rodada 8 como líder do torneio, com 16 pontos, cinco vitórias e um empate, sendo que ainda não perdeu. Já o Tubarão da Barra chega para o confronto embalado após conquistar duas vitórias seguidas. Este é apenas o 11º confronto oficial entre os clubes ao longo da história, somando os não-oficiais será o 17º. O duelo ocorre no Estádio Almeidão, às 16h30.

O equilíbrio marca todos os confrontos oficiais entre o Belo e o clube cearense. Nos 10 jogos que estiveram frente a frente, houve duas vitórias para cada um, e seis empates. Pela Série C, foram sete confrontos, com vantagem para o Ferroviário, que venceu dois, enquanto o Alvinegro da capital venceu apenas um. Além disso, o torneio ainda registrou quatro empates entre as equipes.

De acordo com o site o gol.com.br, o duelo registra uma peculiaridade: o visitante nunca venceu. Os jogos que apresentaram vencedor tiveram o mandante como vitorioso. Hoje, o Botafogo aposta nesse histórico para seguir como líder da Série C.

O Belo atuou em três partidas da terceira divisão no Almeidão, onde somou sete dos 16 pontos conquistados até aqui. Em casa, o clube teve o seu único tropeço nesta edição do torneio nacional, ganhou do Remo-PA e Athletic Club-MG, mas empatou contra o Caxias-RS.

Durante a semana, o meia-atacante Dudu falou sobre a partida desta tarde. O atleta, o qual foi o autor de um dos gols da vitória do jogo passado, vestiu a camisa do Tubarão da Barra em 2022. Pelo Ferroviário, Dudu fez 16 partidas e marcou dois gols.

“O Paulinho Kobayashi é um bom técnico e conhece bem o clube. Já passei por lá e conheço as características da equipe cearense. Vai ser um jogo difícil, mas creio que a gen-

■ O Ferroviário vem de duas vitórias seguidas, em recuperação na competição, buscando melhorar a sua posição na tabela e promete dificultar ao máximo as ações do Botafogo, no Almeidão

te vai trabalhar para superar todas as adversidades. Seja chuva, como aconteceu no último jogo, seja o calor das 16h30 ou mesmo questões técnicas. Mas vamos estar preparados”, afirmou o jogador do Belo.

O adversário

O Ferroviário faz uma campanha de recuperação na Série C. A equipe cearense venceu as duas últimas rodadas do torneio. Nas outras quatro, havia perdido três e empatado uma. Assim, chega embalado para o jogo de hoje. Apesar de nunca ter vencido o Botafogo atuando em João Pessoa, por jogos oficiais, segundo o site ogol.com.br, a expectativa é somar pontos contra um dos favoritos ao acesso.

A mudança de comportamento do time Coral tem relação com seu novo treinador, Paulinho Kobayashi, que voltou ao clube após ter conquistado o título da Série D em 2023. Em três jogos nesta edição da terceira divisão, o técnico perdeu apenas na estreia. A equipe de Kobayashi iniciou a rodada na 14ª

posição com sete pontos somados, com dois pontos a menos que o Ypiranga-RS, último time da tabela de classificação que estaria classificada ao quadrangular final.

Um dos principais atletas do Clube Coral é o atacante Ciel, que tem passagens por grandes clubes do Brasil, com maior destaque para o Fluminense-RJ. O jogador falou em entrevista antes de viajar para João Pessoa. Segundo ele, a boa sequência é fruto de muita conversa e, agora, um bom resultado fora consolida a recuperação da equipe.

“A gente estava dando muitas oportunidades aos adversários. Então tivemos uma conversa entre jogadores e comissão técnica e vimos que temos que nos cobrar mais”, afirmou o atleta em entrevista coletiva. Contra o Botafogo, o clube inicia uma sequência de jogos fora de casa. Diante do Belo, a intenção é se colocar como postulante ao acesso: “Espero que, nesse primeiro desafio fora de casa, a gente possa surpreender e conseguir um bom resultado”, ressaltou Ciel.

BRASILEIRO

Treze e Sousa jogam fora de seus domínios pela Série D

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Galo enfrenta o Potiguar-RN, neste domingo (9), pela 7ª rodada do Campeonato Brasileiro Série D. O jogo acontece na cidade de Assu-RN, no Estádio Edgard, às 15h30. Líder do Grupo A3, o Treze vai em busca da quarta vitória fora de casa no certame nacional. Até aqui, no torneio, foram cinco vitórias e um empate.

Antes de viajar para o Rio Grande do Norte, o técnico Waguinho Dias falou sobre a preparação para a partida desta tarde. Ele pediu atenção aos seus jogadores em relação ao Potiguar, mesmo a equipe estando da lanterna

e com novo treinador. Os times vão se enfrentar nas duas próximas rodadas.

“O Potiguar é uma equipe que venceu na primeira rodada e não conseguiu mais vitórias, mas trocou o treinador. Eu respeito demais o Fernando Tonet. Serão dois jogos importantíssimos para nossa classificação. [...] Acredito que dentro dos seus domínios vão buscar o resultado. Para ter alguma esperança de classificação, necessitam da vitória nesse primeiro jogo. Então vai ser desafiador, vai ser muito difícil. Talvez o estado do gramado dificulte para a gente, eles já estão acostumados a atuar por lá”, disse o treinador do Alvinegro de Campina Grande.

O adversário

O Potiguar é o lanterna do Grupo A3 na Série D. O time venceu apenas um dos seis jogos que disputou. Ainda na primeira rodada ganhou do Atlético Cearense por 2 a 1. Depois da estreia, acumulou cinco derrotas. No último jogo, o técnico Fernando Tonet comandou a equipe pela primeira vez na competição, ele substituiu Robson Melo. Diante do Treze, o novo treinador busca sua primeira vitória à frente do time do Rio Grande do Norte.

Arbitragem

Alisson Sidnei Furtado (CBF/TO) é árbitro do duelo entre Potiguar-RN e Treze. Ruan Neres Souza de Queiros

(CBF/PB) e Paulo Ricardo Alves Farias (CBF/PB) serão os assistentes. Tiago Ramos de Oliveira (CBF/PB) é o quarto árbitro.

Sousa enfrenta o Maracanã

O Sousa entra em campo, hoje, para enfrentar o Maracanã-CE, às 15h, no Estádio Prefeito Almir Dutra, na cidade de Maracanaú-CE. O jogo também é válido pela 7ª rodada da quarta divisão. Este será o primeiro encontro entre as equipes na história. Nesta edição do Campeonato Brasileiro, o Dino somou, até aqui, apenas cinco pontos. Em seis partidas, venceu uma, empatou duas e perdeu três, sendo apenas o sexto colocado, somando quatro pontos a menos

que o último time classificado para a próxima fase.

O técnico Leandro Sena falou sobre mais uma oportunidade de reverter o atual momento do Sousa. A expectativa do treinador é que a boa semana de trabalho possa ser vista durante o confronto. Ele ainda não venceu no comando do clube, acumula duas derrotas e um empate: “A gente assimilou bem a derrota da última partida, tinha que sacudir a poeira. Agora é ir para cima do Maracanã, um jogo decisivo e importante. A intenção é ir bem e com pensamento de vitória”, afirmou.

O adversário

O Maracanã faz uma campanha parecida com a

do Sousa, tendo os mesmos cinco pontos, uma vitória, dois empates e três derrotas. No entanto, fica uma posição abaixo do Dino porque tem um saldo de gols pior, marcou apenas cinco e tomou 10, obtendo saldo negativo de cinco. Já o clube paraibano fez três gols e tomou sete, somando saldo negativo de quatro.

Arbitragem

Eloane Gonçalves Santos (CBF-SE) apita o duelo entre cearenses e paraibanos. Eleutério Felipe Marques Júnior (CBF-CE) e Francisco Marcundes Mendes Simão (CBF-CE) serão os assistentes. Renato Pinheiro (CBF-CE) é o quarto árbitro.

HANDEBOL DE AREIA

Seleção conta com sete paraibanos

Estado é destaque na formação no elenco, que treina no Rio de Janeiro para o Mundial da modalidade

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A Seleção Brasileira de Handebol de Areia já está em fase de preparação para mais um desafio. Os times masculino e feminino já estão em fase de treinamento, que iniciou na última quarta-feira e vai até o dia 14, em Maricá, no Rio de Janeiro, visando a participação no Mundial da modalidade, que será disputado entre os dias 18 e 23 de junho, em Pingtan, na China. O Brasil é o país com mais conquistas mundiais do planeta, somando nove títulos alcançados pelos homens e outros seis pelas mulheres.

Comandadas pelo técnico paraibano Vinícius Oliveira, a equipe feminina tem outros quatro representantes do estado em seu elenco: Ingrid Frazão, Thais Petrucci, Cinthya Piquet e Carol Pires. Para o treinador, esta fase será crucial para alinhar os últimos detalhes e definir o grupo que irá representar o país em solo chinês na competição.

A vaga para o Mundial foi conquistada após o gru-

po sagrar-se campeão do Sul Americano.

Para Vinícius, o diferencial do time é justamente a junção de juventude e experiência, por parte das atletas que o compõem, como por exemplo, a participação da mãe e filha, as paraibanas Cinthya e Carol. Além disso, outro destaque do grupo é o entrosamento alcançado.

“A gente tem uma mescla de atletas jovens com atletas experientes, grandes talentos que estamos lapidando, e esperamos estar dando a oportunidade também para o Mundial. É um grupo que vem se fortalecendo mentalmente e com o qual a gente vem trabalhando muito a união, esse é um dos pontos que a gente acredita. Grandes equipes se fazem com grandes grupos, em termos de união, gostar umas das outras e ter um objetivo em comum, e o grupo que vai pra China é um grupo que vai ter todas essas características. Além de ser grandes atletas, precisam ser grandes pessoas”, disse o treinador.

Segundo Vinícius, durante os 10 dias de preparação, serão duas horas de treinos

na parte da manhã e na parte da tarde. A Arena da Barra, na Barra de Maricá, conta com uma moderna estrutura que engloba uma quadra principal de 42m x 32m, arquibancada com capacidade para 1.500 pessoas, 27 salas de apoio e quatro vestiários. Foi lá onde, em maio, o Brasil conquistou o título no fe-

China

Competições no masculino e feminino vão acontecer entre os dias 18 e 23 de junho, e o Brasil é o país com mais conquistas, sendo nove pelos homens e seis pelas mulheres

minino e masculino da etapa Maricá do Global Tour.

A seleção feminina está no Grupo D, junto com as seleções da Alemanha, Grécia e Porto Rico. “Temos um grupo

bem interessante, a Alemanha, atual campeã mundial, a Grécia, que já foi campeã mundial, e Porto Rico. Saem três depois desses confrontos para a próxima fase e aí sim é onde o bicho vai pegar, porque é onde temos ali grandes equipes. Mas a gente vem se preparando para isso, dentro desses ciclos de treinamentos, para, se Deus quiser, voltar com esse título”, avaliou Vinícius.

“A Carol, a Cinthya, a Ingrid e outras atletas já jogam juntas ali no clube, mas a gente tem um grupo que trabalhamos já há bastante tempo. A rotação desse grupo não é muito grande, uma peça ou outra, duas meninas ou outra, a gente está rodando para fazer com que tenha essa troca. Mas a gente tem um grupo trabalhando há quase três meses, vamos finalizar esse ciclo indo para essa competição. Então é por isso, que hoje, como eu digo, estou tranquilo porque temos um grupo fechado, porque temos as meninas treinando juntas nesses três meses para disputar o Mundial e isso pra gente é uma vitória muito grande”, completou Vinícius.

Rui
Leitão

rleitao276@gmail.com

Quando a estrela do Belo ainda não era vermelha

Assumi a condição de torcedor do Botafogo paraibano quando a sua estrela ainda era branca. Um dos nossos vizinhos na Rua Sérgio Dantas, em Jaguaribe, costumava ir assistir aos jogos de futebol no Estádio da Graça, em Cruz das Armas, ou no Estádio Olímpico, no Bairro dos Estados. Ernane Bandeira, funcionário do Banco do Nordeste, era a pessoa a quem meu pai confiava me levar ao campo para ver os jogos do Belo.

Aos 14 anos de idade passei a integrar a imensa torcida do mais querido time pessoense. Portanto, já se vão 60 anos acompanhando a trajetória futebolística do Botafogo. Durante todo esse tempo vivi grandes e gloriosas emoções, mas também amarguei decepções e curti instantes de abatimento. No cômputo geral contabilizo mais alegrias do que tristezas. O Botafogo é o time paraibano que mais títulos conquistou.

O “BELO” é a paixão de uma cidade. Muitos perguntam qual a origem desse apelido. Nas minhas pesquisas encontrei a informação de que foi em razão de um grito entusiasmado e intenso do torcedor Antônio de Abreu e Lima (Tonico) ao comemorar um belíssimo gol da equipe, no que foi acompanhado pela torcida que passou a bradar em uma só voz “belooo, belooo”. A partir daí tornou-se o grito de saudação ao time quando entra em campo.

Em 1964, ao lado do Botafogo, nove outras equipes disputavam o campeonato paraibano: Campinense, que conquistaria o penta campeonato naquele ano, Treze (vice-campeão), Auto Esporte, Santos, União, 5 de Agosto, Red Cross, Pibigás e Guarabira. Comecei pois a torcer pelo “Belo” numa época em que os dois times de Campina Grande experimentavam o apogeu, assumindo a hegemonia do futebol paraibano. No Botafogo brilhavam como principais astros: Marajó, Val, Icário, Coca Cola e Bira. O primeiro título festejado por mim como torcedor foi o de campeão do Torneio Paraíba/Rio Grande do Norte.

Só em 1979, por sugestão do cronista esportivo Ivan Tomaz, o então presidente do clube José Flávio Pinheiro Lima, colocou cor vermelha na estrela do seu escudo. O objetivo era diferenciar do homônimo carioca. A nossa estrela ficou mais bonita, com certeza.

O coração de pré-adolescente nos anos sessenta, continua batendo apaixonadamente agora no peito de um septuagenário.

Foto:Raimundo Nóbrega/Arquivo pessoal



Botafogo nesta época usava o escudo preto e branco



Foto: Ruanmárcia/CHB

Equipe feminina do Brasil mescla juventude com experiência para buscar mais um título no handebol de areia, na China

Rossana destaca participação de paraibanas

“

Temos um grupo bom aqui em João Pessoa e esperamos estar sempre com elas lá, na seleção

Rossana Marques

Para Rossana Marques, ex-treinadora da Seleção Brasileira feminina, a convocação das quatro paraibanas, que treinam no CT Rossana Marques já era esperada devido ao seu desempenho. “São atletas que estão sempre alcançando bons re-

sultados, treinando muito, com muitos títulos, sempre no pódio, então, na verdade, já esperávamos. Temos um grupo bom aqui em João Pessoa e esperamos estar sempre com elas lá, na seleção”, expressou.

“Muito treino, muita dedicação. Dizia sempre ‘não tenho São João, não tenho carnaval’, fase de treinamento e competições, perto desse período, elas podem esquecer. Elas têm que saber que, se elas querem aquilo, têm que deixar tudo. É treinar na chuva, no sol, organizar horários, treinar até tarde. Então, é um trabalho bem difícil, porque são 10 atletas que viajam e 10 atletas de um país imenso como é o Brasil, tem que ser muito boa para estar lá”, completou.

A treinadora ainda destaca que a convocação das atle-

tas serve de inspiração para as mais novas que treinam no clube. “Temos uma base forte também, já pensando na frente. O trabalho é feito justamente para isso, termos bons resultados e que elas um dia consigam chegar na Seleção Brasileira, acho que o objetivo da gente é esse, e as mais novas sonham com isso. Ficam vendo as mais velhas lá, viajando o mundo todo e isso desperta a vontade, sabe que podem e vão atrás da oportunidade de também chegar lá”, explicou.

O técnico Vinícius Oliveira destaca o trabalho desempenhado pelo preparador físico e demais especialistas para evitar possíveis lesões que propiciem desfalques à seleção. “A gente tem sempre o trabalho do preparador, que é o professor Luís Felipe, então, elas estão sempre sendo auxiliadas dentro

da parte da preparação física, sempre a gente envia as planilhas de treinos e as atletas cumprem com o pré-estabelecido que foi programado junto com ele, para a gente poder sempre ter atletas preparadas, saudáveis e prontas para uma carga de treinamento que a gente sabe que não é fácil, é sempre muito pesada”, disse.

Seleção masculina

A seleção masculina integra, junto à China, Espanha e a Tunísia, o Grupo B. Entre os convocados para defender as cores do Brasil, estão os paraibanos Bruno Oliveira, Pedro Raposo e Aldrin Oliveira, que também estão em Maricá para a fase de treinamento. O grupo acumula nove títulos mundiais ao longo das edições disputadas até aqui e, portanto, vai em busca do decacampeonato.

BOTAFOGO X PALMEIRAS

Revanche agita os bastidores do jogo

Confrontos pela Libertadores prometem ser dos mais disputados dentro e fora dos gramados pela rivalidade criada

Rodrigo Sampaio
 Agência Estado

Palmeiras e Botafogo serão adversários nas oitavas de final da Copa Libertadores. O confronto foi definido no sorteio do mata-mata da competição continental. Duelo entre brasileiros, a partida tem ares de revanche. Isso porque a rivalidade entre os clubes ganhou contornos extracampo após os cariocas perderem o Brasileirão do ano passado para os paulistas. Desde então, denúncias de manipulação, trocas de farpas e processos na Justiça marcaram a relação entre dirigentes.

“

Grande técnico, grandes jogadores... Um grande adversário... É uma revanche. Vamos jogar!

John Textor

“Grande técnico, grandes jogadores... Um grande adversário... É uma revanche. Vamos jogar!”, escreveu John Textor, acionista majoritário do Botafogo, em sua conta oficial no Instagram, após o anúncio do cruzamento.

Uniformizadas de ambos os clubes alimentam uma rivalidade desde os tempos em que as equipes disputaram juntos a Série B, em 2003.

Apesar disso, as diretorias sempre mantiveram relação amistosa, especialmente após Anderson Barros, ex-diretor de futebol do Botafogo, ir exercer a função no Palmeiras. Vinte anos depois de comemorarem juntos o acesso à primeira divisão, paulistas e cariocas protagonizaram a disputa pelo título da Série A.

Os laços, ainda que não estreitos, foram completamente desfeitos na reta final da temporada. Depois de colocar como grande favorito para vencer o Brasileirão, o Botafogo desidratou após seguidas trocas de treinador, perdeu a gordura de 13 pontos do segundo colocado e viu o Palmeiras encostar. Em confronto direto entre as equipes no Rio, a equipe alverde foi para o intervalo perdendo por 3 a 0 e conseguiu uma virada épica, vencendo por 4 a 3, com direito a show de Endrick.

Naquela partida, o Botafogo reclamou bastante de um cartão vermelho direto ao zagueiro Adryelson, quando a partida estava 3 a 1. Os cariocas ainda tiveram um pênalti desperdiçado por Tiquinho Soares antes da reviravolta histórica. Ao fim da partida, o americano John Textor reclamou da arbitragem e afirmou que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) era uma entidade corrupta. O presidente Ednaldo Rodrigues entrou com um processo contra o acionista alvinegro.

Neste ano, Textor veio a público afirmar que a existe manipulação de resultados no futebol brasileiro, afirmando que o Palmeiras era beneficiado há pelo menos duas temporadas. As alegações do acionista botafoguense são baseadas em relatórios da em-

Foto: Cesar Greco/Palmeiras



A derrota de virada para o Palmeiras por 4 a 3, no ano passado, criou um clima de muita rivalidade entre as equipes

presa francesa Good Gamel, empresa francesa especializada em checar e analisar lances de arbitragem, como cartões vermelhos, impedimentos e gols anulados, por meio de um sistema de inteligência artificial.

A denúncia motivou o Palmeiras a entrar com uma

ação na Justiça do Rio contra Textor, exigindo a apresentação de provas concretas de manipulação. Leila Pereira, presidente do clube paulista, disse considerar as alegações “uma vergonha”. “Esse senhor, com o perdão da expressão, é um idiota. O que esse John Textor está achando

é que o Brasil é uma bagunça e que as autoridades não tomam providência nenhuma. Para se coibir isso, acho que esse homem tem que ser banido do futebol brasileiro”, disse Leila, em entrevista ao programa “Roda Viva”, da TV Cultura.

Por causa da declaração,

Textor entra com ação contra Leila Pereira no Tribunal de Justiça de São Paulo, alegando “injúria e difamação”. Leila Pereira, assim como membros da CBF, também estão programados para depor na CPI da Manipulação de Resultados, aberta no Senado Federal.



Foto: Reprodução/Instagram

Neymar participando do leilão em seu Instituto que conseguiu arrecadar R\$ 21 milhões

NEYMAR

Jogador diz que nunca deixou de ser protagonista e fala sobre as lesões

Agência Estado

“Mesmo machucado, eu nunca deixei de ser protagonista”. Foi assim que Neymar Jr. definiu sua carreira ao longo dos últimos 20 anos em entrevista à Bandsports. Lesionado, o atacante do Al-Hilal está no Brasil e participou da quarta edição do leilão beneficente em prol do Instituto Projeto Neymar Jr na última segunda-feira, que arrecadou R\$ 21 milhões em prol do Instituto Projeto Neymar Jr.

Ao lado de inúmeros famosos, o jogador da Seleção Brasileira desfilou pelo tapete vermelho e falou sobre sua carreira, seu futuro no futebol e até mesmo sobre os candidatos à Bola de Ouro da atual temporada. Apesar de ter só mais um ano de contrato com o Al-Hilal, o brasileiro garante que está focado no time saudita e descarta a possibilidade de retornar ao Santos, clube que o revelou, em 2025.

“Tenho mais um ano de contrato com o Al Hilal. Espero poder fazer uma grande temporada. Fiquei fora essa

última. Vamos viver pouco a pouco. Tem muito tempo pela frente. Óbvio que o Santos é o time do meu coração, um dia quero voltar, sim, mas não tem nada planejado na cabeça.”

“Meu nome sempre está envolvido em muitas coisas”, brincou Neymar ao ser perguntado sobre o seu protagonismo no mundo do futebol. O atacante, alvo de polêmicas recentes ao discutir com a atriz Luana Piovani e o comediante Diogo Defante, lamentou a série de lesões sofridas nos últimos seis anos que, segundo ele, prejudicaram sua carreira e até mesmo lhe tiraram a chance de disputar uma Bola de Ouro.

“Tive um pouco de azar, pois ando me machucando gravemente há seis anos. Essas lesões me prejudicaram”, afirmou. “Ficar longe do gramado é muito ruim. Nunca fiquei tanto tempo fora, é uma lesão muito grave”. Apesar de reconhecer que os machucados minaram as possibilidades de sua carreira, Neymar afirma não se chatear com o ocorrido.

“O futebol não foi injusto comigo, muito pelo contrário. O futebol me deu tudo o que eu tenho hoje. Não tenho nada do que reclamar. A Bola de Ouro é um sonho de todo o jogador, mas não é o máximo de tudo. Só de você ter o respeito das pessoas, já vale a pena.”

O brasileiro também lamentou sua ausência na lista de convocados para a Copa América, mas garantiu que confia no time escolhido por Dorival. “É muito ruim ficar fora, obviamente, mas estamos na torcida. Espero que o Brasil possa ganhar. Tem time para isso, jogadores de muita qualidade. Espero que o Dorival faça um grande trabalho com todo mundo. Estarei na torcida.”

Neymar Jr. não escondeu sua predileção sobre seu compatriota e amigo, o atacante do Real Madrid Vinícius Jr. “A Bola de Ouro é dele”, enfatizou Neymar. “Fico na torcida, mandei mensagem para ele antes e pós-jogo. É um grande amigo que o futebol me deu e, com certeza, será coroado com a Bola de Ouro.”

COPA DO NORDESTE

Fortaleza pode se tornar tricampeão

Time cearense tem a vantagem de até perder por um gol diante do CRB, que busca o seu primeiro título no torneio

Foto: Leonardo Moreira/Fortaleza

O Fortaleza entra em campo, hoje, a partir das 16h30, no Estádio Rei Pelé, em busca do seu terceiro título na Copa do Nordeste, na decisão contra o CRB que ainda não conseguiu nenhuma conquista. No jogo de ida, o time cearense, atuando no Castelão, venceu por 2 a 0 e agora pode até perder por um gol de diferença que fica com o título. O CRB precisa vencer por três gols de diferença para alcançar inédito título da Copa do Nordeste ou por dois para a decisão acontecer nas penalidades. A transmissão será pelo SBT e ESPN.

Em 18 finais de Copa do Nordeste com partidas de ida e volta, nunca uma vantagem de dois gols foi revertida.

As viradas

Somente em duas das 18 finais com dois confrontos um time que perdeu a ida conseguiu ser campeão: em 1998, o América de Natal foi supera-

do por 2 a 1 em Salvador, na primeira partida. Azarão contra um Rubro-Negro baiano que tinha o sérvio Petkovic no elenco, o time potiguar fez 3 a 1 em Natal e ficou com o troféu, o único do Nordeste que um time do Rio Grande do Norte possui.

“É uma vantagem boa (do Fortaleza), eu queria estar ganhando por 2 a 0. Mas temos exemplos de situações como essas que podem ser revertidas. Vamos precisar de uma defesa mais sólida, e ter equilíbrio. Não podemos só atacar, é preciso equilíbrio”, disse Daniel Paulista, técnico do CRB, após a partida de ida no Castelão à imprensa. Emerson Ricardo de Almeida, da Bahia, apita a partida entre CRB e Fortaleza, sendo auxiliado por Alessandro Álvaro (BA) e Daniela Coutinho (BA). A CBF vai pagar uma cota de R\$ 2,09 milhões ao campeão do Regional, e R\$ 1,3 milhão ao vice.



No primeiro jogo, o Fortaleza se impôs e mostrou a força de seu poderoso elenco para vencer o CRB por 2 a 0 e hoje entra de novo como favorito

CAMPEÕES DA COPA DO NORDESTE

Bahia: 4 títulos (2001, 2002, 2017 e 2021)
Vitória: 4 títulos (1997, 1999, 2003 e 2010)
Ceará: 3 títulos (2015, 2020 e 2023)
Sport: 3 títulos (1994, 2000 e 2014)
Fortaleza: 2 títulos (2019 e 2022)
América-RN: 1 título (1998)
Campinense: 1 título (2013)
Santa Cruz: 1 título (2016)
Sampaio Corrêa: 1 título (2018)

Livraria
AUNIÃO
 Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



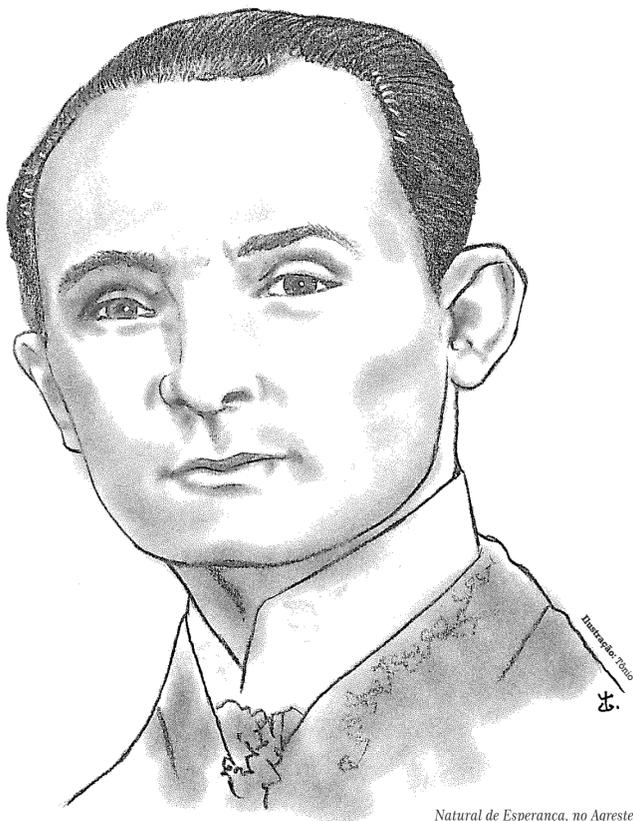
www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

marketing epc



Silvino Olavo

Poeta e escritor paraibano dotado de “uma inteligência multiforme”



Natural de Esperança, no Agreste paraibano, foi durante a formação acadêmica que Olavo mais produziu textos jornalísticos, críticas literárias, assim como os seus primeiros sonetos

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A atividade pública de Silvino Olavo foi descrita por um de seus biógrafos, o poeta e escritor Rau Ferreira, como metódica. De fato, o seu trabalho na literatura, no direito, no jornalismo e na política foi tão intenso quanto breve. Ainda assim, o “Sol”, rubrica que costumava utilizar para assinar suas poesias, foi assinalado no rol de paraibanos cuja memória e obra não se apagam.

Silvino Olavo é considerado uma das figuras ilustres de Esperança, no Agreste paraibano, local onde nasceu, em 1897, e que, anos depois, contribuiria para a emancipação política do município, graças à influência junto ao então presidente do estado, João Suassuna. Foi somente aos 18 anos, quando os pais se mudaram da Fazenda Lagoa do Açude para a cidade, que o jovem Silvino “teve o primeiro contato com as letras e a oratória”, no Externato do casal Joviniiano Sobreira e Maria Augusta. Segundo Rau Ferreira, naquele tempo, fazendeiros como o pai de Silvino Olavo costumavam contratar professores para ensinar seus filhos e de moradores locais a ler e fazer as contas simples. Foi isso que provavelmente aconteceu com o poeta esperancense, ao ingressar no externato para complementar sua educação formal.

O bom desempenho e uma possível desilusão amorosa o levariam até a capital paraibana, onde daria continuidade aos estudos no Colégio Pio X. “Naquela escola fora agraciado com a medalha de honra por sua dedicação estudantil, sendo ainda muito atuante no grêmio A Arcádia”, relata Ferreira. Segundo o biógrafo, Silvino Olavo publicaria seus primeiros escritos na revista mantida pelo grêmio estudantil.

Concluído o curso ginasial na capital paraibana, Olavo partiria, em 1921, para a então capital da República, a fim de cursar Direito no Rio de Janeiro. Nesse período, ele trabalhou nos Correios e na revisão de jornais, assim como assinalando seu nome em revistas literárias cariocas, como *Fon-Fon*, *Brasil Social*, *Mundo Literário* e *Nação Brasileira*, com as quais foi colaborador. Conta-se que o paraibano dominava o português clássico, além do francês, alemão, inglês, grego e latim.

A professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Simone Batista, desenvolveu amplo estudo sobre a trajetória intelectual de Silvino Olavo por conta do seu mestrado. Ela afirma que foi durante a formação acadêmica que o poeta e escritor mais produziu textos jornalísticos, críticas literárias, assim como os primeiros sonetos. Além de uma profunda análise, a pesquisadora revela uma outra face da personalidade de Olavo: “Apesar de suas obras poéticas expressarem comumente sentimentos de dor, amargura, melancolia, tristeza, solidão, Silvino possuía um notório senso de humor, meio pitoresco, e porque não dizer, ácido e debochado”.

Simone Batista e Rau Ferreira concordam em relação à multiplicidade de papéis sociais exercidos por Silvino. Simone, ressaltando que o agir do intelectual trazia marcas do período histórico da efervescência política e cultural em que viveu; Rau, salientando a inquietação patente dos afazeres do autor, assim como da própria vida e obra, que o tornava “uma inteligência multiforme”.

No Direito, o brilhantismo de Silvino Olavo pôde ser vislumbrado já por ocasião da conclusão do curso na Universidade do Rio de Janeiro, em 1924.

O paraibano foi escolhido para ser orador da turma e pronunciou “um bem elaborado discurso-tese, intitulado *Socialização e estética do Direito*, como informou o periódico *Fon-Fon*.”

O bacharel formado apontou, em seu discurso, a necessidade de uma reforma constitucional no país e identificava como maior problema do Brasil “ter continuado o espírito de uniformidade e simetria do velho sistema imperial, dando uma mesma autonomia a todos os estados, a despeito da estrutura social ou da cultura política que porventura tenha cada um deles”.

‘A Bagaceira’

De volta à Paraíba, em 1925, com “a alma povoada de sonhos e os ouvidos ressonantes de harmonias novas”, Silvino Olavo desenvolveu ainda mais suas habilidades na imprensa, assumindo, a pedido de José Gaudêncio, o cargo de redator-chefe do matutino *O Jornal*. No suplemento *Arte e Literatura*, de **A União**, escreveu sobre importantes figuras e obras de seu tempo, dentre as quais uma resenha sobre o livro *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, que Silvino se orgulhava de ter sido o primeiro a receber e a destacar o valor da obra.

“*A Bagaceira* é obra sem modelo no nosso país. Sua forma estará sempre presente a seu próprio espírito. E dele não se separará jamais”, escreveu Silvino Olavo na edição do jornal de 21 de abril de 1928. E prosseguiu: “Quem quiser conhecer essa humanidade do Nordeste em sua essência íntima, manifestando-se e se desenvolvendo sempre identicamente, é nesse livro imortal que há de encontrar uma imagem fiel e nítida, como não a deram nunca os seus historiadores e os seus poetas. É o documento mais profundo de nossa realidade”.

Além de crítico, Silvino Olavo manteve intensa produção literária, publicando re-



Olavo (ao centro, com o livro no braço) cercado dos colegas da Tertúlia Acadêmica, em 1923

gularmente suas poesias em periódicos locais ou nacionais. Além de *Cisnes*, publicou o livro *Sombra Iluminada*, ambos de poesia, e *Cordialidade*, de estudos literários.

Conciliava todas essas tarefas com a função de oficial de gabinete do presidente João Suassuna e, depois, também de João Pessoa. Na política, além dessa assessoria, também escrevia artigos para a imprensa, manifestando suas ideias políticas.

Rau Ferreira destaca que um dos textos mais polêmicos foi *A questão dos impostos Parahybano*, publicado no jornal pernambucano *A Província* e reproduzido no *Jornal A União*. Silvino Olavo fazia a defesa dos interesses do Governo da Paraíba, rebatendo os argumentos contrários à nova forma de tributação estipulada: “O que a Paraíba está fazendo atualmente não é nada mais, nada menos, do que resistir com um ato instintivo de conservação”.

Outro texto emblemático envolvendo questões de política nacional foi o artigo *As razões do négo parahybano*, publicado no

Diário Carioca, em 24 de agosto de 1930, no qual, segundo Ferreira, se utilizou pela primeira vez na imprensa do país a expressão que, futuramente, figuraria na bandeira do estado da Paraíba.

Silvino diz que o “négo” de João Pessoa à candidatura do paulista Júlio Prestes para a Presidência da República (que rompia com política de alternância de poder entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, conhecida como política “Café com Leite”), não havia sido “um grito de última hora”, mas uma atitude do paraibano sujeita a razões da consciência do “valor coletivo de toda a população sofredora do Nordeste”.

Após enaltecimento os feitos de João Pessoa como cumpridor de uma “missão tão gloriosa quanto árdua”, concluiu: “Seu nome é, portanto, uma bandeira de redenção. Nenhum filho do Nordeste, cujo espírito seja sensível aos segredos da evolução nacional, poderá desertar, sem quebra da própria dignidade, as fileiras que irão combater, à sombra dessa bandeira, pela segunda República”.

Versatilidade

Apesar de conterrâneo de Silvino, o biógrafo Rau Ferreira confessa que descobriu essa polivalência de seu biografado a partir de uma crítica que fazia ao fato de haver muita menção à memória do poeta, enquanto outros autores do município não eram lembrados. Quando foi pesquisar mais a fundo, mudou de opinião e deparou-se com uma figura de grande importância.

“Silvino Olavo mostra-se versátil, pois trata de assuntos como o evolucionismo (revista *A Época*, 1923), comércio marítimo (*Diário da Manhã*, 1923), folclore e violeiros do Norte (**A União**, 1926), crédito agrícola, indústria falimentar, usura, sistema Raiffeisen e imposto territorial (**A União**, 1928), além da função social da fortuna (**A União**, 1929), e muitos outros”, justifica Ferreira.

O vigor de Silvino, no entanto, começou a definir já por ocasião de seu casamento, em 1929. Os relatos são de que, na noite de núpcias, as primeiras crises esquizofrênicas o fizeram investir contra a esposa para tentar matá-la com um revólver. Em outro episódio, no mesmo ano, ao desembarcar do navio no Porto do Recife para uma conferência da Convenção Nacional da Aliança Liberal, Silvino trazia a mala na cabeça e demonstrava comportamento “estranho” e certo nervosismo.

Após a morte de João Pessoa, Olavo foi internado na Colônia Juliano Moreira, por onde passaria sucessivas vezes até sua interdição e posterior transferência, a pedido de familiares, para tratamento domiciliar em sua terra natal. Faleceu em 26 de outubro de 1969, por complicações renais, em Campina Grande, deixando inéditos alguns poemas, que foram reunidos na obra *Badiva*, lançada em 1997 por ocasião de seu centenário de nascimento. Silvino Olavo é patrono da cadeira nº 35 da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), atualmente ocupada por Rau Ferreira.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

O excesso de informação também cega

Temos tanta informação ao nosso alcance, mas nossa mente fica em branco muitas vezes, feito a tela em que tentamos digitar algo. Isso ocorre porque o excesso de informação é uma espécie de cárcere: há tanto, sobre tudo e todos, que fica difícil encontrarmos um ponto de fuga, algo em que focar. A informação leva-nos à clareza e a um melhor discernimento sobre o mundo; leva-nos à luz, é fato. Mas o excesso de luz cega. Inclusive, do ponto de vista biológico, muitos problemas de visão podem ser causados pela luz em demasia.

No livro *Sociedade da Transparência*, o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han afirma que mais informação e mais comunicação não “clarificam o mundo”. Para Han, o excesso de informações não gera verdade. Afinal, “quanto mais se liberam informações tanto mais intransparente torna-se o mundo. Por isso, a hiperinformação e a hipercomunicação não trazem luz à escuridão”.

Em outra obra de sua autoria, *A Crise da Narração*, o pensador sul-coreano levanta a refletir sobre o fato de que a sociedade, hoje, está perdendo a capacidade de criar narrativas significativas. E tal se dá também devido ao excesso de informação. Quando você abre o TikTok ou o Instagram, por exemplo, há uma infinidade de pessoas e marcas “contando histórias”, ou imaginando que estão a fazer isso.

Na visão de Han, no entanto, toda essa produção de conteúdo (especialmente fo-



Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, o excesso de informações não gera a verdade

tos e vídeos), e em um ritmo cada vez mais acelerado, é excessiva. É um amontoado de dados apenas, que se assemelha a uma sucata, um “depósito abarrotado de nenhuma dessas narrativas contemporâneas que vemos nas redes sociais é significativa (ao contrário das histórias que ouvimos de nossas avós, mães e

ou informações não tem uma história. Ele não é narrativo, mas cumulativo”.

Além de não contar história alguma, de verdade mesmo, pois praticamente nenhuma dessas narrativas contemporâneas que vemos nas redes sociais é significativa (ao contrário das histórias que ouvimos de nossas avós, mães e

tias durante um almoço em família e que ficaram guardadas em nossa memória até hoje), o excesso de informação tende a dificultar nossas escolhas. E isso provoca um desgaste cognitivo em nossos cérebros, seja em nossa busca por conteúdo de qualidade, seja na hora de comprar algum produto ou serviço.

Sobre isso, relembro o conceito de Paradoxo da Escolha: quanto mais opções nós possuímos, maior a tendência de que nossa opção seja equivocada, gerando insatisfação. Tal paradoxo vale também para nosso acesso a dados e informações. O excesso pode nos aprisionar em um ambiente informacional confuso, tumultuado e que nos deixa alheios ao que, realmente, interessa.

Curtinhas

■ O Prêmio Sebrae de Jornalismo (PSJ) está com inscrições prorrogadas até amanhã. Em sua 11ª edição, o concurso aceita a submissão de trabalhos jornalísticos veiculados de 5 de junho de 2023 a 2 de junho de 2024. Os interessados podem se inscrever no site oficial da premiação (premiosebraejornalismo.com.br);

■ O Instituto Palavra Aberta lançou uma publicação que pode auxiliar jornalistas e educadores com os temas desinformação e crise climática. O livro digital *Cinco Contribuições da Educação Midiática ao Entendimento da Crise Climática* está disponível gratuitamente no site da entidade (www.palavraaberta.org.br).

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os conjuntos vocais – XX

O grupo Os Três do Nordeste foi criado em Campina Grande, na Paraíba, em 1969, com o nome inicial de Trio Estrela do Norte, que buscava ainda fazer permanecer o lume de Augusto Calheiros, a Patativa do Norte, mas que, evidentemente, era um nome muito sofisticado para um grupo de forró. Certamente por essa razão, até por sugestão dos seus primeiros apresentadores em auditórios radiofônicos, passou a se chamar de Trio Luar do Sertão.

Originalmente, faziam parte do conjunto os músicos Zé Pacheco (vocal e sanfona), Zé Cacau (triângulo) e Parafuso (zambumba). Tentando a sorte, do interior do Nordeste eles rumaram para o Rio de Janeiro e passaram a se apresentar na Central do Brasil, onde a presença nordestina era mais concentrada.

Foi por quase uma obra do acaso que, quando O Trio Nordestino trocou a CBS pela Copacabana, em 1972, o paraibano de Taperoá, Abdias, então produtor musical já conhecido no Nordeste, buscava um grupo que o substituisse e, com a indicação de Jackson do Pandeiro, apresentou Os Três do Nordeste como credenciados e adequados à tarefa. Foi quando o vocal foi assumido por Zé Cacau, e o grupo lançou o primeiro álbum (LP) pela Entrê/CBS, *É proibido cochilar* (cujo título foi baseado na canção homônima do conterrâneo Antônio Barros).

Em 1978, já na gravadora Uirapuru/CBS, lançou o álbum (LP) *Por baixo dos panos*



Formação original de Os Três do Nordeste (da dir. para esq.): Parafuso (zambumba), Zé Cacau (triângulo) e Zé Pacheco (vocal e sanfona)

(agora com base na música da esposa de Antônio Barros, a Cecéu). Essa formação durou até 1979, quando começou a diversificar os seus componentes.

Definitivamente, o grupo desfez-se, em 2006, quando o último remanescente fundador (Parafuso) faleceu, aos 76 anos. O grande sucesso de Os Três do Nordeste,

com certeza, foi “Homem com H” (composição de Antônio Barros), que alcançou imensa popularidade na versão interpretada por Ney Matogrosso, em 1981.



Eita!!!!

Pulp Fiction — Tempo de Violência

Segundo longa-metragem dirigido pelo hoje cultuado Quentin Tarantino (o primeiro foi *Cães de Aluguel*, em 1992), *Pulp Fiction* — *Tempo de Violência* foi um marco na Meca do cinema de Hollywood, principalmente para as produções independentes. Neste ano, o filme comemora três décadas desde sua estreia, em maio de 1994, no Festival de Cannes, na França. *Pulp Fiction* conta de maneira não linear as histórias de dois capangas, Vincent Vega (John Travolta) e Jules Winnfield (Samuel L. Jackson), a serviço do mafioso Marsellus Wallace (Ving Rhames), que está “comprando” a derrota em uma luta do pugilista Butch Coolidge (Bruce Willis). Uma das marcas registradas de Tarantino e do filme são as referências de um caldeirão *pop* que reside nos cenários, diálogos afiados e sequências, que vão desde outros gêneros e clássicos do cinema, passando pela música, desenhos animados e, evidentemente, a literatura barata (*pulp*), que empresta o nome ao longa-metragem.

Palma de Ouro

No Festival de Cannes, *Pulp Fiction* desbancou um dos favoritos à Palma de Ouro daquela edição, o drama francês *A Rainha Margot*. Por conta disso, chegou a ser vaiado pelo público presente. Já no Oscar, ele foi indicado em sete categorias (Melhor Filme, Diretor, Ator para Travolta, Ator Coadjuvante para Samuel L. Jackson, Atriz Coadjuvante para Uma Thurman e Montagem), ganhando apenas como Melhor Roteiro Original (o que o próprio Tarantino previu em seu discurso de agradecimento, ao lado do roteirista Roger Avary). Na maioria das categorias, perdeu para *Forrest Gump*.

Retorno de Travolta

O filme também foi responsável pelo “resgate” do astro John Travolta (ele ganhou um cachê de 150 mil dólares para atuar), que estava esquecido pelo grande público e protagonizou uma série de longas de sucesso de bilheteria naquela década. No “universo tarantinesco”, o personagem Vincent Vega é irmão de Vic Vega, o Mr. Blonde de *Cães de Aluguel*, interpretado por Michael Madsen (inclusive, teria um filme sobre os dois, que não vingou).

Produção da Disney?

Com um orçamento estimado em cerca de oito milhões de dólares (faturou mais de 200 milhões de dólares nas bilheteiras ao redor do planeta), outra curiosidade era de que a produção “desbocada” e cheia de violência era da Disney. Para ser mais específico, no começo dos anos 1990, a produtora e distribuidora independente Miramax foi adquirida pela empresa dona do Mickey Mouse. Além de *Pulp Fiction*, foram produzidos e/ou distribuídos pela Miramax filmes como os “oscarizados” *O Paciente Inglês* (1996), *A Vida É Bela* (1997), *Shakespeare Apaixonado* (1999) e *Chicago* (2002), além de ser responsável pelo êxito do brasileiro *Cidade de Deus* (2002) nos EUA.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - rtilho; 2 - barba; 3 - remendo na bandeira; 4 - nível do mar; 5 - coco; 6 - ilha; 7 - nuvem; 8 - barbatana; 9 - posição da assinatura.

SIRI

Assistente digital realizará tarefas complexas com IA

Próxima versão poderá controlar funções individuais dentro de aplicativos

Henrique Sampaio
 Agência Estado

A próxima versão do assistente digital Siri, da Apple, poderá controlar funções individuais dentro de aplicativos a pedido do usuário, de acordo com fontes anônimas consultadas pela agência de notícias Bloomberg. Embora não seja um *chatbot*, o recurso, implementado a partir do uso de inteligência artificial generativa, será um dos destaques da Apple para competir com a OpenAI (do ChatGPT), Google e outras concorrentes.

Com a nova atualização, a Siri será capaz de fazer ajustes finos e navegar no sistema operacional do iPhone ou iPad com maior precisão, abrindo documentos específicos, movendo arquivos, enviando ou deletando e-mails, abrindo uma notícia específica, solicitando resumos de um artigo aberto, dentre outras possibilidades.

A capacidade ampliada da assistente digital será um dos destaques da Apple em sua estratégia com IA, que será revelada amanhã, na conferência WWDC. Outras funções que estão sendo preparadas pela companhia são transcrições, resumos de conteúdos e notificações lidos em voz alta, respostas automáticas a mensagens, edição avançada de fotos e *emojis* gerados por IA.

Em um primeiro momento, a nova Siri será capaz de realizar um comando por vez, mas a Apple espera permitir que os



Foto: Julio Cesar Petes

Siri será capaz de navegar no sistema operacional do iPhone ou iPad com maior precisão, abrindo documentos específicos, enviando ou deletando e-mails, dentre outras novidades

usuários consigam combinar diferentes solicitações, como resumir o conteúdo de uma chamada de vídeo e enviar os detalhes para um amigo, de uma única vez.

Lançamento em 2025

Atualmente, a Siri não é capaz de realizar comandos avançados dentro de aplicativos, limitando-se a coisas como controles de música ou ligar e desligar objetos inteligentes conectados à rede, como TVs e lâmpadas. Além disso, desde 2018, a Apple permite que os usuários criem manualmente comandos baseados em voz que sirvam de atalho para aplicações por meio da Siri.

Com a nova atualização, a assistente será capaz de analisar a forma como os usuários fazem uso do dispositivo e automatica-

mente ativar recursos. Inicialmente, apenas aplicativos da própria Apple farão uso da nova função, cujos comandos serão expandidos ao longo do tempo.

Apesar do anúncio planejado para amanhã, o controle de aplicativos via inteligência artificial

só deve ser lançado em 2025, juntamente com uma atualização do iOS 18, segundo fontes ouvidas pela Bloomberg. A nova versão do sistema operacional do iPhone e iPad, deve ser lançada em setembro, juntamente com os novos modelos de iPhone.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: embarcação (2) = ita + mamífero (2) = coati (quati) + pedra do altar (2) = ara. Solução: desenho rupestre (6) = itacoatiara (=itaquatiara). **Charada de hoje:** Um mingau (2) qualquer não satisfazia àquele rapaz alegre (2) que reclamava feito uma ave psitasiforme.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

